UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA

GABRIELA SOARES DA SILVA

A CONSTELAÇÃO DO CAPRIURO,
DE FAZIL ISKANDER:
Tradução e comentário

Versão corrigida

São Paulo
2011

GABRIELA SOARES DA SILVA

A CONSTELAÇÃO DO CAPRIURO,
DE FAZIL ISKANDER:

Tradução e comentário

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Literatura e Cultura Russa do departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Literatura e Cultura Russa.

Orientador: Prof. Dr. Noé Silva

De acordo,

Orientador: Prof. Dr. Noé Silva

São Paulo

2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Silva, Gabriela Soares da
A constelação do capriuro, de Fazil Iskander: tradução e comentário / Gabriela Soares da Silva ;
Orientador Noé Silva. - São Paulo, 2011.
181 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Literatura
e Cultura Russa.

1. Iskander, Fazil Abdulovitch. 2. Literatura Russa. 3. Literatura Soviética. 4. Tradução. I.
Título II. Silva, Noé.

A CONSTELAÇÃO DO CAPRIURO, DE FAZIL ISKANDER: **TRADUÇÃO E COMENTÁRIO**

GABRIELA SOARES DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Literatura e Cultura Russa do departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Literatura e Cultura Russa, aprovada pela Banca examinadora constituída dos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Dissertação aprovada e defendida em ____/____/____

*Dedico este trabalho a Tiago,
aos meus pais e irmãos*

Agradecimentos

À FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo suporte financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Noé Silva por aceitar e compartilhar, com apoio e dedicação, o desenvolvimento deste trabalho.

À Profa. Dra. Elena Vássina que me inspirou e despertou a curiosidade pela literatura russa contemporânea e contribuiu de maneira fundamental desde o início.

Ao professor Bruno Gomide pelo conhecimento inesgotável e pelas colaborações e sugestões.

À Denise de Sales e Euro de Barros pelos valiosos comentários e sugestões feitos na banca examinadora desta dissertação.

Aos meus pais, irmãos e amigos queridos, Paula, Paulo, Juliana, Flávio, Polyana, Bárbara, Danilo, Ligia, Maria e aos demais colegas do curso de Russo.

A Tiago, especialmente, pelo apoio e entusiasmo, pela presença em todos os momentos, pelas contribuições e paciência incansável.

A todos os professores do curso de Russo e a todo o Departamento de Letras Orientais.

O que os homens querem aprender com a natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos outros homens.

Adorno e Horkheimer

SILVA, G. S. *A constelação do capriuro, de Fazil Iskander: tradução e comentário*. 2011. 181 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Resumo

Fazil Iskander (1929-) é um dos mais representativos escritores soviéticos remanescentes da geração do degelo. Devido ao desconhecimento deste autor no Brasil, este trabalho consiste na tradução da novela que lhe deu notoriedade, precedida por uma apresentação e comentário: *Sozvezdie Kozlotura*, em português, *A constelação do capriuro*, de 1966. Apesar de pertencer à tradição satírica russa, junto a nomes como Nikolai Gógol e Mikhail Bulgákov, a prosa de Iskander carrega as singularidades da sua origem não-russa. A sua terra natal, a Abkházia, com a sua história e costumes, além de reverberarem na obra do autor, entrecruzam-se com a cultura russo-soviética numa relação complexa que dá às suas narrativas um carácter único. Neste trabalho, foram analisados os elementos que tornam a sátira de Iskander tão inovadora.

Palavras-chave: Fazil Iskander; Literatura Russa; Literatura Soviética, Literaturas Estrangeiras Modernas; Tradução.

SILVA, G. S. *The goatibex constellation of Fazil Iskander: translation and commentary*. 2011. Master Thesis. 181 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Abstract

Fazil Iskander (1929-) is one of the most representative remaining writers of the Thaw Generation. Due to the lack of recognition of this author in Brazil, the present dissertation consists in the translation of the short-novel that has made him internationally renowned, preceded by a presentation and commentary: *Sozvezdie Kozlotura* from 1966, or *A constelação do Capriuro* in Portuguese. Though the prose of Iskander belongs to the Russian satire tradition, along with names like Nikolai Gogol and Mikhail Bulgakov, it carries the singularities of his non-Russian origin. His motherland, Abkhazia, with its proper history and *customs*, besides reverberating on his works, entwines itself with the Russian-soviet culture in a complex and tense relationship that gives these narratives their unique nature. In this research, it is analyzed the characteristics that make the satire of Iskander so innovative.

Key-words: Fazil Iskander, Russian Literature, Soviet Literature, Foreign Modern Literature, Translation.

Sumário

Introdução.....	9
A Abkházia	26
Sátira e nostalgia	29
Identidade cultural e literária.....	47
Algumas considerações sobre a tradução.....	53
A constelação do capriuro.....	55
Considerações Finais.....	174
Referências Bibliográficas	175

Introdução

Fazil Abdulovitch Iskander nasceu em 1929, na capital da Abkházia, Sukhum, localizada na costa Leste do Mar Negro e a noroeste de Tbilisi, capital da Geórgia. Passou a infância alternando entre a cidade em que nasceu e a aldeia nas montanhas onde viviam seus parentes. O pai, Abdul Ibragimovitch Iskander, trabalhava em Sukhum, mas, em 1938, foi deportado para o Irã por ser de origem persa. Foi exilado para uma ilha do Golfo Pérsico e condenado a trabalhos forçados, vindo a falecer em 1957. Por conta disso, Iskander viveu muito pouco tempo com o pai, somente tendo notícias dele após a sua morte. Em consequência, a educação que recebeu foi predominantemente influenciada pela mãe, Leuli Khassanovna, e a sua família, de ascendência abkhaziana.

O escritor é bilíngue desde a infância, domina tanto o abkhaziano quanto o russo, que se deve a sua formação em escola russa, concluindo-a com medalha de ouro. Em 1948, foi para Moscou e ingressou no Instituto Estatal de Bibliotecas. Nessa época já havia começado a escrever poesia e, em 1951, matriculou-se no Instituto de Literatura Maksim Gorki, concluindo-o em 1954. Nesse Instituto, estudou ao lado de Evgueni Evtuchenko, Bella Akhmadulina e Iunna Morits¹.

Após graduar-se, Iskander foi enviado para Brianski, onde trabalhou como colaborador literário para o jornal *Brianskii komsomolets* (O komsomol de Brianski) de 1954 a 1955; em seguida foi para Kursk e trabalhou para o *Kurskaia Pravda* (A verdade de Kurski) de 1955 a 1956.

Em 1956, publicou seu primeiro conto na revista *Pioner* (Pioneiro) *Pervoe delo* (Primeira tarefa). Retornou a Abkházia e trabalhou na *Abkhazkii Gossudarstvennoe Izdatelstvo* (Editora Estatal Abkhaziana), em Sukhum. No ano seguinte, saiu seu primeiro livro de poemas *Gornye tropy* (Caminhos montanhosos) pela *Abgossizdat*. Nesse mesmo ano, ingressou na União dos Escritores e lançou outra coletânea, *Dobrota Zemli* (Bondade da terra). No final dessa década, Iskander passou a publicar na revista

¹ Evgueni Alekssandrovitch Evtuchenko (1933-) Além de poeta, é escritor , ensaísta e ator russo. Escreveu o poema *Babii Iar*, famoso durante *O degelo*.

Bella (Izabella) Akhatovna Akhmadulina (1937-2010) poeta, escritora e tradutora, está entre os maiores poetas russos da segunda metade do século XX.

Iunna Petrovna Morits (1937-) poeta russa, ficou conhecida pelas traduções que fez para a língua russa de poemas de diversas línguas.

Iunost (Juventude) cujo redator chefe era Valentin Katáiev. Para esse periódico também escreviam Vassili Aksionov, Anatoli Gladilin e Andrei Voznessenski.²

Entretanto, Iskander ficou pouco tempo na Abkházia. Em 1962, retornou a Moscou e tornou-se escritor regular da *Iunost*. Até então, a produção do autor era majoritariamente poética, porém, naquele mesmo ano, publicou dois contos na revista. Além dessa publicação, também teve trabalhos nas revistas *Nedielia* (Semana) e *Novyi Mir* (Novo Mundo). Nessa época surgiram contos como *Petukh* (O galo), *Rasskaz o more* (Um conto sobre o mar), *Doljniki* (O devedor) e *Moi diadia camykh tchestnykh pravil* (Meu tio costuma ser o mais honesto).

Devido à receptividade das suas narrativas, o autor passou a ser conhecido eminentemente como prosador. A obra responsável pela sua notoriedade como escritor foi a novela *Sozvezdie kozlotura* (A constelação do capriuro), publicada primeiramente na revista *Novyi Mir*, em 1966, e posteriormente em livro, no ano de 1970. Foi durante o período em que trabalhou como jornalista em Kursk, escrevendo artigos para a seção de agricultura, vendo de perto a catástrofe das políticas de desenvolvimento rural empregadas por Khruchev, que Iskander começou a fermentar as idéias que mais tarde dariam origem a *Sozvezdie kozlotura*. A novela trata da criação de um novo animal, nos recantos montanhosos da Abkházia, que supostamente resolveria todos os problemas econômicos da URSS, uma sátira mordaz à política, à figura do líder Khruchev e às idéias, ainda em voga na época, do agrônomo e geneticista Trofim Denissovitch Lysenko (1898-1976). Afora a sátira, esse trabalho também traz uma combinação entre a cultura soviética e abkhaziana, além do lirismo digressivo que estarão presentes nas suas obras posteriores, características pelas quais seu trabalho ficou conhecido.

No mesmo ano de *Sozvezdie kozlotura*, o escritor publicou suas primeiras coletâneas de contos *Zapretnyi plod* e *Trinadtsatyi podvig Gerakla* (O fruto proibido e O décimo terceiro trabalho de Hércules). Em 1969 lançou mais dois volumes de poesia: *Zelenyi dojd* e *Lietnii les* (Chuva verde e Floresta de verão). No início da década seguinte, publicou os livros que fazem parte, pode-se dizer, do seu ciclo de histórias

² Vassili Pavlovitch Aksionov (1932-2009), autor de *Zviozdnyi bilet* e *Moskva kva kva*, fez parte do movimento contra cultural russo no período da desestalinização.

Anatoli Gladilin (1935-) prosador e poeta, um dos mais promissores escritores do degelo, foi obrigado a emigrar durante a era Brejnev, vive na França até hoje.

Andrei Adreievitch Voznessenski (1933-2010), célebre poeta da geração de 60 russa, conhecido pela excepcionalidade da sua poesia, com metáforas excêntricas e ritmo complexo, que o diferenciava dos seus contemporâneos.

sobre a infância, com inspiração autobiográfica: *Derevo detstvo* (A árvore da infância), em 1970 e no ano seguinte *Dien Tchika* (O dia de Tchik).

Iskander continuou as críticas à sociedade soviética, mas com a presença dos elementos abkhazianos iniciados com *Sozvezdie kozlotura*, em um de seus mais conhecidos trabalhos: *Sandro iz Tchegeta* (Sandro de Tchegeta). Os alvos satirizados nessa obra são mais explícitos e por isso a publicação do livro enfrentou diversos obstáculos. Em 1973, o trabalho começou a aparecer na revista *Novyi Mir*, porém com o texto severamente mutilado pela censura³. Somente em 1979, o manuscrito de Sandro foi entregue pelo próprio autor para a editora americana Ardis e publicado integralmente. Capítulos adicionais foram acrescentados na edição de 1981. Essa mesma editora também foi responsável pela tradução e publicação de outras obras de Iskander em língua inglesa, bem como de outros escritores russos dissidentes.

Pouco tempo depois, em 1979, Iskander participou como editor e colaborador da coletânea *Metropol*, junto com os escritores Vassili Aksionov, Viktor Ierofeiev, Andrei Bitov e Ievgueni Popov⁴, que causou tanto estardalhaço quanto o seu último livro. A coletânea era composta de sátira, poesia, bem como desenhos de conteúdo sexual explícito. A proposta dos participantes era a de que a publicação fosse realizada sem ser submetida aos órgãos censores. Por causa do seu teor controverso e pela intenção de publicá-lo livremente, a antologia não foi aprovada, sendo lançada na Rússia apenas em 1991. Para o *Metropol*, Iskander contribuiu com duas histórias, *Malienkii gigant bol'shogo seksa* (O pequeno gigante do sexo) e *Vozmezdnie* (O castigo). Devido à recusa da publicação, o *Metropol* circulou como *samizdat*⁵ e, posteriormente como *tamizdat*⁶ pela editora Ardis. Por conta disso, alguns participantes da coletânea foram expulsos da União dos Escritores, Aksionov exilou-se e Iskander, apesar de conseguir manter sua posição na União, durante anos ficou na lista negra dos editores, tendo seus escritos boicotados em publicações cuja liderança estava na mão de membros da instituição.

O seu próximo trabalho, a novela *Kroliki i Udavy* (Coelhos e Boa Constrictors), publicado integralmente pela editora Ardis em 1982, é influenciado por todas essas

³ O processo de cortes no texto fez Iskander arrepender-se e pedir aos editores que declinassem da publicação do livro (LAIRD, 1999, p.15).

⁴ Além destes nomes, contribuíram também Bella Akhmadulina, Iuz Aleshkovski, Arkadi Arkanov, Leonid Batkin, Fridrikh Gorenstein, Iuri Karabichiyevski, Piotr Kozhevnikov, Iuri Kublanovski, Semion Lipkin, Inna Lisnianskaia, Vassili Rakitin, Ievgueni Rein, Mark Rozovski, Genrikh Sapgir, Viktor Trostinikov, Boris Vakhtin, Andrei Vozniesenski e Vladímir Vysotski.

⁵ Samizdat, cópia feita pelo próprio autor que era reproduzida por outros circulando de mão em mão.

⁶ Tamizdat, samizdat adquirido por editora estrangeira e publicado.

dissensões com a censura. Escrita em forma de fábula, perde o encanto das narrativas anteriores do autor sobre a infância e o Cáucaso, assumindo a forma de uma sátira corrosiva ao funcionamento do poder. O livro surge na URSS somente durante a *glasnost*, em 1987.

No ano de 1983, continuou o ciclo de Tchik, com *Zashita Tchika* (A defesa de Tchik). Em 1988, escreveu sua primeira peça teatral, *Kofeiniia v more* (Café à beira mar) na revista *Teatr* (Teatro).

Também sob influência da *glasnost*, em 1986, começaram a aparecer capítulos de *Sandro iz Tchegeta* não publicados antes na URSS. No mesmo ano, saiu pela editora *Sovetskii pisatel* o livro de poemas *Put* (O caminho). E, finalmente, em 1989, surgiu na URSS a versão não censurada de *Sandro iz Tchegeta*.

Nesse período de abertura e discussão, a participação de Iskander na vida política aumenta, o escritor – apesar de não se considerar um dissidente ativo (LAIRD, 1999, p.10) – envolveu-se firmemente nos debates da época. Em 1989, foi eleito deputado do povo pela Abkházia.

Nos anos 90, publicou *Stoianka tchelovieka, Prazdnik ojdaniia prazdnika*, o romance *Tcheloviek i ego okrestnosti* (Um homem e seus arredores); deu continuidade às histórias de Tchik com *Detstvo Tchika* (A infância de Tchik) em 1994; e, em 1997, *Sofitchka*, um misto entre ficção, reflexões filosóficas com aspectos autobiográficos.

Ao longo de sua carreira, Iskander ganhou diversos prêmios. Entre os de categoria literária estão: o Prêmio do Estado da URSS, em 1989, pelo romance *Sandro iz Tchegeta*; Prêmio do Estado da Rússia, em 1993, pelos livros *Prazdnik ojdaniia prazdnika* e *Stoianka tchelovieka*; no mesmo ano o Prêmio Púchkin em reconhecimento a toda a sua obra; em 1998, O Prêmio Triunfo e outros.

Além disso, foi condecorado na Rússia com a Ordem de mérito da Pátria de II (2004), III (1999) e IV (2009) classes; na Abkházia recebeu a Ordem de “Honra e Excelência” de I classe, em 2002. No ano de 2009, por ocasião dos oitenta anos do escritor, o Banco da Abkházia lançou uma moeda comemorativa em sua homenagem.

*

O período em que floresceu a obra de Iskander, o final da década de 50 e toda a década de 60, abrigou uma geração inteira de artistas e intelectuais que de algum modo

reagiram ao curso prévio da arte reivindicando outras formas de criação estética, de sentidos e de abordagem temática.

Ao curso das artes, até então, tentava-se empregar as determinações das reformas da década de 30, que baniram as associações literárias proletárias e unificaram o seguimento literário sob a incumbência de uma única instituição, a União dos Escritores Soviéticos, em 1932. Os seus princípios foram reafirmados no I Congresso dos Escritores, em 1934. O discurso de Andrei Zhdanov – secretário do Partido de Leningrado e representante de Stalin naquele Congresso – coloca em palavras diretas e claras as expectativas da cúpula dirigente em relação à literatura:

Our Soviet literature is not afraid of being called tendenciuuous, because it is tendencious. In the age of class struggle a nonclass, nontendencious, apolitical literature does not and cannot exist...

In our country the outstanding heroes of literature works are the active builders of a new life... Our literature is permeated with enthusiasm and heroism. It is optimistic, but not from any biological instinct. It is optimistic because it is the literature of the class which is rising, the proletariat, the most advanced and the most prospering class.⁷(1934 apud ZHDANOV; BROWN, E., 1982, p. 169)

A literatura política, do proletariado ascendente, como queria Zhdanov, deveria ser realista, isto é, descrever a realidade, mas dentro do espírito socialista, representar a sociedade soviética nos ideais preconizados pela revolução, tendo em perspectiva a construção do novo homem e da nova sociedade. Pode-se dizer que essa tentativa de representação da realidade não é propriamente mimética, na acepção mais comum do termo, mas sim uma “tipologia do inexistente” (GROYS, 2008), da criação e descrição do que deve e do que se deseja que a realidade seja, um realismo do sonho. Essas idéias tomam corpo no chamado Realismo Socialista, cujo desígnio principal seria direcionar a arte na tarefa de edificação da sociedade. Esse princípio recusa o preestabelecido e desloca o campo artístico para torná-lo o alicerce fundador cultural do projeto socialista; interiorizar e naturalizar o novo homem e a nova sociedade como parte da construção da mesma. Esse conceito fica mais claro se lembrarmos a tão conhecida e desgastada

⁷ Nossa literatura soviética não tem medo de ser chamada de tendenciosa, porque ela é tendenciosa. Em tempos de luta de classes, uma literatura desvinculada da noção de classe, não tendenciosa, apolítica não existe e nem pode existir.

Em nosso país, os admiráveis heróis da literatura são os construtores ativos de uma nova vida... Nossa literatura está permeada com entusiasmo e heroísmo. É otimista, mas não devido a algum instinto biológico. É otimista porque é a literatura da classe que está ascendendo, o proletariado, a mais avançada e próspera das classes.

frase de Stalin afirmando qual é o papel do escritor e, conseqüentemente, da literatura: “Os escritores são engenheiros das almas humanas”. Ao mesmo tempo, a adoção dessa perspectiva de recusa do prévio se configura como rejeição não somente do passado monárquico e burguês russo, mas também da sua contrapartida ocidental.

Na aplicação empírica dessa teoria, pode-se dar como exemplo, no início dessas discussões, o primeiro plano quinquenal (1928-1932) e as ambições do Partido Comunista (reafirmados pelo discurso de Zhdanov) em relação à literatura e objetivos específicos da realidade soviética:

It wanted books about construction and collectivization; it wanted positive heroes, and bright, hopeful perspectives; it wanted literature not to reveal what people are like and how the experience life at a given moment, but to inculcate lessons, to propagandize very simple ideas, to inspire and mobilize the workers, to “put across” to them in quasi-literary form the current propaganda line of the Party.⁸ (BROWN, E., 1982, p. 167)

Essa política vigorou com máximo rigor durante todo o período stalinista. Com a morte de Stalin, em 1953, a vida cultural e política mudou consideravelmente. Teve lugar o processo denominado “desestalinização” que pretendia romper com o culto à personalidade e o sistema político promovidos pelo antigo líder.

Nesse período, ocorreu o II Congresso da União dos Escritores, que não se reunia há vinte anos. Nele, foi posta em discussão a mordaza do realismo socialista e da censura e a necessidade de novos temas e novas formas na literatura soviética. Os escritores condenavam a burocracia reinante no meio literário e a falta de liberdade criativa, defendiam a volta dos grandes temas, relacionados aos sentimentos humanos como o amor e o sofrimento.

Essas discussões foram reflexo imediato do ambiente de questionamento que teve lugar após a morte de Stalin. Alguns meses após o ocorrido, a poetisa Olga Berggolts publicou um artigo no *Literaturnaia gazeta* (Gazeta literária) reivindicando o direito à expressão pessoal e à individualidade na poesia lírica. Na mesma época, na revista *Novyi Mir*, o crítico Vladímir Pomerantsev publicou o artigo *Ob iskrennosti v*

⁸ Queria-se livros sobre construção e coletivização; queria-se heróis positivos, e brilhantes, esperançosas perspectivas; queria-se não que a literatura revelasse como as pessoas eram e como foi a vida experimentada num determinado momento, mas que inculcasse lições, propagandeasse idéias muito simples, inspirasse e mobilizasse trabalhadores, que os transpusessem para eles numa forma quase literária a linha de propaganda corrente do Partido.

literature (Sobre a sinceridade na literatura) pedindo mais originalidade e menos interferência na criatividade ao artista, mais *sinceridade* no texto literário.

Pomerantsev argumenta, logo no início de seu escrito, que a falta de *sinceridade* está na literatura que afirma falar do real, da vida cotidiana do homem, mas não alcança algo existente de fato, as palavras e o bom estilo tornam-se, portanto, sem sentido:

Insincerity is not necessarily the same as lying. There is insincerity also in artificiality. When we read the works of stylists, for instance, we are left with an unpleasant aftertaste. We find too many ideas and words which are not new-found but plagiarized and affected; the author's style obtrudes and we therefore remain unaware of the contents...⁹ (POMERANTSEV, 1954, p. 435)

No contexto da sua elaboração, pode-se entender essa afirmativa como uma negação da literatura que não está associada à vida propriamente dita das pessoas, em outras palavras, a representação literária “ideal” da sociedade soviética não trata do que de fato ela é. Torna-se apenas um simulacro de realidade, uma *insinceridade*, não necessariamente pela mentira, mas pela dissimulação.

Outro exemplo dessa falta de *sinceridade* a que o autor se refere está na criação das personagens nos livros da época. Pomerantsev, ao afirmar: “*Your heroes are no carriers of ideas; the ideas carry them*”¹⁰ (Idem, p. 437), problematiza o rol de personagens cuja motivação já está dada por idéias pré-estabelecidas, que não são criadores e participantes, mas apenas veículos. Como o leitor pode ser afetado genuinamente por uma personagem tão artificial?

No mesmo espírito foi o ensaio de Ilia Ehrenburg, *O rabote pissatelia* (Sobre o trabalho do escritor) publicado na revista *Znamia* (O estandarte). O autor defende o direito de se escrever aquilo que se *precisa* dizer, que faz parte de uma necessidade interior e não de planos pré-estabelecidos. Ehrenburg atribui ao escritor a tarefa de conhecer e desvendar o mundo interior do ser humano. Nas palavras do próprio autor:

There is one province with which the writer is under an obligation to be more conversant than his fellow citizens and contemporaries:

⁹ A insinceridade não é necessariamente o mesmo que mentir. Há insinceridade também na artificialidade. Quando nós lemos os trabalhos dos estilistas, por exemplo, ficamos com um gosto desagradável na boca. Achamos demasiadas idéias e palavras que não são novos achados, mas plágios e afetações; o estilo do autor se impõe e nós então permanecemos alheios aos seus conteúdos...

¹⁰ Seus heróis não são condutores de idéias; são as idéias que os conduzem.

the inner world of man. The description of the outward appearance of the hero, the conditions in which he lives - his lodgings or the factory shop - all this is necessary but not after all so very difficult; such descriptions are a means, not an end.¹¹ (EHRENBURG, 1954, p. 416)

Pode-se afirmar que, assim como Pomerantsev, Ehrenburg buscava também mais *sinceridade*, um caráter mais verdadeiro na representação do homem na literatura. Entretanto, isso não quer dizer que o escritor possa, ou mesmo deseje, alcançar uma verdade universal sobre o homem, mas sim que ele tem a capacidade e a necessidade de falar dele. O escritor tem “olhos de raios-X” (Idem), porém também possui uma empatia singular que o guia na busca da compreensão do homem. Para Ehrenburg, o escritor é movido não por uma possibilidade ou talento, mas pelo inevitável.

He [o escritor] writes a book because he has something of his own that he must say to people, because he has become 'infected' with his book because he has seen people, things and feelings which he cannot leave undescribed. This is how passionate books are born and even if they sometimes have artistic shortcomings, such books invariably move the reader.¹² (Ibidem, p. 418)

É possível dizer que na ânsia por uma nova literatura que pudesse refletir a sociedade soviética, pôs-se de lado uma série de escritores importantes do século XIX. Ehrenburg, no espírito do momento, reafirmou o valor da literatura russa clássica ao invocar escritores como Ivan Gontcharov, Liev Tolstói, Aleksandr Griboiedov e as suas respectivas personagens emblemáticas, Oblomov, Anna Karenina e Tchatski, no intuito de concretizar a sua idéia de desvendamento do homem e também da tipificação da sociedade nas personagens.

Essa tarefa atribuída ao escritor, a de entender a alma humana, é contraposta a visão oficial corrente da literatura. A vida material não é o desafio a que se deve propor o escritor. Para Ehrenburg “*it is easier to understand the mechanism of a machine than*

¹¹ Há uma província com a qual o escritor é obrigado a estar mais familiarizado que seus companheiros cidadãos e contemporâneos: o mundo interno do homem. A descrição da aparência externa do herói, as condições nas quais ele vive – seu alojamento ou a loja da fábrica – tudo isso é necessário, mas não é afinal algo tão difícil; tais descrições são um meio, não um fim.

¹² Ele [o escritor] escreve um livro porque tem algo próprio que ele que dizer às pessoas, porque ficou “infetado” com seu livro, porque ele viu pessoas, coisas e emoções as quais ele não pode deixar passar sem escrevê-las. É assim que livros apaixonantes nascem e, mesmo que às vezes eles possuam defeitos artísticos, tais livros invariavelmente impulsionam o leitor.

the movement of a human heart”¹³ (Ibidem, p. 422) , desvendar o enigma do homem, revelar a sua complexidade, esse é um dos desafios propostos para o escritor desse período.

Os três autores, apesar das abordagens distintas, tratam do mesmo problema: mais liberdade, independência e individualidade. Não é à toa que tiveram os seus textos severamente criticados tanto por membros do regime como por outros escritores e intelectuais defensores da situação vigente.

Outra publicação, dessa vez no âmbito literário, que também causou enorme polêmica nesse período foi a novela *Ottepel'* (O degelo), também de Ehrenburg, em 1954, no *Znamia*. Embora, em linhas gerais, possua características do realismo socialista, a novela traz temas que antes eram tabus na sociedade soviética, como as emoções e os problemas individuais do ser humano. Por tratar de temas esquecidos pelo realismo socialista e mostrar as contradições dos sentimentos humanos, que vinham de encontro aos anseios dos escritores da época, o título da novela, *O degelo*¹⁴, é utilizado como uma metáfora sobre esse período que compreende os anos de 1953 a 1964.

Na novela de Ehrenburg, o comprometimento com o programa da literatura oficial se mostra presente na sua forma, na representação da realidade material soviética e nos ideais de algumas personagens. Entretanto, a utilização de novos temas, do âmbito da subjetividade, invocando os argumentos do autor no já mencionado texto *O rabote pissatelia*, faz contraponto com a mentalidade engajada no modelo stalinista. Desse modo, o confronto se revela ainda maior porque está no seio de uma geração que resultou desse modelo. Esse parece ser o início de um novo modo de pensar, a rigidez do stalinismo começa a abrandar:

Eram os últimos dias de inverno. Um lado da rua ainda estava coberto de gelo (...) mas no outro os pequenos pingentes gelados se dissolviam em gotas sonoras. Pela primeira vez desde que adoecera, Sokolovsky levantou-se da cama, aproximou-se da janela embaçada e suja, olhou para a neve cinzenta e macia, e pensou: ‘A primavera está chegando’. (EHRENBURG, 1959, p. 178)

¹³ É mais fácil entender o mecanismo de uma máquina do que o movimento do coração humano.

¹⁴ Nos estudos sobre o período do degelo ocorre, às vezes, a sua divisão em duas e até três fases; no primeiro caso temos Brown (1982) e Rothberg (1972); no segundo Clark (2000). Porém a maioria dos pesquisadores consultados sobre o assunto não submete o estudo do degelo a tais divisões. Neste trabalho, optou-se por não separar o degelo em fases, pois os critérios para a escolha de fatos ou eventos que possam demarcá-lo não possuem uma clareza objetiva. Além disso, tendo em vista a sua curta duração, falaremos dele como um todo, porém, enfatizando, que não se trata de um período homogêneo, mas que “congela” e “degela” de acordo com as flutuações políticas, sociais e artísticas.

As reivindicações de Berggolts, Pomerantsev, Ehrenburg e outros artistas e intelectuais começaram a ganhar força e influenciar o panorama literário do período em algumas frentes principais: a questão dos *vozhresheny* (regressantes), cidadãos soviéticos que haviam sido libertados dos campos de trabalhos forçados, e as dificuldades em adaptar-se à sociedade; a crítica contra a burocracia e a “aristocracia” soviética; os temas pessoais como o amor e o divórcio; o puritanismo perdeu força e começou a se escrever sobre adultério, filhos bastardos, bebedeiras, etc, (WAEAGEMANS, 2003, p. 477). Todas essas situações sempre estiveram presentes na vida do povo soviético, mas não podiam ser retratadas publicamente.

Além disso, foi permitida novamente a entrada da literatura estrangeira com o incremento das traduções através da revista *Inostrannaia literatura* (Literatura estrangeira) que levou à URSS obras de Ernest Hemingway, Jean-Paul Sartre, Franz Kafka, Albert Camus, Bertolt Brecht, entre outros.

Em 1956, Vladímir Dudintsev publicou o romance *Ne khlebom ediny* (Não só de pão¹⁵) que causou grande repercussão e polêmica. Nele, a representação negativa da sociedade soviética denuncia os vícios e corrupções dos altos escalões do aparato burocrático e da política. A personagem Drozdov é o condutor de tal representação, ele é a imagem do burocrata aproveitador, egoísta, materialista e arbitrário; é tudo o que os ideais da revolução repudiam. Segundo o autor: “*Con esta novela quiero quitar las máscaras y enseñar el mal que está oculto debajo de ellas. Hasta que no hayamos analizado profundamente el pasado, ese pasado no nos dejará ni un momento en paz*”¹⁶ (DUDINTSEV apud WAEAGEMANS, 2003, p. 478). O romance de Dudintsev é um ataque ao “estado das coisas como estão”, ao arbítrio e aos desvirtuamentos da sociedade soviética ainda que não propriamente ao socialismo e aos princípios da revolução.

A esse processo iniciado no Congresso dos Escritores associa-se diretamente o XX Congresso do Partido Comunista, em 1956, em que foi proferido o assim chamado “discurso secreto” de Nikita Khruchev, o sucessor de Stalin, marcando a desestalinização propriamente dita. A fala intitulava-se *O kul'te lichnosti i ego*

¹⁵ Traduzido para o português como *Nem só de pão vive o homem*. Rio de Janeiro: Andes, 1958.

¹⁶ Com este romance quero tirar as máscaras e apontar o mal que está oculto debaixo delas. Enquanto não analisarmos profundamente o passado, esse passado não nos deixará nem um momento em paz.

posledstviakh (Sobre o culto à personalidade e suas consequências) e consistia na demolição da imagem de Stalin por meio das denúncias de seus crimes e do culto a sua personalidade fazendo, em contrapartida, uma reafirmação dos ideais leninistas. Entretanto, por mais que se condenasse a violência e arbitrariedade do regime anterior (basta lembrar os expurgos da década de 30), Khruchev e os companheiros que elaboraram o relatório, não se aprofundaram na natureza e em todos os envolvidos nesses crimes, já que ele próprio e outros membros da comissão estavam implicados em muitos deles. Ele não somente colaborou como foi também “um dos mais zelosos executores das vontades de Stalin” (VOLKOGONOV, 2008, p. 165).

O discurso visava apenas desestabilizar a liderança de Stalin e não criticar as bases do socialismo soviético. Ainda assim, muito da máquina stalinista permaneceu em funcionamento: o sistema penal, a pouca transparência sobre os julgamentos políticos pré e pós-guerra, na política interna e externa (Idem, p. 182).

O discurso de Khruchev teve grande repercussão dentro e fora da URSS. Muitos seguidores de Stalin consideraram as acusações absurdas e caluniosas, porém, consequências importantes foram observadas após as denúncias. No âmbito cultural, os escritores Bábel, Kharms, Katáiev, Kornilov¹⁷, entre outros, foram reabilitados. Nomes como Mikhail Bulgákov e Iuri Olesha voltaram a aparecer.

Para acrescentar mais recursos ao processo de desestalinização, em 1961, no XXII Congresso do Partido Comunista, novamente falou-se dos crimes de Stalin apresentando algumas provas da crueldade desse período. Além disso, foi votado a retirada do corpo embalsamado do antigo líder do lugar que ocupava ao lado do mausoléu de Lenin, na Praça Vermelha, contribuindo simbolicamente para o enfraquecimento da sua imagem. Seguiu-se a isso a mudança dos nomes de inúmeras cidades, fábricas, ruas, praças e outras instalações que traziam o nome de Stalin como forma de homenageá-lo. Stalingrado voltou a ser Volgogrado, Stalinski passou a ser Novokuznetsk, na Rússia; Stalinogrod – Kotowice, na Polônia e assim por diante.

Em 1962, na revista *Novyi Mir*, Aleksandr Soljenitsin publicou *Odin den' Ivana Denissovitcha* (Um dia na vida de Ivan Denissovitch) que denunciava o sistema prisional soviético. As injustiças e as péssimas condições de vida, o homem reduzido a um estado quase animal, a arbitrariedade dos julgamentos e condenações, são todos esses motivos trazidos pela vivência da personagem Ivan Denissovitch, condenado

¹⁷ Porém, nem todos os escritores perseguidos foram reabilitados, o poeta Ossip Mandelstam é um exemplo, só foi reabilitado mais de uma década depois

injustamente a trabalhos forçados sob a acusação de espionagem para os alemães. O livro teve enorme repercussão, pois, apesar do período propício para as denúncias, a realidade dos *gulags*¹⁸ não era um assunto sobre o qual se permitisse qualquer discussão. Ao contrário da esperada censura, a publicação foi pessoalmente apoiada e garantida por Khruchev, porque se inseria perfeitamente no espírito da desestalinização, testemunhando o terror stalinista. Além das denúncias, *Um dia na vida de Ivan Denissovitch* possui uma estrutura e linguagem particulares. A narrativa pretende abarcar o todo da vida do condenado através de um retrato minucioso de apenas um dia em sua vida. Os pequenos pormenores, como calçar um sapato, ter um pedaço de pão durante a refeição, conseguir um prato a mais de comida, compõem a história da sua vida. Outra faceta do romance que colabora na composição desse retrato são a linguagem coloquial, as particularidades, as gírias e o estilo de falar dos presos (*zeks*).

Apesar do clima favorável, a grande ironia do romance está na existência dos campos de trabalhos forçados e na situação em que vivem os condenados, numa sociedade motivada por ideais sociais (BROWN, E., 1982, p. 252).

Contudo, a fermentação intelectual e literária pode dar a falsa aparência de que o degelo foi um período de libertação, o que não condiz com a sua complexidade. Ele trouxe uma liberdade moderada, a censura ainda permanecia, com a diferença de que um pouco mais branda.

O caso Pasternak é um exemplo de que a máquina da censura ainda funcionava. Em 1954, o escritor Boris Pasternak enviou para algumas revistas o manuscrito de *Doutor Jivago*, entre elas a *Novyi Mir*, que mais tarde recusou a publicação do romance. Nesse intervalo, Pasternak havia mandado uma cópia do manuscrito para Giangiacomo Feltrinelli¹⁹, na Itália. O editor estava propenso a publicar o livro, mas o decurso dessa possibilidade foi acompanhado de muitas divergências, tendo em vista os problemas que poderia causar já que as autoridades soviéticas não se decidiam a permitir a legalidade da obra. Apesar disso, *Doutor Jivago* foi publicado na Itália em 1957. O ponto crítico das altercações em torno do romance veio com a premiação de Pasternak com o Nobel de Literatura, em 1958. O autor, lisonjeado e surpreso, comunicou a sua aceitação ao prêmio. Entretanto, quase ao mesmo tempo, o periódico *Literaturnaia Gazieta* manifestou a sua rejeição e repúdio ao autor, além de publicar a carta de

¹⁸ Abreviação de: *Glavnoye upravleniye ispravitelno-trudovyykh lagerey i koloniy* (Administração Geral dos Campos de Trabalho Correccional e Colônias)

¹⁹ Importante editor italiano e membro do partido comunista da Itália.

rejeição da *Novyi Mir*. O que se seguiu foi uma série de ataques ferozes tanto da cúpula governamental quanto da imprensa mais conservadora e escritores contrários aos desvios do realismo socialista. A pressão sobre Pasternak foi tão intensa que, poucos dias depois, o escritor desistiu e enviou um comunicado abdicando do Prêmio Nobel: “Considerando o sentido que foi dado a essa distinção na sociedade a que pertenço, devo rejeitar esse imerecido prêmio que me foi concedido. Peço não receber com desagrado essa minha recusa”. (1958 apud PASTERNAK; ROTHBERG, 1972, p. 48). Além da recusa, o escritor se viu obrigado a fazer uma retratação pública avaliando a sua conduta e afirmando que não pretendia prejudicar o Estado soviético ao aceitar um prêmio de tal natureza.

Pelo exposto, por mais que as denúncias de Khruchev condenassem as práticas stalinistas, o novo líder não era um libertador.

Se o papel da literatura soviética (como queria a cúpula dirigente) seria o de auxiliar no desenvolvimento da sociedade, criando uma cultura própria e conclamado a participação do povo por meio da representação de papéis e funções definidas, as transformações e as necessidades do regime, ao longo de sua existência, também se refletia na literatura do realismo socialista. Se logo após a revolução de 1917, os escritores desfrutaram de certa liberdade de criação tendo em vista a proposta dos cubo-futuristas de ruptura com toda a arte pré-revolucionária, além de um cenário livre (temporariamente) capaz de fomentar todo tipo de criação. Depois, já no período stalinista, as necessidades eram outras, daí as restrições e os propósitos definidos como absolutos. De 1934 a 1940, a literatura deveria estar a serviço da industrialização e do processo de coletivização; de 1940 a 1945, a Segunda Guerra Mundial incitou a necessidade do nacionalismo e sentimento patriótico para mobilizar a resistência da Rússia ante a ameaça do nazismo; de 1945 a 1954 os problemas do pós-guerra e a reconstrução da pátria eram a necessidade da vez (ROTHBERG, 1972, p. 26). A partir da morte de Stalin, essas preferências deixam de ser tão claras, ou perdem a força para as necessidades de uma nova geração estimulada pela abertura política e que aproveitou o ensejo da desestalinização para colocar na literatura os desacordos dessa juventude com seus antecessores. Esse conflito entre pais e filhos tem uma base moral e ideológica tendo em vista que seus pais “se permitiram” conduzir e enganar pelo stalinismo; a reação por parte dos filhos não é negativa, mas de perturbação, respeito e compaixão (BROWN, D., 1978, p. 181). É frequente na literatura desses escritores não somente a expressão da individualidade (presente nas obras influenciadas pelo degelo), mas

também os conflitos e rejeições à ideologia em vigor, além da confusão e frustração em relação a como lidar com essa questão. Nessa geração de jovens prosadores pode-se destacar Andrei Bitov, Vassili Aksionov, Anatoli Gladilin e Fazil Iskander.

Na divulgação dessa literatura, preocupada com os problemas não somente sociais e políticos, mas também estéticos, os periódicos literários desempenharam um papel fundamental. Dentre essas publicações, pode-se destacar o papel da revista *Novyi Mir*, publicando os escritores liberais, contribuindo para a discussão dos problemas e das polêmicas da literatura soviética. Publicada desde 1925, numa tentativa de reviver a tradição das revistas grossas (*tolstye jurnaly*) que por mais de dois séculos exerceram um papel substancial na cultura russa. Esse tipo de periódico caracteriza-se pelo volume (mais de 200 páginas) e pelo conteúdo diversificado, que abarca não somente a literatura, mas também ensaios críticos sobre política, cultura e sociedade. Era nessas revistas que os escritores ganhavam reputação ao publicarem primeiramente suas obras literárias, que somente mais tarde saíam em livro.

A linha político-literária da revista sofreu várias transformações significativas ao longo da sua existência. Elaborada, inicialmente, baseando-se na publicação *Izvestia* (Notícia), o primeiro ano de sua direção ficou aos cuidados de Anatolii Lunatcharski e Iuri Steklóv. Durante a década de vinte, a *Novyi Mir* desfrutou da fecundidade do período, publicando inúmeros escritores importantes. A partir dos anos trinta, a linha editorial passou a refletir a ideologia adotada no I Congresso dos Escritores, porém, ainda assim, sempre que a situação permitia, textos mais controversos surgiam em suas páginas, funcionando como uma válvula de escape para o campo literário (FRANKEL, 1976, p. 168).

Em 1958, Aleksandr Tvardovski voltou a ser o redator chefe da revista desde que fora substituído em 1954 por Konstantin Simonov. Esse evento “*did not merely involve intra-journal politics culminating in a routine change. It was integrally related to literary-political developments which can be traced back to the Twentieth Party Congress*”²⁰ (Idem, p. 155). Levando em consideração as expectativas em relação à desestalinização e à consolidação do novo poder, o retorno de Tvardovsky foi uma tentativa de estabelecer um *modus vivendi* satisfatório entre o regime e a intelectualidade (Ibidem, p. 166).

²⁰ Esse evento não envolvia meramente políticas internas à revista, culminando na mudança de sua rotina. Estava integralmente relacionado aos acontecimentos político-literários que remontam ao XX Congresso do Partido.

Foram publicados pela *Novyi Mir* nessa época, além da maioria dos escritores aqui citados, autores que haviam sido proibidos e uma série de artigos e ensaios sobre a literatura e a sua recepção com proposições muito divergentes daquelas mantidas pelas linhas anteriores e mais conservadoras do seu corpo editorial.

Vale ressaltar que apesar desses exemplos de uma literatura produzida com maior liberdade, trazendo “novos” e “velhos” temas para circulação, a política oficial não pode ser considerada libertária ou liberal²¹. O que se verifica nesse período é uma liberdade assistida, moderada, que vinha de encontro com as necessidades do momento. Não se pode dizer, com base em toda essa efervescência cultural, que Khruchev fosse contra o realismo socialista e os seus ideais, ao contrário, as reações do dirigente às “licenciosidades” dos escritores (o caso Pasternak, por exemplo) mostra qual era a sua posição em relação aos anseios dos mesmos.

Com a morte de Stalin e as disputas mal sucedidas pelo poder, fazia-se urgente uma tática para a sua consolidação. A desestalinização e a consequente moderação dos órgãos de repressão auxiliaram no cumprimento dessa tarefa. Agradar a *intelligentsia*, ainda que esse não fosse necessariamente o objetivo, opondo-se à tirania de Stalin, demonstrava força. Permitir que as polêmicas ocorressem ao invés de esmagá-las brutalmente diminuía a pressão sobre Khruchev e demonstrava que o líder se “importava”. Era necessário construir uma nova imagem de poder para substituir àquela que estivera em vigor por cerca de trinta anos sob o comando de Stalin.

In some ways the entire drama of desestalinization can be seen as a ceremonial legitimizing of the new government. Just as the Stalinist leadership evolved rituals for marking itself off from the factions over which it had triumphed, so, too, the Khrushchev leadership found other rituals (milder and last histrionic) for making itself off from the Stalinist – of saying, “Stalin is dead. Long live the new collective leadership/Khrushchev.”²² (CLARK, 2000, p. 211)

²¹ A palavra *liberal*, aqui, não será utilizada referindo-se a doutrina do liberalismo econômico, mas sim em uma de suas acepções: a de liberdade de pensar e agir, contra qualquer tipo de autoritarismo.

²² De certa maneira, todo o drama da desestalinização pode ser visto como uma cerimônia de legitimação do novo governo. Assim como a liderança stalinista envolvia rituais para diferenciar-se das facções sobre as quais trinfara, também a liderança de Khrushchev encontrou outros rituais (mais suaves e menos histriônicos) para diferenciar-se do stalinismo – dizendo, “Stalin está morto. Longa vida à nova liderança coletivista/Khrushchev”.

A situação política por que passava a URSS naquele momento e o propósito de Khruchev de empreender reformas no sistema soviético para modernizar a economia – isto é, aumentar a sua produtividade e eficiência em suprir as demandas da população – requeria “maior cooperação do povo russo – operários, camponeses técnicos, administradores e intelectuais” (ROTHBERG, 1972, p. 19). A liberdade moderada proporcionaria mais segurança às pessoas facilitando as manobras reformistas do líder.

Na economia, a URSS sofria com os preços baixos e os altos custos e uma grave crise na agricultura com o saldo das safras terrivelmente baixo. Para elevar o padrão de vida da população com melhores condições de trabalho e acesso a bens de consumo, faziam-se necessárias reformas no modo de produção e mudar o foco da política econômica soviética para atender as necessidades imediatas da população. Essa foi uma das plataformas políticas utilizadas por Khruchev, uma nova abordagem que o distanciava ainda mais da imagem do antigo dirigente, alheio aos problemas “de fato” do país. Das reformas propostas pelo líder no campo econômico, o plano para incrementar a produção agrícola foi o primeiro a ser posto em prática:

“Na agricultura, a nova política assumiu três direções principais: de um lado, um complexo de medidas para estimular o camponês a plantar. De outro lado, era preciso atacar áreas disponíveis, mas virgens de trabalho humano, ampliando as superfícies cultivadas. Finalmente, a idéia de concentrar a produção em novos produtos, adaptados ao solo, rentáveis, capazes de atender num prazo mais curto às demandas crescentes da sociedade em cereais e forragens”. (REIS FILHO, 2007, pp. 193-194)

Nesse período, a competitividade entre URSS e EUA aumentou. O lançamento do satélite *Sputnik*, o primeiro a ser colocado na órbita da Terra, em 1957, iniciou a corrida espacial da Guerra Fria e acirrou o enfrentamento entre as duas potências. O programa *Sputnik*, sem dúvida, teve grande importância no desenvolvimento da tecnologia de ponta. Porém, nesse momento o seu significado ultrapassa essas conquistas, e ratifica simbolicamente a mentalidade embutida na política de Khruchev. Essas e outras iniciativas, bem sucedidas ou não, trazem consigo a necessidade de inovação, de superação, interna (direcionadas para alcançar o que Stalin não conseguiu); e externa, para ultrapassar o Ocidente e demonstrar a superioridade soviética.

A década de mando de Khruchev demonstrou seu potencial como inovador, artista da demolição, experimentalista, oportunista e inventor. Foi como se subitamente tivesse despertado. Seguiram-se iniciativas uma atrás da outra e, na origem de cada uma delas, postava-se a atarracada figura do primeiro-secretário, gesticulando energicamente, um verdadeiro manancial de idéias e atividades. (VOLKOGONOV, 2008, p.p 189-190)

O degelo de Khruchev também foi importante para o campo científico. Muitos pesquisadores foram reabilitados e houve maior liberdade na escolha dos objetos a serem estudados. Também se possibilitou o contato com a ciência do Ocidente através da entrada no país de publicações acadêmicas de diversas áreas.

Pode-se dizer que o experimentalismo e o reformismo de Khruchev, além dos objetivos mais imediatos de atender as demandas do país, buscavam também, como uma ambição desmedida, alcançar aqueles ideais pretendidos para a sociedade soviética. As conquistas econômicas, o desenvolvimento tecnológico obtidos em solo soviético representaria não apenas o bem estar de uma sociedade moderna, mas o avanço desta em direção ao futuro almejado desde a revolução, uma sociedade próspera, avançada, estruturada e em bases sólidas para o propósito comunista.

Entretanto, os protestos da *intelligenstia* e as exortações por mais liberdade criativa e o consequente surgimento do tema da individualidade estão, de certa forma, em descompasso com os propósitos levados adiante pela cúpula dirigente. A discrepância dos novos temas do degelo com o realismo socialista é uma das maiores negações do período, uma negação do novo homem enquanto ideal.

Esse curto ambiente de fermentação crítica e artística termina em 1964, com o fim da era Khruchev e consequentemente do degelo. O dirigente foi afastado por uma conspiração do Partido e “condenado” à aposentadoria e, em seu lugar subiu Leonid Brejnev. Começa o fechamento, a era da estagnação.

A Abkházia

A Abkházia, terra natal de Iskander, é uma antiga e pequena nação que ocupa uma área de aproximadamente 8.600 km², com três fronteiras, ao norte e nordeste com a Rússia, ao sul e sudeste com a Geórgia e ao sudoeste com o Mar Negro. Possui uma população aproximada de 250.000 habitantes (de acordo com o censo realizado em 2011 na Abkházia) distribuídos por uma superfície montanhosa, enriquecida por uma série de rios que se originam em seus picos. Nas amplas diferenças de altitudes, algumas montanhas ultrapassam os 4.000 metros, dissemina-se uma paisagem natural rica em diversificados bosques de caducifólios, coníferas e vegetação típica de altitudes elevadas. Assim com é diversa a vegetação, as variações climáticas também o são, o clima subtropical temperado tem grandes amplitudes térmicas de acordo com a altitude.

Está situada na região do Cáucaso, que compreende a Geórgia, a Armênia e o Arzerbaijão como nações consolidadas, além de uma série de povos e repúblicas independentes em permanente estado de conflito por disputas territoriais, políticas, étnicas e religiosas. Dentre esses, a Abkházia se coloca, atualmente, como uma república independente.

A sua história data de séculos. Colonizada pelos Gregos, que se estabeleceram na costa do Mar Negro, no século XI a.C, foi conquistada pelo Império Bizantino em 523 d.C , tornou-se independente no século VII, estabelecendo o Reino da Abkházia até 978, quando foi dominada pela Geórgia. A partir do século XIII, o domínio georgiano é enfraquecido pelas incursões de Tamerlão e Gengis Khan. No século XVI é subjugada pelo Império Otomano, aceitando o islamismo que se agregou ao paganismo e ao cristianismo ortodoxo já existentes na região. Passou a fazer parte do Império Russo no século XIX.

Após a revolução de 1917, não somente a Abkházia, mas toda a Geórgia e outras regiões do Cáucaso ficaram sob o domínio dos mencheviques. O controle dos bolcheviques só foi conseguido durante a Guerra Civil, em 1921.

Durante o período soviético, a situação do país foi instável. Com Nestor Lakoba no poder, logo após a tomada de controle dos bolcheviques, a Abkházia se tornou uma República Socialista Soviética. Porém, com a ascensão de Stalin, a situação mudou e antigos conflitos reascenderam. Apesar da origem caucasiana, o líder não foi muito indulgente com os povos da região; as políticas envolvidas na consolidação do bloco

soviético passaram por cima de uma série de diferenças étnico-culturais, religiosas, com raízes históricas, e, na Abkházia, promoveram um profundo sentimento de insatisfação não somente com o governo soviético, mas, principalmente com a Geórgia. Priorizando os compatriotas de Stalin, a condição da Abkházia muda e passa a ser considerada uma República Socialista Autônoma, sendo incorporada à Geórgia. Em outras palavras, ela perde seu status de igualdade política e administrativa com as outras repúblicas do bloco, além de ter que se submeter ao seu inimigo secular.

Lakoba não aceitou essa situação e tentou conter o “imperialismo” georgiano, contestando severamente a proposta de Lavrentii Beria de promover a migração de georgianos para a Abkházia. Lakoba teria dito “somente sobre o meu cadáver” (MARSHALL, 2010, p. 239) e suspeita-se que isso de fato ocorreu: no mesmo dia Beria teria envenenado Lakoba, mas, oficialmente, sua morte foi declarada como de “causas naturais”. A suspeita de assassinato se mantém devido à subsequente perseguição e morte de familiares e pessoas próximas a Lakoba (Idem, p.p 239-240). Como resultado dessa política, os conflitos entre georgianos e abkhazianos se acirraram ainda mais. A Geórgia rebaixou a Abkházia, em sua história oficial, tratando-a como apenas mais um dos reinados concedidos aos antigos reis georgianos (Ibidem, p.240).

Sem condições de revidar e se proteger, os temores de Lakoba se concretizaram, a população abkhaziana que já emigrava para outras regiões devido aos conflitos e aos expurgos, continuou a fazê-lo, ao mesmo tempo em que georgianos e russos se estabelecem em seu território. O quadro torna-se tão grave que, no final da década de 80, a população abkhaziana é minoria no seu próprio país.

Ethnic Composition of Abkhazia, “Sakhumi Region”, 1886-1989 ²³

Ethnic Group	1886	1914	1926	1959	1970	1979	1989
Abkhaz	28,320 (42%)	27.3%	55, 918 (27.8%)	61,193 (15%)	77, 276 (15.9%)	83,097 (17.1%)	93,267 (17.7%)
Kartvelians (Incl. Samurzakanians)	34,114 (50,3%)	44.8%	67, 494 (33.5%)	158,221 (39.1%)	199,595 (40.9%)	213,322 (43.8%)	239,872 (45.7%)
Russians	971 (1.4%)	(?)	12,558 (6.2%)	86,715 (21.4%)	92,889 (19%)	79,730 (16.4%)	74,914 (14.2%)
Greeks	2,056 (3%)	10%	14,045 (7%)	9,101 (2.2%)	18,114 (3.7%)	18,642 (3.8%)	14,664 (2.7%)

²³ C.f. CORNELL, Svante E. *Small nations end great powers*, p. 144.

Armenians	1,037 (1.5%)	11%	25,677 (12,7%)	64,425 (15.9%)	74,860 (15.3%)	73,350 (15.1%)	76,541 (14.5%)
-----------	-----------------	-----	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------

A disputa entre os dois países culmina com a guerra entre Abkházia e Geórgia de 1992 a 1993. O separatismo abkhaziano proclamou, então, sua independência, sendo atualmente reconhecida apenas pela Rússia, Venezuela, Nicarágua e Nauru.

Essa história de invasões e conquistas da região influenciou a formação cultural, religiosa e política do país, trazendo uma tal diversidade que o resultado é uma cultura complexa e única. Essa mistura unida por uma forte consciência de pertencimento é uma característica essencial da identidade abkhaziana. *“The volatile history and vibrant culture have helped to create a strong Abkhazian consciousness, called ‘apswara’, which has produced a powerful sense of nationality that has held Abkhazia together through successive invasions and conquests”*²⁴ (HABER, 2003, p. 67).

A *apswara* é o sentimento que une essa população tão pequena e dispersa. A consciência territorial não é, nesse caso, um fator completamente determinante para a constituição de uma identidade cultural. No contexto soviético, isso é especialmente importante, visto que não permitiu a aniquilação da consciência nacional abkhaziana.

O Cáucaso, essa região de tantos conflitos, é um tópico da literatura russa desde o seu período Romântico. Aparece em poemas de Púchkin, na prosa de Tolstói, Gógol e Lermontov, nas investigações e experimentações linguísticas de Maiakóvski e Khliebnikov, e na obra de diversos outros escritores. A obra de Fazil Iskander agrega mais um aspecto do fascínio por essa região tão diversa e a sua proximidade (mesmo que pela diferença) da cultura e do imaginário russo. Porém, a singularidade aqui está no olhar, que não é mais o de um estrangeiro, mas o de uma habitante nativo com um pé também na cultura russa.

²⁴ A história instável e a cultura vibrante ajudaram a criar uma forte consciência abkhaziana, chamada “apswara”, que produziu um poderoso senso de nacionalidade e manteve a Abkhazia unida ao longo das sucessivas invasões e conquistas.

Sátira e nostalgia

O período do degelo favoreceu o surgimento de obras que exibissem o descontentamento com os rumos da URSS, seja no âmbito político, social ou artístico. Escritores manifestaram-se sobre os erros e os vícios da sociedade remontando, repetidas vezes, ao stalinismo, que fora desacreditado pela política oficial de Khruchev, possibilitando uma entrada para a reflexão crítica do país. *A constelação do capriuro*, publicada pouco depois do degelo, em 1966, ainda carrega a influência desse período, mas, em lugar de direcionar a crítica à época de Stalin, o período satirizado é aquele que se segue à morte do líder.

Através do cômico, o procedimento crítico da sátira ridiculariza o homem e a sociedade com o intuito de apontar os defeitos de uma dada comunidade, exibindo, assim, a estrutura implícita e não admitida. O domínio da sátira pertence ao “extramural” (HUTCHEON, 1985, p. 61), em outras palavras, ela encontra o seu objeto fora da literatura.

Tendo isso em vista, pode-se afirmar que a sátira está inextricavelmente ligada à realidade social e moral. Tem como finalidade a busca da verdade de determinada coletividade. “*The purpose of satire is through laughter and invective, to cure folly and punish evil; but if it does not achieve this purpose, it is content to jeer at folly and to expose evil to bitter contempt.*”²⁵ (HIGHET, 1962, p.156). Esse propósito busca tornar-se um dispositivo capaz de transformar a realidade ao redor, rebaixando-a publicamente por meio do ridículo. O riso satírico pode, então, ser revolucionário.

A partir disso, é considerável pensar que para a sátira exercer plenamente a sua função crítica, tendo como objetos o homem e a sociedade, ela precisaria guiar-se livremente pelos acontecimentos para prosseguir no seu desígnio de exhibir os vícios e os defeitos de seus alvos. Numa realidade dominada por um poder cerceador, a sátira pode adquirir fins parciais, rompendo com a sua esperada função ou, aproveitar-se desse

²⁵ O propósito da sátira é, por meio do riso e da injúria, curar a loucura e punir o mal; mas se não atinge esse propósito, ela se satisfaz zombando da loucura e expondo o mal ao desprezo amargo

quadro e desenvolver recursos mais criativos e dispositivos capazes de burlar as imposições da censura.²⁶

Na sátira soviética encontram-se essas duas facetas. Se, por um lado, há a ridicularização e a crítica independentemente do comprometimento com implicações políticas, especialmente na década de vinte; por outro, os parâmetros do realismo socialista e a censura requereram outro tipo de sátira: uma que pudesse ser utilizada a favor da consolidação do pensamento socialista como verdade inabalável e auxiliasse na neutralização dos inimigos do regime. A função reformadora da sátira perde-se em meio à literatura oficial. Segundo Yury Pismenny (1965, p. 165), os teóricos soviéticos acreditavam ser possível determinar com objetividade e precisão a natureza do cômico na vida, e como matéria deste haveria somente o passado degradado, isto é, a sociedade pré-revolucionária e vestígios dela no presente socialista. Em outras palavras, a sátira deveria ser dirigida contra a sociedade burguesa e aqueles que ainda preservavam os seus valores já no regime socialista, tornando-se, automaticamente, inimigos da revolução. A sátira e todos os gêneros literários e artísticos deveriam ser inseridos como elos de uma mesma corrente com a intenção de solidificar e manter o sistema político intacto. A política cultural faz o papel de reforço e segurança ideológica. Sobre essa situação, o escritor Mikhail Bulgákov manifestou-se afirmando que “toda a sátira autêntica (aquela que penetra em zonas proibidas) é absolutamente inadmissível na URSS”.²⁷

Ryan-Hayes, em seu livro *Contemporary Russian Satire*, aponta que a função reformadora da sátira tem uma especial ênfase na literatura russo-soviética ao contrário do curso que tem tomado no Ocidente.

Theoreticians of Russian and Soviet satire have urged practitioners to capitalize on their opportunity to instruct their readers and to ameliorate the ills and excesses they pillory. This utilitarian, functional quality of satire that has often rendered it liminal in Western art has found special resonance in Russian and Soviet culture.²⁸(2006, p.3)

²⁶ É o caso da linguagem esópica na literatura russa.

²⁷ “Carta ao governo” de março de 1930, traduzida por Homero Freitas de Andrade em *O Diabo solto em Moscou*, São Paulo: Edusp, 2002, p. 141.

²⁸ Teóricos da sátira russa e soviética encorajavam aqueles que a praticavam a capitalizar suas oportunidades para instruir os leitores e aperfeiçoar as doenças e os excessos expondo-os ao ridículo. Essa qualidade utilitária, funcional da sátira que em geral representa uma limitação dentro da arte ocidental encontrou uma ressonância especial na cultura russa e soviética.

Iskander não se vincula, de maneira nenhuma, à sátira oficial. Porém, existem especificidades no desenvolvimento desse procedimento que o afastam também dessa função mais generalizante de aperfeiçoamento. Segundo Hayes, Iskander vê como intenção e procedimento, tanto da sátira como da alegoria, o exame minucioso do mal, mais do que a exortação ao leitor daquilo que é o bom (Idem, p. 21). O desmascaramento é priorizado em lugar do propósito reformador.

A *constelação do capriuro* narra a história da criação de um novo animal, um híbrido de uma cabra com um uro²⁹, na região montanhosa da Abkházia através do olhar de um jovem jornalista que, sem ser nomeado, retorna à pátria – após ser demitido da redação de um jornal na Rússia Central – e consegue ser contratado pelo diário local, o *Subtrópicos Vermelhos*. Esse exerce a função de propagandear a recente criação, bem como toda a polêmica que acompanha o que deveria ser a grande promessa da economia soviética. Nesse seu retorno, o narrador tem a oportunidade de se reaproximar dos locais que fizeram parte da sua infância, motivando uma série de recordações sobre a família e a sua antiga vida no humilde povoado.

A sátira de *A constelação do capriuro* dirige-se aos fatos recentes da política soviética (quando da sua publicação, em 1966), mais precisamente, ao período em que Nikita Khruchev estava à frente do país. A “campanha do milho”, levada a cabo pelo líder – durante os anos em que o autor trabalhou como jornalista nas cidades de Kurski e Brianski e viu a empreitada de perto – foi o gatilho que motivou a criação da história. O escritor reapropria-se desse evento e transfigura-o ficcionalmente em uma outra campanha, a da criação do capriuro.

Khruchev lançou a “campanha do milho” após ter contato com as plantações americanas, em visita aos EUA, em 1958, a convite do presidente americano Eisenhower, o que encorajou as tendências já existentes no “experimentalismo” soviético. As exuberantes plantações do estado de Iowa persuadiram o líder de que a alta produtividade dessa cultura traria enormes benefícios para a URSS, não somente no cultivo de grãos, mas também no sustento do gado. A “campanha do milho” surgiu como uma tentativa de salvar a agricultura, expandindo-se as áreas cultiváveis para terras impróprias para a sua cultura (fertilidade, clima, latitude) e substituindo o cultivo de outros produtos essenciais resultando na sua escassez. O fracasso não demorou muito a aparecer, apesar de verificar-se algum aumento em certas regiões (em outras o

²⁹ *Uro* ou *auroque*: espécie de boi selvagem extinto no século XVII, o último morreu na Polônia, em 1627.

malogro foi absoluto), esse não foi suficiente e as reservas do país caíram rapidamente (VOLKOGONOV, 2008, p. 191).

Indignado com a situação, Iskander escreveu artigos contra essa campanha porque considerava o fracasso iminente, uma vez que sabia que terras da região eram inadequadas para esse tipo de cultura. Evidentemente, a sua expressão de revolta não obteve resultados, levando o escritor a manifestar-se em outro campo.

Entretanto, ainda que o autor transfigure esse evento ao levá-lo para a literatura, a crítica à empreitada de Khruchev é referida “lateralmente” (IVANOVA, 1991, p.98).

Платон Самсонович тихо торжествовал. На последней летучке он довольно неожиданно заявил, что пора объявить штату Айова, с которым мы соревновались по производству кукурузы, соревнование по разведению козлотуров³⁰. (ISKANDER, 2010, p. 201)

Aqui, ironicamente, o acontecimento real é reconfigurado como se a “campanha do milho” tivesse alcançado êxito e equiparado a produção soviética com a exuberância do produto americano. Isso, isoladamente, seria apenas uma referência à fonte primeira do livro, um modo de deixar pistas sobre o problema. Mas, assim como essa campanha, como aponta Ivanova (p.98,1991), sucediam-se diversas outras na época de Khruchev. Iskander ridiculariza esse fato não somente por meio do empreendimento principal, o do capriuro, mas também ao introduzir uma série de outras campanhas menores, nesse contexto, que atingem, a todo o momento, direta ou indiretamente à personagem: a campanha pela redução de pessoal, pela redução de combustível, pela aposentadoria. O excesso de campanhas da época é depreciado pela demonstração da sua insensatez, a conveniência da existência de uma no momento em que o redator do jornal para a juventude demite o narrador-personagem, enquanto que se diminuem os gastos com combustível sem que se saiba o que fazer com os motoristas ociosos. Como veremos será Platon Samsónovitch que irá encarnar melhor essa necessidade por iniciativas milagrosas, num ciclo de frustrações infinitas. Para Iskander:

(...) Formally speaking it [A constelação do capriuro] could be take as an attack on Khrushchev's so-called 'voluntarism', although in fact the story was a satire not just on Khrushchev's mad, catastrophic

³⁰Platon Samsónovitch comemorava em silêncio. Na última reunião, ele declarou bastante inesperadamente que era hora de desafiar o Estado de Iowa – com quem nós competíamos na produção de milho – a competir conosco também na criação de capriuros.

campaign to make the whole country grow maize, but on all such Soviet campaigns, on the whole nature of Soviet society.³¹ (Cf. LAIRD, 1999, p. 12)

A natureza “criadora” da sociedade soviética (nova sociedade, novo homem, nova arte) associada à personalidade de inovacionista de Khruchev proporciona, no âmbito da narrativa, a apropriação de um conjunto de elementos que compõem o enredo e permitem uma conexão metafórica não somente com a campanha que motivou *A constelação do capriuro*, mas também com as campanhas soviéticas de um modo geral, como pretende Iskander. Ivanova esmiúça a narrativa em sete elementos que, segundo ela, estariam na base estrutural da novela, em outras palavras, componentes reconhecíveis que impulsionam o desenvolvimento da “campanha” e, pode-se afirmar, que também estariam presentes nos eventos reais da época de Khruchev:

- 1) центральный образ утописта, желающего немедленного блага не только для сельского хозяйства, а для страны в целом;
- 2) утопистом в данном случае выступил еще и любитель, дилетант (Н. С. Хрущев в свое время был рабочим, слесарем, а отнюдь не специалистом по сельскому хозяйству);
- 3) методы кампанейщины, охватывающей все новые и новые регионы; сталинистская идея “скачка”;
- 4) принцип “снежного кома” - от изначально брошенной идеи до ее гиперболического умножения;
- 5) бесперебойная работа пропагандистски-агитационного механизма (газета);
- 6) колоссальный разрыв между желаемым и действительным;
- 7) крах кампании, крушение утопии, цинично-равнодушное отмежевание от главного утописта³².

³¹ Formalmente falando, [A constelação do capriuro] pode ser tomada como um ataque ao assim chamado “voluntarismo” de Khruchev, embora, de fato, a história seja uma sátira não só da sua loucura, da sua campanha catastrófica para fazer do país todo um grande milharal, mas de todas as tais campanhas soviéticas, da natureza de toda a sociedade soviética.

³² 1) A figura central de um utopista desejoso do benefício imediato não somente da agricultura, mas também do país como um todo;
2) como utopista, nesse caso, também atuou o amador, o diletante (N.S Khruchev no seu tempo foi operário, serralheiro, e, de modo algum, foi especialista em agricultura);
3) Política de encaminhamento de campanhas, que abarca cada vez mais novas regiões; a ideia stalinista de “salto”;
4) O princípio da “bola de neve” - a partir de uma ideia lançada à sua multiplicação hiperbólica.
5) O trabalho contínuo de um mecanismo de agitação-propagandística (o jornal);
6) Um abismo colossais entre o desejo e a eficácia;
7) O fracasso da campanha, a derrocada da utopia e a separação cínica e fria de ambos do principal utopista.

Os sete elementos em si formam uma linha narrativa que parte inicialmente da existência de uma personalidade capaz e ávida por concretizar um plano grandioso. A concretização desse plano pelas insistentes campanhas que funcionam não só pela vontade de seu idealizador, mas também por mecanismos de propaganda, a alma de todas as campanhas. Finalmente, culmina no desastre, com a devida salvaguarda dos altos escalões por trás da campanha.

O caráter de Khruchev, enquanto líder, sempre entusiasmado pelo inovador, divide-se, na narrativa em duas personagens: o redator-chefe do jornal *Subtrópicos Vermelhos* Avtandil Avtandílovitch, e o chefe da seção de agricultura, Platon Samsónovitch. Ambos, em níveis diferentes, compartilham as características de um “utopista”.

O primeiro, detém o posto de comando do jornal, ele encarna a figura do líder numa escala menor. Sem as suas orientações e coordenações, nenhum projeto pode seguir adiante. É ele, em última instância, quem dá a palavra final, ainda que não seja o idealizador da campanha, a sua permissão e colaboração não somente possibilitam que a idéia se multiplique, como o próprio fato de apoiá-la, por si só, já contribui para a idoneidade do empreendimento. Isso se dá porque, além de ser um bom administrador, a figura de Avtandil Avtandílovitch tem grande poder e respeito na região. “*Передай моему другу Автандилу Автандиловичу, что пропаганда козлотура в надежных руках*”.³³ (ISKANDER, 2010, p.248) Nesse fragmento, vê-se que o redator é considerado a cabeça à frente do projeto, a ele se reportam não somente os funcionários do jornal, mas todos os indivíduos que de algum modo estão envolvidos com o capriuro. É o caso do *kolkhoz* do povoado de Orekhovyi Kliutch a que o nosso jovem repórter foi enviado para averiguar as condições em que vive o animal. Embora não dêem muita importância a ele, esforçam-se por mostrar ao jornalista que tudo corre como deveria.

- С козлотуром мы провели большую работу.
- А что именно? – спросил я.
- Во-первых, широкая пропаганда среди населения, – председатель загнул мизинец на левой руке и вдобавок пристукнул его правой ладонью. – Сегодня у нас читает лекцию уважаемый товарищ Вахтанг Бочуа. Зоотехника командировали к селекционеры.³⁴ (Idem, p. 235)

³³ Diga ao meu amigo Avtandil Avtandílovitch que a propaganda do capriuro está em boas mãos.

³⁴ – Nós realizamos um grande trabalho pelo capriuro.
– O que exatamente? – perguntei.

No segundo caso, Platon Samsónovitch incorpora a figura do utopista. O idealizador que leva a cabo a propaganda e acredita piamente que haverá resultados sem precedentes. Apesar de Avtandil Avtandílovitch ser a figura do poder, é Samsónovitch quem está por trás de todo o processo, é ele quem encontra uma pequena notícia de jornal sobre a descoberta e passa a escrever artigos sobre a mesma, sempre exaltando as suas qualidades, entra em polêmicas defendendo a legitimidade do experimento, pensa e cria inovações que os *kolkhozes* possam aplicar. Ele passa de idealizador e propagandista a inventor.

A personagem de Platon Samsónovitch é uma caricatura do lado experimentalista do líder soviético, no sentido em que esta “é a destruição dos ídolos pelo riso” (MINOIS, 2003, p. 469). O caráter de inovador e utopista tomado de Khruchev é exagerado e ridículo, a ponto de a personagem entregar-se totalmente à campanha, abandona a mulher e os filhos para se dedicar completamente à propaganda:

Платон Самсонович отдавал газете все свое время. Он приходил в редакцию раньше всех и уходил поздно вечером, так что мне даже как-то бывало неудобно уходить домой после рабочего дня (...)

На этом и решили. В сущности говоря, уходя от семьи, Платон Самсонович не собирался обзаводиться новой семьей или тем более любовницей. Он как бы удалялся от мирских сует, чтобы полностью отдаться любимому делу.³⁵ (Ibidem, p.199-200)

O próprio nome da personagem, Platon Samsónovitch, é composto de Platão e Sansão. O primeiro, filósofo e matemático da Grécia Antiga, célebre pela sua Teoria das Idéias, na qual o mundo real, que nos rodeia, é apenas uma sombra de um mundo

– Em primeiro lugar, uma enorme propaganda entre a população – o presidente levantou o dedo mindinho da mão esquerda e ainda por cima bateu-lhe com a palma da outra mão – Hoje nós teremos uma conferência do respeitado camarada Vakhtang Botchua. Enviaram um zootécnico ao selecionador.

³⁵ Ele dedicava ao jornal todo o seu tempo. Chegava à redação antes de todos e ia embora tarde da noite, de modo que, às vezes, me incomodava ir para casa ao fim do expediente (...) Ficou resolvido assim. Na realidade, ao deixar a família, Platon Samsónovitch não pretendia arranjar uma nova e muito menos uma amante. Ele como que se afastava das futilidades do mundo para se entregar completamente ao seu assunto predileto.

metafísico superior, que consiste num plano em que todas as coisas possuem uma forma plena, perfeita, ideal.

Platon Samsónovitch está sempre em busca de um novo projeto salvador, não necessariamente como na teoria do filósofo, mas persegue uma idéia que trará a perfeição, uma resposta definitiva, assim como o seu modelo, Khruchev, buscava, nas diversas campanhas, soluções rápidas, decisivas, quase milagrosas, para os problemas da URSS.

Em seu patronímico, é possível encontrar paralelos com o mito bíblico de Sansão, um dos juízes do povo israelita, notório pela sua força sobre-humana da qual ninguém conhecia a origem, mas que seria proveniente do divino. Sansão derrotava facilmente seus inimigos e devido a isso, foi alvo da cobiçosa Dalila, uma filistéia por quem se apaixonou, e que mais tarde tomou-lhe a força tecendo seus cabelos e entregou-o aos filisteus. Foi cegado e virou cativo. O nosso Samsónovitch está longe de ter uma força sobre-humana ou o poder de um juiz, porém, é obstinado na missão de levar ao seu povo as soluções mais criativas para os seus problemas.

A “Dalila” da personagem de Iskander é apenas uma mulher que escarnece da sua tarefa de utopista e toma suas forças sendo um peso imposto pelas relações familiares:

Дома он не мог работать, потому что он жил в одной комнате, а семья у него была большая -- жена и взрослые дети (...)

– Они смеются надо мной,-- вставил, говорят, в этом месте Платон Самсонович.

– Как смеются? – удивился редактор. – Платон Самсонович занят большой государственной проблемой...

– Они мешают моей творческой мысли, – подсказал, говорят, Платон Самсонович.

– Верните мне моего изобретателя,-- повторила жена.

– Она и сейчас смеется,-- пожаловался Платон Самсонович.³⁶

(Idem)

³⁶ Em casa, ele não conseguia trabalhar porque morava em apenas um cômodo e a sua família era grande: a esposa e os filhos adultos (...)

– Eles ficam rindo de mim – teria dito Platon Samsónovitch.

– Como assim ficam rindo? – admirou-se o redator. – Platon Samsónovitch está ocupado com um grande problema de Estado...

– Eles atrapalham o meu pensamento criador – teria dito Platon Samsónovitch.

– Devolva o meu inventor – repetiu a esposa

– Ela está rindo de mim de novo – queixou-se Platon Samsónovitch.

Mas o que de fato chama atenção no mito bíblico é a mandíbula do jumento que Sansão utiliza para matar centenas de homens. Ele recobra através dela a sua força e consegue derrotar um exército de filisteus. Platon Samsónovitch anima-se e se torna ativo sob a influência das campanhas, aqui, no caso, de uma espécie animal. O capriuro desperta a intensidade criativa da personagem, motivando-a e transformando-a, sempre com a promessa de algo a conquistar, projetos que exigiriam uma capacidade sobre-humana: prosperidade econômica, vencer a disputa de produção com os EUA, enfim, vencer todos os inimigos, sociais e políticos. O fracasso da iniciativa é também o fracasso de Samsónovitch, que fica abatido e é afastado para repousar nas montanhas, num lugar que, ironicamente, ainda mantém o capriuro em seu nome. A esse fracasso somam-se outros como, por exemplo, uma nova técnica de pescaria que, em lugar de trazer mais peixes, afastou-os. Essa compulsão, essa busca irracional aproxima Platon Samsónovitch da galeria de heróis gogolianos “perseguidos por uma idéia obsessiva” (CAVALIERE, 2009, p. 73).

O nosso narrador acompanha as excentricidades dessas personagens, bem como a loucura de toda a campanha, com certa tranquilidade. Assim como a personagem de Gógol, Khlestakóv, de *O inspetor Geral*, o protagonista de Iskander empreende uma viagem pela província e experimenta a vida menos agitada e mais humilde dessa localidade. Como Khlestakóv, ele chega a Orekhovyi Kluitch e rapidamente é tomado por outra pessoa, um forasteiro representante de uma Empresa de Economia Florestal que teria algum poder de julgamento sobre o lugar, já que era esperado. Na trama de *O inspetor geral*, o engano, a impostura da personagem, é a chave que conduz toda a história, em Iskander esse engano não acontece propriamente, mas, assim como Khlestakóv a sua posição é quase que a de um auditor, só que um auditor de capriuros. Ele viaja ao povoado para averiguar uma denúncia de maus tratos ao animal e, portanto, verificar o lugar, as condições e o trabalho das pessoas. O enganoso da personagem está na sua própria consciência e no reverso, os habitantes de Orekhovyi Kliutch sabem que a posição do jornalista é a de um farsante, e assim, encenam o teatro da capriurização.

Nesse caso, o embuste, em Iskander, não é tanto da personagem, mas do motivo pelo qual ela vai ao povoado: a “campanha do capriuro”. Os habitantes dali, bem como o *kolkhoz* local, não vêm a iniciativa com bons olhos, apenas uma extravagância que surgiu para complicar a vida e atrapalhar a produção da região. Essa recusa da campanha é manifestada pelo presidente do *kolkhoz*, pelo agrônomo e outros

funcionários que soltam risadinhas, porém, percebe-se mais explicitamente nos dois velhos abkhazianos e no motorista Valiko.

- Сынок, – спросил тот, что был с посохом, – этот, что с тобой, новый доктор?
- Это козлотурский доктор, – сказал председатель.
- А я посмотрел и думаю: армянин, – вставил тот, что был с палкой.
- Чудеса, – сказал тот, что был с посохом, – я этих козлотуров в горах сотнями убивал, а теперь за одним доктора прислали.³⁷ (ISKANDER, 2010, p 236)

Um dos velhos parece não fazer distinção quanto à natureza do animal em questão. Ele o trata como um bicho qualquer, que pasta pelas montanhas, sujeito a ser abatido como qualquer outro. A condição que é dada ao capriuro é alheia a como se enxerga a relação do homem com o animal e deste com a natureza.

Valiko, afora o desentendimento com a situação, tem uma atitude mais agressiva. Possivelmente em defesa do povoado:

- Чтоб я этого невинного ребенка сварил в котле для мамалыги...
- Не надо! – воскликнул я.
- Сварил в котле для мамалыги, – безжалостно продолжал он, – и съел ее детское мясо своими руками, если ты мне не скажешь, для чего козлотуры, хотя я и сам знаю! – произнес он с ужасающей страстью долго молчавшего правдоискателяю.
- Как для чего? Мясо, шерсть, – пролепетал я
- Сказки! Атом добывают из рогов,-- уверенно произнес Валико.
- Атом!
- Точно знаю, что добывают атом, но как добывают, пока еще не знаю, – сказал он убежденно. Теперь на губах его снова играла загадочная полуулыбка человека, который знает больше, чем говорит.³⁸ (Idem, pp. 253-254)

³⁷ – Filhinho – perguntou aquele que estava com o cajado – esse aí com você é o novo doutor?

– Esse é o doutor de capriuros – disse o presidente.

– Mas eu olhei e pensei: é um armênio – disse aquele que estava com o bastão.

– Vejam só – disse o velho com o cajado – eu matei centenas desses capriuros das montanhas, e agora, por causa de apenas um, mandaram um doutor.

³⁸ – Que eu cozinhe essa criança inocente no caldeirão para fazer *mamalyga*...

– Que isso! – gritei eu.

– Que eu cozinhe no caldeirão para fazer *mamalyga* – ele prosseguiu sem piedade – e coma a carne da criança com as minhas próprias mãos se você não me disser para que servem os capriuros, apesar de eu já o saber! – ele pronunciou com a paixão aterrorizante de um procurador da verdade há muito em silêncio.

– Para que ele serve? A carne, a lã. – balbuciei.

– Histórias! Estão tirando o átomo dos chifres. – Valiko disse seguro.

As únicas personagens que apóiam a campanha do capriuro (ignorando as demandas dos habitantes locais) e parecem não enxergar os problemas de depositar toda a confiança em uma experiência não comprovada, são os envolvidos diretamente no mecanismo de propaganda (recuperando o item 5 de Ivanova), exceto o narrador. Juntamente com Avtandil Avtandílovitch e Platon Samssónovitch, Vakhtang Botchua, o companheiro abkhaziano da juventude da personagem, é a figura célebre, o acadêmico que dá autoridade ao experimento por meio de suas conferências. Apesar de ser um habitante da região, ele incorpora os valores soviéticos e, além de participar da campanha, Vakhtang absorve e difunde o discurso demagógico da política e a práxis da burocracia soviética.

- Много ты лекций прочел? – спросил я у Вахтанга.
 - Заказы сыплются, за последние два месяца восемьдесят лекций, из них десять шефских, остальные платные, – доложил он.
 - Ну и что говорят люди?
 - Народ слушает, народ осознает, – сказал Вахтанг туманно.³⁹
- (Ibidem, p. 247)

Toda a campanha é difundida, no discurso de Vakhtang, em benefício do povo. Entretanto, se levarmos em consideração a opinião dos moradores do povoado, esse discurso torna-se vazio, falacioso. Em outra passagem, a personagem revela o jogo de favores implicado nas suas relações com o *kolkhoz* de Orekhovyi Kliutch:

- Не будь дураком, оставайся, – сказал Вахтанг вполголоса,
- после лекции предстоит хлеб-соль. Ради меня они зарежут последнего козлотура...
- С чего это они тебя так любят? – спросил я.
- А я обещал председателю устроить с удобрением, – сказал Вахтанг серьезно, – и я это действительно сделаю.

– O átomo!

– Sei exatamente que eles estão tirando o átomo, mas como, por enquanto ainda não sei – disse ele com convicção. Nesse momento, de novo nos seus lábios pairou aquele meio sorriso enigmático de uma pessoa que sabe mais do que diz.

³⁹ – Você já deu muitas conferências? – perguntei a Vakhtang.

– Chovem pedidos. Oitenta conferências nos dois últimos meses; dessas, dez foram beneficentes e as restantes, pagas – informou ele.

– Então, o que é que as pessoas falam sobre isso?

– O povo escuta, o povo toma consciência – disse Vakhtang nebulosamente.

– Какое ты имеешь отношение к этому?
– Мой мальчик, – улыбнулся Вахтанг покровительственно, – в природе все связано. У Андрея Шалвовича племянник поступает в этом году в институт, а твой покорный слуга член приемной комиссии. Почему бы председателю райисполкома не помочь хорошему председателю? Почему бы мне не обратить внимание на юного абитуриента? Все бескорыстно, для людей.⁴⁰ (Idem)

A crítica ao empreendimento do capriuro não se dirige somente à “febre” das campanhas soviéticas, mas também à modernização desenfreada ancorada na ciência. A teoria genética mitchurinista é explicitamente citada no texto e seu seguidor na URSS, Trofim Lysenko, o principal alvo das críticas, é aludido indiretamente.

Trofim Denissovitch Lysenko (1898-1976) foi, durante o período stalinista, diretor do Instituto de Genética da Academia de Ciências da URSS e presidente da Academia de Agricultura Lenin. Durante a era de Khruchev, Lysenko perdeu parte da sua hegemonia devido à reabilitação de outros cientistas e foi destituído da posição de presidente da Academia de Agricultura. Apesar disso, Khruchev ainda confiava na sua visão científica e Lysenko continuou a exercer forte influência.

O cientista combateu ferozmente as teorias de Mendel na educação russa, desacreditando-o como metafísico, idealista, ao contrário da sua teoria dialética materialista (CASPARI; MARSHAK, 1965, p.276). Seus esforços foram bem sucedidos e as pesquisas mendelianas e seus seguidores, retirados das instituições de ensino em seu favor. Lysenko teve seu pensamento teórico influenciado por Ivan Vladimirovich Mitchurin (1855-1935) e as suas formulações no campo da pesquisa sobre a hereditariedade.

Michurin believed (as Darwin did) that "heredity" is in some fashion diffused throughout the organism and can be modified by many types of environmental influences. This point of view was in the Lamarckian tradition and was taken over by Lysenko⁴¹ (Idem, p. 276).

⁴⁰ – Não seja tonto, fique – disse Vakhtang a meia voz – depois da palestra haverá uma recepção. Eles abaterão para mim o último capriuro...

– Por que é que eles gostam tanto de você? – perguntei.

– Eu prometi ao presidente arranjar fertilizantes – disse Vakhtang seriamente – e eu realmente farei isso.

– Que você tem com isso?

– Meu filho – Vakhtang sorriu com um ar protetor – na natureza tudo está ligado. Andrei Chálvovitch tem um sobrinho que ingressa no Instituto este ano, e este seu humilde criado é membro da comissão de admissão. O que impede ao presidente do *Raiispolkoma* de ajudar a um bom presidente do *kolkhoz*? O que me impede de prestar atenção a um jovem candidato? Tudo isso sem nenhum interesse, apenas para ajudar as pessoas.

⁴¹ Michurin acreditava (assim como Darwin) que a “hereditariedade” de algum modo estava difundida por todo o organismo, podendo ser modificada por vários tipos de influências ambientais. Esse ponto de vista seguia a tradição lamarquista e foi adotado por Lysenko

Lysenko tentou aplicar o método de mudanças hereditárias de características em plantas e também em animais. Os seus experimentos careciam de metodologia e controle apropriados para que suas teorias tivessem base científica adequada e pudessem ser comprovadas. Muitas das suas tentativas de hibridizar certas plantas não conseguiram ser reproduzidas fora da URSS, o que claramente despertava suspeitas sobre a sua veracidade. Apesar disso, o lysenkoismo perdurou durante muito tempo. É possível dizer que o sucesso da teoria científica ia ao encontro dos ideais sociais e políticos do socialismo:

Since Marx and Engels were the prophets of the Russian Revolution, their fervent Darwinism (with its associated Lamarckian doctrine) provided the "scientific" rationale for dedicated Communists striving to mold Soviet man into a paragon of virtue, hard work, and social consciousness.⁴² (CASPARI; MARSHAK, 1965, p. 275)

Essa teoria dava respaldo científico ao projeto de aperfeiçoamento do homem na sociedade através de mudanças ambientais. Indiretamente, isso parece justificar até as medidas mais repressoras se no seu horizonte estivesse um ser humano melhor. Ganhando, com isso, um status de teoria oficial da URSS durante o stalinismo, condizente com o programa político comunista tal como prescrito pelo governo.

Nesse contexto, as controvérsias que surgiram em torno do lysenkoismo não estavam apenas na sua oposição à Mendel, mas na prática eliminatória de qualquer teoria que contradissesse a sua própria. Lysenko o fazia tirando o emprego de outros cientistas e destruindo-lhes a reputação perante a comunidade soviética. O trabalho do cientista foi desacreditado e retirado do sistema de ensino apenas em 1964.

Apesar de a publicação de *A constelação do capriuro* ocorrer depois desse fato, percebe-se que o nome de Lysenko não aparece textualmente, sendo aludido apenas como um “importante cientista”. A conexão com ele se dá pelo tipo de experiência, o hibridismo, e pela citação explícita do nome de Mitchurin.

Na primeira edição da novela, em 1966, o nome deste último aparece na boca dos propagandistas para validar, ou não, os experimentos feitos com o capriuro. Em

⁴² Já que Marx e Engels eram os profetas da Revolução Russa, seu fervoroso darwinismo (associado à doutrina lamarquista) supria a racionalidade “científica” para os dedicados Comunistas empenhados em moldar o homem soviético em um paradigma de virtude, trabalho duro e consciência social.

edições mais recentes, Iskander acrescentou integralmente um poema do qual, na primeira versão, só apareciam duas estrofes. Nos versos inéditos, surge o nome de Mitchurin, mas dessa vez despido de sua autoridade de cientista.

И только в наши дни впервые
Нашелся добрый чародей,
Что снял преграды видовые
Рукой мичуринской своей.⁴³ (ISKANDER, 2010, p. 281)

Aqui, o feiticeiro é Lysenko, mas a “arte” que utiliza é a herança deixada por Mitchurin. A utilização desse recurso rebaixa a importância e, conseqüentemente, a validade indiscutível do lysenkoísmo. Desse modo, também se põe em questão a própria “campanha do capriuro”, visto que a natureza da experiência é duvidosa.

Na narrativa, outros recursos vão corroborar essa idéia. A história do capriuro lembra os antigos bestiários medievais que descreviam a vida de animais reais e imaginários⁴⁴, muitas vezes, com tonalidade cômica e que, portanto, não tinham a função de compor uma tipologia científica. Na novela de Iskander, o animal é retratado não apenas como uma nova espécie de valor econômico, mas que resulta num conflito entre duas categorias:

В профиль морда козлотура была похожа на лицо вырождающегося аристократа со скептически оттянутой нижней губой. Анфас морда козлотура с мощными, великолепно загнутыми рогами выражала как бы некоторое недоумение. Казалось, козлотур сам не может понять, кто он в конце концов, козел или тур, и что лучше: становиться козлом или оставаться туром.⁴⁵ (Idem, p. 194)

⁴³ E só em nossos dias, pela primeira vez,
Encontrou-se um bondoso feiticeiro,
Que removeu a barreira entre as espécies
Com a sua mão mitchurinista.

⁴⁴ Tais como esfinges (corpo de leão e cabeça de pessoa ou falcão), quimeras (cabeça e corpo de leão, além de mais duas cabeças – uma de dragão outra de cabra – e uma serpente na cauda), harpias (metade mulheres e metade águias), e outros.

⁴⁵ De perfil, a cara do capriuro parecia com o rosto de um aristocrata degenerado, com o lábio inferior descaído de ceticismo. De frente, com chifres vigorosos magnificamente encurvados como que expressava certa perplexidade. Parecia que o próprio capriuro não conseguia entender quem no fim das contas ele era: um bode ou um uro, e o que seria melhor: tornar-se um bode ou permanecer um uro.

A atribuição de características humanas ao animal proporciona um efeito cômico (PROPP, 1992, p.37), porém não são somente traços negativos que lhe são concedidos. O híbrido também adquire subjetividade e envereda num questionamento próprio do homem: “quem sou eu?”. Entretanto, nesse contexto, a pergunta não implica somente o conhecimento de si mesmo, mas a contradição do pertencimento dada pela existência natural em contraposição à artificial.

A caracterização do animal é exagerada em diversos pontos. Nos seus atributos físicos, possui chifres magníficos, uma força extraordinária e uma capacidade de saltar sem precedentes. Quanto à personalidade, é dócil como a sua herança caprina. E, o mais importante, tudo pode ter proveito econômico (a carne, o leite, a lã, os chifres e etc).

O capriuro seria, então, uma criação superior, aperfeiçoado em todos os sentidos, exceto pela dificuldade de conseguir progênie. Toda a exaltação feita pelos propagandistas do animal entra em contradição com o seu comportamento na natureza, que não parece se adequar a nenhum lugar e não se integra com os outros animais. Associado a isso, a não aceitação dele por parte dos habitantes do povoado, por parte da comunidade científica, e posteriormente, pela capital soviética põe em questão a necessidade de tal criação.

Nesse sentido, o híbrido representa o exagero da própria natureza da sociedade soviética que, apossando-se de uma idéia, busca a sua realização concreta a qualquer custo. A irracionalidade da criação e a sua inadequação com o mundo reforçam-lhe o caráter grotesco⁴⁶. É uma criatura risível, mas aberrante e com isso chama a atenção para os problemas da sociedade e a instabilidade que essas tendências podem causar.

Essas questões não são frutos apenas da época de Iskander e do ímpeto inovador de Khruchev. Já no início da URSS, na década de vinte, pode-se fazer paralelos interessantes com a sátira de Mikhail Bulgákov.

A ciência do exagero, do irracional é tema das novelas *Um coração de Cachorro* e *Os ovos fatais*. Na primeira, o professor Preobajéski realiza uma experiência com um cachorro para descobrir questões sobre o rejuvenescimento humano, porém algo inesperado ocorre e o animal pouco a pouco se torna humano. O fato é grotesco e fantástico por si só, porém torna-se mais absurdo quando o ex-cachorro recebe nome, patronímico e sobrenome e é incorporado à sociedade. A partir do tema da recriação do

⁴⁶ Para um histórico do grotesco Cf. KAYSER, Wolfgang. **O grotesco**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1986.

homem, o autor satiriza a idéia do “novo homem” soviético, ligando a sua natureza a de um cachorro de rua.

A figura do animal relacionada ao homem como procedimento satírico também está presente em *A constelação do capriuro*. O híbrido não é constituído materialmente a partir do homem, mas é humanizado pelo autor nos seus atributos morais e sociais. Ele não possui uma ação direta na sociedade, mas a sua existência foi impregnada de valor, agindo simbolicamente. Em outras palavras, o fato de dar a ele uma importância capital no futuro da sociedade é o combustível para a sua ação sobre o homem; tudo será feito a partir dele e para ele.

O capriuro funciona, então, como uma paródia do “novo homem”, o salvador que possuía uma natureza ordinária, mas “evoluiu” para um estágio superior. A crítica a esse homem ideal está no fracasso desse empreendimento, na irracionalidade da sua criação que coloca o homem contra a natureza, e no desenvolvimentismo insensato que ancora todas as expectativas da sociedade numa inovação incerta. Além disso, as constantes criações e recriações não desaparecem com o fracasso, ao final da narrativa deixa-se entrever que sempre haverá outras iniciativas inovadoras a despeito de qualquer falha que tenha acontecido antes.

A crítica à modernização desenfreada fica mais evidente no jogo de contrastes que os desvios da narrativa proporcionam. Toda a história do capriuro e a sua propagação são intercaladas por outros eventos da vida do narrador que não se relacionam, diretamente, com esse fato principal. Predomina um tempo digressivo, os afastamentos do narrador são principalmente lembranças do seu passado.

A narrativa, então, deixa de lado a história que se propôs a contar e envereda pela memória da personagem, que traz à tona uma Abkházia diferente da que vinha sendo apresentada. Quando o passado emerge, o tom da narrativa se torna mais lírico, em completa oposição ao que ocorre no *plot* principal. Esse passado se reconstitui utilizando recursos sensíveis: imagens, sensações e odores.

Порой ветерок, словно срезанный автобусом с поворота, так он был неожидан, доносил далекий запах прелого папоротника, прокаленного солнцем навоза, молочный дух

зреющей кукурузы, и все это сладко и грустно напоминало детство, деревню, родину...⁴⁷ (ISKANDER, 2010, p. 209)

A partir dessa primeira incursão no tempo da infância, a personagem conta as suas aventuras na aldeia e restabelece uma ligação não somente espacial, mas também emocional com os laços familiares, a cultura local e a tradição.

И вдруг я отчетливо вспомнил то время, когда я дольше всего жил в доме дедушки, когда я еще был совсем мальчиком, а козы были еще козами, а не козлотурами.⁴⁸ (Idem, p. 215)

Nesse fragmento, é interessante notar que a personagem revela a sua real opinião em relação ao capriuro. O seu estado nostálgico demonstra a valorização desse passado na aldeia e da sua relação com esse lugar. A existência do capriuro pertence a um tempo que não desperta contentamento. No passado as criaturas eram naturais, pertencentes à ordem do mundo e não precisa ser destruído em nome do que quer que seja.

Também é preciso observar que o passado abriga não somente a tradição, no sentido da transmissão de antigos hábitos, mas também uma sabedoria primordial. A família, os costumes da aldeia, a comida simples, o contato com a natureza, e mesmo o medo daquilo que se esconde à noite na floresta e nos cemitérios, tudo isso representa uma vida prosaica e que já não existe mais. O fato de todos os parentes terem morrido, de não mais ser possível morar na aldeia e recuperar aquela vida, faz com que a personagem perceba que uma parte dele mesmo se perdeu: *“И вот теперь там никого нет, и мне кажется, что я ограблен, что какой-то мой главный корень обрублен.”*⁴⁹ (Ibidem, p. 210)

Essas passagens digressivas, apesar de inicialmente remeterem a um passado associado à vida comum de um povo, também torna efetiva uma tendência que se delineia desde o início da narrativa: a subjetividade da personagem. Os seus primeiros infortúnios (a demissão do jornal, o fim do romance com a namorada) complementam-

⁴⁷ Às vezes, uma brisa, como que cortada pelo ônibus na curva, de tão inesperada que era, trazia o aroma distante de samambaia apodrecida, de estrume calcinado pelo sol e o cheiro leitoso do milho amadurecente. Tudo isso, doce e tristemente recordava a minha infância, a aldeia, a terra natal...

⁴⁸ E, de repente, lembrei-me com muita clareza daquela época, quando eu passava a maior parte do tempo na casa do meu avô, quando ainda era bem pequenininho e as cabras ainda eram cabras e não capriuros.

⁴⁹ E agora, não há mais ninguém aqui e me parece que fui despojado, que uma raiz essencial minha foi cortada.

se com a singularidade das experiências da infância do narrador. Após esse longo retorno ao passado, outros incidentes aparentemente triviais do dia a dia exercem um papel de individualização, pois se configuram como pequenas tragédias pessoais (a maré de azar da personagem) que desencadeiam as reflexões mais subjetivas de toda a narrativa. Esse deslocamento de uma campanha coletiva (a do capriuro) para a vida corriqueira e imprevisível, com suas pequenas perdas diárias (materiais ou não), traz uma preocupação com a vida no seu desenrolar e com o indivíduo. Fato que se reforça pela relação epifânica da personagem com esses pequenos acontecimentos singulares e não com o empreendimento grandioso do capriuro. Isso somado à contraposição entre passado e presente, reafirma a importância do “eu” e das relações subjetivas com o seu meio, que não podem ser moderadas, recriadas ou substituídas e constituem, em última instância, o caráter do ser.

A essência da vida se encontra em nossas raízes, perdê-las significa perder uma parte de si mesmo. O surgimento do capriuro é absolutamente contrário a esse movimento; é uma criatura sem raízes, sem passado, e que aponta somente para o futuro, completamente desapegada de qualquer resquício de tradição, de sabedoria; uma essência do artificial.

Identidade cultural e literária

O bilingüismo é uma questão complexa sobre a qual se debruçam os estudiosos da linguagem. Na literatura esse assunto não deixa de ser matéria de discussão e, no caso russo, não faltam exemplos disso. A partir da criação da URSS, em especial, esse tópico, associado a problemas identitário-culturais e políticos causados pela característica multinacional do estado soviético, emerge com intensidade.

Fazil Iskander, apesar de dominar o russo e o abkhaziano, não pode ser considerado como escritor bilíngue, já que escolheu apenas o russo como língua literária. Nesse caso, a duplicidade está na identidade cultural do autor. No âmbito linguístico isso se apresenta de outras formas: na construção do texto literário, nas lacunas, nas omissões, menções e pequenas inserções da língua materna.

O fato de eleger uma língua para a escrita não torna a questão resolvida. Ao contrário, desde o princípio esse é um tema sempre abordado pelos estudiosos da obra do autor. Não somente questiona-se o porquê de uma escolha e não de outra, além de um fator fundamental, em que lugar essa escolha coloca o escritor, a que literatura pertenceria.

Responder a essa questão não é uma tarefa fácil, ou sequer objetiva e irrefutável em seus critérios. O próprio autor representa essa relação conflituosa na tentativa de se auto-determinar: *“At home – and abroad – I’ve often been asked: are you a Russian or an Abkhazian writer? I find it very difficult to answer what kind of writer I am, because I don’t quite know myself.”*⁵⁰ (ISKANDER, 1988, p.p 19-20). Apesar da preferência pelo russo como língua escrita, isso não implica na aceitação de toda a história que ela carrega, daí a dificuldade de escolha.

Numa entrevista a um programa de televisão⁵¹, o escritor afirmou que apesar de falar russo e abkhaziano desde a infância, ele pensa e escreve somente em russo. A língua, para Iskander, assume um papel determinante. Ao ser instado a se localizar em uma cultura literária específica, escolherá a posição de escritor russo.

A despeito dessa opção, o motivo da Abkházia, da terra natal, está presente em toda a sua obra, dificultando uma identificação absoluta, afora a língua, com a cultura

⁵⁰ Em casa – e fora dela – fui perguntado várias vezes: você é um escritor Russo ou Abkhaziano? Acho muito difícil responder que tipo de escritor eu sou, porque eu mesmo não me conheço direito.

⁵¹ Fazil Iskander. Entrevista. <http://www.youtube.com/watch?v=3H0E2GDPVCE> (Último acesso em 18/03/2012)

russo. Essa questão se manifesta melhor numa entrevista dada pelo autor a Petr Vail' e Aleksandr Genis (apud HABER, 2003, p. 62), em 1987, em que afirma ser um escritor russo, por determinação da língua, mas uma voz da Abkházia. Assumir esta característica como moderadora da sua condição de escritor russo, por si só enfraquece uma possível unidade, além de complexificar a relação entre uma cultura e outra.

De qualquer modo, os dois lados, tanto o russo como o abkhaziano, consideram-no um “outsider” e, após a queda do regime soviético, com os nacionalismos exaltados, escritores como Iskander foram acusados de “contaminar o espírito original russo”. (HABER, 2003, p. 61). Na sua terra natal, pouco tempo depois da publicação de *A constelação do capriuro*, houve rejeição, o patriotismo abkhaziano se sentiu ferido (IVANOVA, 1990, p. 94).

Na representação literária, o resgate da Abkházia, em *A constelação do capriuro*, não se dá somente pelo cenário, mas também na construção das personagens que revelam um pouco do caráter e das tradições do povo abkhaziano. No excerto, o narrador descreve uma das personagens, Avtandil Avtandílovitch, o redator-chefe do jornal *Subtrópicos Vermelhos*:

Этот человек по самой природе своей был руководителем широкого профиля. Как и многие мои соотечественники, он обладал прирожденным застольным талантом. Высокий рост, кучерявые волосы, мужественная внешность делали его одинаково желанным, более того -- необходимым как за банкетным столом, так и за столом президиума на больших собраниях. Он свободно говорил на всех кавказских языках, и тосты, которые он произносил, не нуждались в переводах.⁵² (ISKANDER, 2010, p.192)

A tradição cultural da Abkházia é baseada na oralidade.⁵³ O papel do contador de histórias, do sábio com máximas morais e até mesmo do humor faz parte do imaginário cultural desse povo. O contador de histórias, segundo Kanevskaya (2004, p. 137) é um modo de narrar próprio da região da Abkházia representado pelo princípio do *Alaverdi*,

⁵² Essa pessoa, pela sua própria natureza, era um dirigente altamente qualificado. Como muitas pessoas do meu povo, ele tinha o talento inato de animar as pessoas à mesa. A grande estatura, os cabelos crespos e a aparência viril faziam dele igualmente desejável e até indispensável, tanto à mesa de banquetes, quanto à mesa da presidência nas grandes reuniões. Falava fluentemente todas as línguas caucasianas, e os seus brindes não precisavam de tradução.

⁵³ Apesar de o abkhaziano ser uma língua antiquíssima, ela só foi codificada com o alfabeto cirílico em meados do século XIX. (HABER, 2003, p.71)

uma dinâmica do diálogo comum nas comemorações abkhazianas. Esse princípio se realiza plenamente na figura do *tamada*, uma espécie de chefe de brindes, que à mesa, com seus convidados, desata a contar histórias.

Essa característica, ainda segundo a autora, constitui o fundamento de um dos recursos estruturais da narrativa que ela chama de ramificação, que, em linhas gerais, seriam os vários desvios feitos pelo narrador, em relação ao *plot* inicial da história. Nas narrativas em que o princípio do *Alaverdi* está presente, a ramificação se daria não necessariamente pelas várias histórias contadas por uma mesma voz, mas rotacionando a narrativa por várias pessoas, isto é, aquele que tem a vez à mesa. Em *A constelação do capriuro*, esse evento não ocorre, o caráter do *tamada* é construído pela referência a sua importância, mas a ramificação aparece em apenas uma única voz narrativa.

A ramificação, então, se dá pelas digressões da personagem que se propõe a contar a história da criação de um novo animal, mas intercala outras histórias, especialmente do seu passado, fazendo o evento principal parecer, às vezes, secundário ou como pretexto para consolidar uma imagem representativa das idéias por trás da criação e propaganda do animal.

Os desvios narrativos estão diretamente relacionados à Abkházia, especificamente, do passado, da infância da personagem. Esse retorno às origens pode ser colocado numa relação de oposição com esse mesmo local no tempo presente, caracterizado pela intrusão de uma modernização irracional representada pela ciência do absurdo que criou o animal híbrido baseada em fundamentos frágeis.

Essas digressões cumprem o papel de resgate da memória, em que a cultura e as tradições da Abkházia são aos poucos inseridas, delineando os valores que possibilitarão as contraposições satíricas. O papel do antigo e a sua perseverança nesse meio é representado pela figura dos anciãos:

Один из них держал в руке палку, другой -- посох. Я заметил и радостно удивился тому, что крючковатый загиб рогатульки на посохе одного старика соответствовал крючковатому носу самого старика, тогда как другой старик был с прямым носом и держал палку без всяких ответвлений. Проходя мимо них, я поздоровался, вернее, почтительно кивнул им, на что они ответили вежливым движением, как бы приподымаясь навстречу.
⁵⁴ (ISKANDER, 2010, p.231)

⁵⁴ Um deles tinha um bastão nas mãos, o outro, um cajado. Observei e admirei-me alegre ao perceber que a curva adunca do cajado de um dos velhos correspondia ao nariz adunco dele próprio, enquanto que o outro velho tinha o nariz reto e segurava um bastão sem nenhuma ramificação. Ao passar por eles,

A sensação é a de que esses dois velhos sempre estiveram ali, observando e, na situação da narrativa, evidenciando a identidade cultural desse local. Isso fica mais claro na recorrência dessas personagens:

Было жарко. В тени грецкого ореха все еще сидели два старика, и тот, что был с посохом, что-то рассказывал другому, время от времени постукивая своим посохом по земле, так что он уже продолбил порядочную лунку. Было похоже, что он собирается поставить здесь небольшую изгородь, чтоб отгородить свое место в тени орешника от летнего солнца и колхозной суеты.⁵⁵
(idem p. 236)

A presença simbólica desses velhos, as lembranças do narrador sobre a terra natal, que, aparentemente sem intenção, acabam colocando numa relação de tensão essa cultura tradicional ao pretexto da narrativa, a criação do capriuro.

Outro elemento que auxilia na construção da identidade abkhaziana é a língua. Enquanto fator de grande representatividade cultural, não é posta diretamente, o autor não “imita” ou estiliza a língua na tentativa de reproduzir traços dela nos diálogos. É o narrador quem explica como algo foi dito e de que maneira soou aos interlocutores. Se a língua é um instrumento de identificação nacional e o fato de não utilizar a língua materna pode parecer um abandono da cultura, em Iskander isso não é propriamente verdade. A não utilização desse recurso de identificação cultural, segundo Kanevskaya (2004), é uma maneira de não transformar a língua e, portanto, a própria cultura, em algo pitoresco e passível de zombaria. Essa atitude pode ser encarada como uma forma de preservação da língua nacional: não imitá-la é um ato de respeito em relação às raízes.

Alguns recursos utilizados pelo autor auxiliam na caracterização cultural das personagens sem utilizar a língua diretamente. Por meio de imprecisões próprias da região como, por exemplo: “*Чтоб я этого невинного ребенка сварил в котле для мамалыги..*”.⁵⁶ (ISKANDER, 2010, p.253) Ou adicionando uma estratégia sonora.

cumprimentei-os, ou melhor, fiz uma reverência, que eles responderam com um movimento cortês, como se levantassem para ir ao meu encontro.

⁵⁵ Estava quente. Aqueles dois velhos ainda estavam sentados à sombra da nogueira. O que tinha o cajado contava algo para o outro e de tempos em tempos batia-o na terra, fazendo isso ele já tinha aberto um buraco considerável no chão. Parecia que ele pretendia colocar ali uma pequena cerca para separar o seu lugar à sombra da aveleira do sol de verão e da agitação dos *kolkhozianos*.

⁵⁶ – Que eu cozinhe a criança inocente no caldeirão para fazer *mamalyga*...

Quando o presidente do *kolkhoz* assiste ao conflito entre o capriuro e as cabras, exclama: *Һэнавидум*, em lugar de *Һенавидум*. A troca das letras marca o sotaque dos caucasianos quando falam russo.

Ainda que a língua materna não seja utilizada diretamente ou estilizada, em geral, as personagens de Iskander sabem o abkhaziano e o autor faz questão de que isso fique claro para o leitor. O próprio fato de que elas a saibam, já constitui um modo de estabelecer a identidade. Em *A constelação do capriuro*, o narrador mostra ao seu leitor, o tempo todo, que ele entende tudo o que acontece na terra natal quando não se fala russo, colocando-se numa posição de indivíduo integrante daquele meio. Também podemos pensar, que se a língua não é dada no texto, então, o leitor (russo) está excluído dela. O abkhaziano é algo partilhado entre os membros de um povo, a língua da tradição oral se mantém misteriosa e somente dá a conhecer o seu significado escrito através do código oficial que emana do centro de poder, o russo.

No texto, a contraposição entre o abkhaziano e o russo, e a relação de poder existente entra a língua oficial e as demais na URSS fica explícito no excerto: *“Нельзя было не залюбоваться мастерством, с каким он вел спор. Разговор шел на трех языках, причем с наиболее задиристым он говорил по-русски, на языке законов.”*⁵⁷ (Idem, p. 246)

Fica evidente que a língua russa é a da oficialidade, da política, da imposição. A tentativa de exclusão do narrador pelo equívoco de se imaginar que ele é russo, é um modo de resistência e afirmação da identidade, pois todas as personagens sabem aquela língua, mas deixam de utilizá-la quando se sentem ameaçadas.

A língua, a cultura, a tradição e os costumes, no caso da obra em questão, são uma forma de constituição identitária, porém a existência desses elementos não encerra o problema. Na Abkházia em que a “campanha do capriuro” tem lugar, muitos valores e procedimentos da sociedade soviética estão incorporados. A personagem de Vakhtang Botchua é um exemplo muito claro disso, com toda a sua retórica de demagogo ele auxilia na propaganda da “interessante iniciativa”. O jornal local também assume esse papel de promover o discurso desenvolvimentista da época.

⁵⁷ Era impossível não se admirar com a maestria com que ele conduzia a discussão. A conversa dava-se em três línguas, com a particularidade de que, com o mais implicante, ele falava em russo, na língua da lei.

A situação é um pouco mais complexa no caso do narrador, que apesar de ser abkhaziano e nostálgico do seu passado nessa localidade, age como um forasteiro, um observador, não assume uma posição clara e continua fazendo o papel que lhe foi dado.

É possível dizer que a presença da Abkházia nessa obra não implica num escapismo, ou numa narrativa conservadora, mas numa tensão insolúvel entre três horizontes de reconhecimento: o russo, o abkhaziano e o soviético. Este último pretendia afirmar uma nova identidade cultural, social e política, porém a sobreposição da hegemonia russa⁵⁸ (linguística, cultural, institucional, legislativa) sobre o multinacionalismo do bloco não promoveu o desenvolvimento dessa idéia, (se é que tal fim é possível). A identidade de Iskander, já nascido com o estado soviético consolidado, é fragmentada; oscila entre um e outro configurando-se num outro modo de reconhecimento. Esse problema, talvez, seja indissolúvel. Tratar da identidade cultural e nacional em Iskander virá sempre acompanhado de diversos *poréns*, a única unanimidade que parecer haver, pelo menos durante o período soviético, é a de escritor não-russo.

⁵⁸ Como uma das medidas de aculturação, promovidas pela cúpula governamental, estão as reformas educacionais de meados da década de 50 que afetaram terrivelmente as diversas nacionalidades do bloco soviético, possibilitando que as escolas retirassem as línguas nacionais e ensinassem apenas o russo (LUCKYJ, 1975, p. 3).

Algumas considerações sobre a tradução

A *constelação do capriuro* foi publicada originalmente na revista *Novyi Mir*, nº8, em 1966. Porém, para esta tradução, escolhemos a publicação mais recente contida na coletânea *Kroloki i Udavy, Sozvezdie Kozlotura, Detstva Tchika*, da editora Eksimo, 2010. Essa escolha se deve ao fato de haver mudanças significativas entre a edição da *Novyi Mir* e as mais recentes. Na primeira, o poema *Kozlotur i samodur* não possui reprodução integral (referência feita no interior do próprio texto), a apresentação deste poema em sua totalidade ocorre nas edições feitas a partir de 1990. Tais modificações têm relevância na compreensão da obra e, portanto, consideramos como melhor opção uma edição mais atualizada e que, efetivamente, pode ter sido submetida a outro olhar avaliativo do autor.

Para melhor esclarecer algumas questões relativas ao contexto histórico, sócio-cultural e também de tradução (somente quando relevantes para o entendimento do texto), foram acrescentadas à tradução explicações em forma de notas de rodapé. Questões que envolvem o cotidiano soviético e as instituições incorporadas e naturalizadas na sociedade e que, conseqüentemente, podem parecer ao leitor brasileiro descritas de modo cifrado ou pouco desenvolvido, foram explicitadas somente nas notas, nunca no corpo do texto, pois julgamos que tais acréscimos constituem interferência demasiada na obra.

Em relação à língua e às suas especificidades, alguns problemas se revelaram recorrentes no decorrer da tradução. As repetições de palavras são comuns na língua russa e não se caracterizam como erro, ao contrário do que ocorre na língua portuguesa. A questão mais difícil está em determinar em que situações as repetições são próprias da língua e em que momento elas são utilizadas como parte intencional da estrutura do discurso, isto é, para dar ênfase, para criar paralelismos, ou demarcar uma linguagem mais coloquial.

Advérbios como *наконец* (finalmente) e *неожиданно* (inesperadamente, bruscamente) aparecem com muita frequência ao longo do texto e, muitas vezes, repetidos com proximidade considerável dentro de um mesmo parágrafo ou frase. Nesse caso, estamos diante de uma repetição específica da língua e, portanto, foram eliminadas quando necessário, além de procurar palavras sinônimas para não traduzir estes termos sempre de maneira igual.

O mesmo ocorre com a expressão *в конце концов* (no fim das contas) repetida inúmeras vezes e a solução foi a mesma do caso dos advérbios.

Já o contrário acontece com a frase *интересное начинание, между прочим* (uma iniciativa interessante, a propósito), que, assim como os outros casos, aparece inúmeras vezes, mas com a diferença de que adquire outros significados dependendo da situação em que é utilizada. Nesse caso, então, trata-se de uma frase que se torna uma espécie de emblema e é sempre repetida propositalmente. Em consequência, a tradução será sempre a mesma em todas as ocorrências.

Além disso, tentamos preservar, na medida do possível, os traços coloquiais característicos do texto de Iskander a fim de conseguir uma maior proximidade com o tom da linguagem original. Para tanto, como argumenta Boris Schnaiderman (2011, p.159) às vezes é necessário “fazer violência com a língua para a qual se traduz” com o intuito de melhor captar o espírito do texto original.

Por fim, as expressões e termos que correspondem a contextos específicos e constituem marcadores culturais foram traduzidas mais próximas ao sentido literal ou transliteradas por julgarmos que em *A constelação do capriuro* as diferenças culturais remetem diretamente à complexidade da natureza da obra de Iskander e, portanto, são essenciais para a compreensão das tensões identitárias, ponto crucial para um estudo do texto.

Para o cotejo foram selecionadas três traduções: a edição americana de Helen Burlingame, *The Goatibex Constellation* (1985), a versão italiana de Cristina Di Pietro *La constellation del caproto* (1992) e a tradução francesa de Andrée Robel, *La constellation du chevraurochs* (1972).

A Constelação do capriuro

Fazil Iskander

Num belo dia, eu fui expulso da redação de um jornal para a juventude da Rússia Central, no qual não trabalhara nem um ano inteiro. Designaram-me para lá logo depois de terminar a universidade.

Por alguma diabólica coincidência, o meu redator-chefe escrevia versos. Como se não bastasse o fato de escrevê-los, ele ainda utilizava um pseudônimo em respeito à direção local, apesar de que, como depois se esclareceu, adotara-o em vão, porque a direção sabia que ele escrevia versos, mas considerava que essa fraqueza era perfeitamente desculpável para o redator de um jornal para a juventude.

A direção local sabia, mas eu não. Já na primeira reunião, pus-me a criticar um poema publicado por nós. Eu fazia isso sem nenhum escárnio, ainda que, talvez, com algum matiz de esnobismo moscovita, o que, em geral, era perdoável para um rapaz que concluía há bem pouco tempo o instituto da capital.

Durante a minha fala, notei com o rabo dos olhos a estranha expressão nos rostos dos nossos colaboradores, mas não dei grande importância a isso. Falando francamente, pareceu-me que eles estavam impressionados com a elegância da minha argumentação.

Talvez eu tivesse escapado de uma boa se não fosse por uma coisinha de nada. Nos versos escritos em nome de um membro do *komsomol*⁵⁹ da aldeia, falava-se das vantagens da colheita mecânica de batatas sobre a colheita manual.

Por ingenuidade da minha parte, inclusive literária, concluí que aquele poema era mais um daqueles que chegam ao acaso a todas as redações do mundo e, no final do meu discurso, para não ofender completamente o autor, eu disse que, apesar de tudo, para um membro do *komsomol* da aldeia, ele estava escrito razoavelmente bem.

Jamais eu voltaria a criticar os versos do nosso redator, mas parecia que ele não acreditava em mim e achava que eu levava as críticas para os corredores.

No fim das contas, acho que ele resolveu bem a situação: para um jornal provinciano dirigido à juventude, um poeta já era mais que suficiente. Qual exatamente, quanto a isso ele não tinha dúvidas, como, aliás, eu também não tinha.

Na primavera, iniciou-se uma campanha para a redução de pessoal, e eu caí nela. A primavera é uma estação muito conveniente para a redução de pessoal, mas pouco adequada para um homem se separar da mulher amada.

⁵⁹ Abreviação de *Kommunisticheskiĭ soĭuz molodëjĭ*, União da juventude comunista.

Naquela época, eu estava apaixonado por uma moça. Durante o dia, ela trabalhava como contadora na tesouraria de uma instituição militar, e à noite estudava na escola noturna. Entre essas duas ocupações, ela conseguia tempo para marcar encontros e, infelizmente, não somente comigo. Distribuía-os como flores.

É possível dizer que naqueles anos ela passava pela vida com um enorme buquê de flores, espalhando-o negligentemente a torto e a direito. Cada um que recebia uma flor considerava-se como o futuro dono de todo o buquê e por causa disto acontecera uma grande quantidade de mal-entendidos.

Certa vez, nós nos encontramos no parque e passeamos por algum tempo pelas alamedas, ladeadas de tílias velhas e pujantes. A noite estava maravilhosa, com uma música distante, as folhas farfalhavam sob os pés, o seu rosto vivo e risonho se diluía no crepúsculo.

Quando saímos da alameda para uma pracinha iluminada por um lampião, vi um grupo de rapazes. Um deles, o que tinha o aspecto mais sombrio, separou-se dos amigos e veio em nossa direção. De imediato, seu rosto sombrio não me agradou; até pensei que seria melhor se fosse um dos outros a se aproximar de nós, mas foi justamente ele quem veio. Aproximou-se de nós e, calado, sem dizer uma palavra, deu uma bofetada nela. Lancei-me sobre ele, nós nos atracamos, mas depois vieram os outros e estragaram tudo. Fui derrubado e me deram uma boa surra. É assim que se interrompem ou impedem os duelos em nossos dias.

Verificou-se que ela marcara um encontro com ele nesse mesmo parque quase no mesmo horário.

– Está bem, mas por que nesse mesmo parque? – perguntei-lhe, esforçando-me por captar alguma lógica no seu comportamento.

– Não sei – respondeu ela, sorrindo e sacudindo ternamente o pó do meu paletó – mas eu também levei a minha...

Olhei para ela e com desgosto pensei que tudo lhe ficava bem. Com a bofetada ela ficara ainda mais bonitinha.

Nos últimos tempos, como então nos parecia, um major já idoso andava a persegui-la. Ela falava dele sempre sorrindo e isso me perturbava. Eu já sabia que se uma moça risse demais de um admirador, e esse fosse persistente o bastante, ela poderia casar-se com ele ao menos sob o pretexto de que a companhia lhe alegrava. E da tenacidade do major, eu não duvidava.

Tudo isso não contribuía muito para o meu zelo no trabalho e dera motivos a mais para a realização do desígnio secreto do meu redator.

Para disfarçar a sua parcialidade em relação a mim, ele demitiu junto comigo a faxineira da redação, embora se devessem demitir pelo menos dois dos motoristas porque, tanto faz, eles não faziam nada, já que um mês antes se iniciara uma campanha pela economia de combustível e pararam de lhes fornecer gasolina. Eles haviam ficado tão preguiçosos, que deixaram a barba crescer e todos os dias, sem tirar os casacos, jogavam damas, sentados no sofá da redação, com os rostos desfeitos pelo tédio que ainda restava de uma ressaca.

Antes, aonde se podia ir rapidamente de carro e conseguir material para o trabalho num só dia, agora nós íamos em viagem por vários dias, porque ainda não começara a campanha para redução das despesas com viagens.

De uma maneira ou de outra, a demissão acontecera, então decidi que precisava ir para minha terra. A redação pagou generosamente os meus direitos. Recebi o salário, não sei que inexplicável licença e honorários pelo meu último trabalho como correspondente. Naquela época, eu ainda vivia com idéias estudantis de prosperidade financeira e por isso estava seguro de que, ao menos por dois meses, a minha completa independência estava garantida.

Pela última vez, acompanhei a minha namorada até a escola noturna.

– Escreva sem falta – ela disse e, pela última vez, depois de lançar-me um sorriso deslumbrante, desapareceu no vão escuro das portas da escola noturna.

Eu achava que um amor como esse, certamente, não depende nem do tempo, nem da separação. Ainda assim, fiquei um tanto ofendido com a sua coragem, eu esperava mais sinais palpáveis da sua afeição por mim do que aquele sorriso.

Passei a noite no banco do parque da cidade, refletindo sobre o passado e sonhando com o futuro. Fiquei sentado no banco úmido, num parque nu e frio que florescia. De repente, de um alto-falante começou a derramar-se a canção *Sol'veig*⁶⁰. E, enquanto ela soava, não me custava nada com movimento leve, imperceptível, talvez um pouquinho trapaceiro, introduzir a alma de *Sol'veig* na minha garota.

Não, eu pensei, o mundo em que foi criada essa canção, a despeito de todos os seus defeitos, tem direito à felicidade e será feliz.

⁶⁰Música de Edvard Hagerup Grieg, célebre compositor e pianista norueguês.

E chega de frivolidades, eu pensava, é preciso participação na transformação do mundo, é hora de tornar-me uma pessoa adulta, é hora de arranjar um trabalho num jornal adulto de verdade, onde se dediquem a verdadeiros assuntos adultos.

É preciso dizer que, naquela época, independentemente da minha demissão, eu já estava pra lá de farto do vocabulário pseudojuvenil do nosso jornal e da sua permanente vadiagem inútil.

Eu já estava farto de todas aquelas míseras idéinhas no lugar de idéias, entusiasminho no lugar de entusiasmo, das risadinhas no lugar da alegria e inclusive da fundeza no lugar da profundidade. O diabo sabe lá o que é isso!

Há males que vêm para o bem, pensava eu, agora me tornarei um jornalista de verdade e, então, ela entenderá muitas coisas e lhes dará valor.

O que exatamente ela entenderia, eu tinha uma idéia vaga, mas que me daria valor, isso me parecia indiscutível.

À noite, os amigos me acompanharam até a estação de trem. Aquecido pelo carinho da despedida, parti para Moscou, para de lá precipitar-me para a minha terra, para o abençoado sul.

Enquanto estive de passagem por Moscou, consegui publicar um poema, o que para aquela época não era um êxito pequeno. Por um lado, eu acertava um golpe no meu antigo redator, porque ele nunca conseguira publicar nada em Moscou. Por outro lado, o poema seguia à minha frente, para a minha terra, e devia desempenhar o papel de cartão de visitas para o nosso jornal *Subtrópicos Vermelhos*, onde eu pretendia conseguir um emprego.

– Sim, sim, eu já li – disse Avtandil Avtandílovitch, o redator do jornal, logo que me viu no corredor. – A propósito, você não pretende voltar para cá, a sua região natal?

Ele, pelo visto, estava certo de que eu chegara de férias.

– Pretendo – eu disse, e chegamos a um acordo. Combinamos que ele me pegaria assim que um velho colaborador da redação se aposentasse.

Durante um mês, fiquei passeando à beira-mar, andei por praias desertas, tentando pôr em versos as minhas reflexões lá não muito alegres. Duas cartas minhas enviadas para ela ficaram sem resposta, e, por amor-próprio, calei-me. Na verdade, ainda escrevi a um colega com quem trabalhara no jornal para a juventude. Falei por alto que já fora aceito num jornal adulto de verdade, para onde eu lhe pedia que enviasse as linhas que rabiscasse acerca da sua vida, se isso lhe desse vontade. A

propósito, escrevia eu, se casualmente encontrar uma certa pessoa na rua, poderia informá-la disso, se achasse conveniente, é claro. Ao final, eu mandava lembranças a todos os colaboradores da redação sem exceção. A carta, acho, fora escrita num tom calmo, com um leve toque de sábia condescendência.

O ar da minha terra natal, saturado do perfume intenso do mar e do aroma leve e feminino das glicínias floridas, tranquilizava-me. É possível que o iodo dissolvido no ar marinho atue benéficamente não só nas feridas do corpo, mas também nas da alma. Fiquei deitado, durante dias inteiros, bronzendo-me na praia deserta sem fazer nada. Às vezes, passavam por mim pequenos grupos locais de devoradores de corações. Eles olhavam a praia como predadores, estudavam-na como os chefes-militares estudam o relevo do terreno pouco antes das grandes batalhas.

Finalmente, a pessoa que devia se aposentar concordou em fazê-lo, porque naquela época houve uma pequena campanha para que os que já tinham atingido a idade de fato pedissem a aposentadoria. Até então, ele resistira de tudo o que era jeito, mas acabou tendo que concordar. Fizeram-lhe uma festa de despedida, e até lhe compraram um barco inflável de borracha. Verdade seja dita, ele ainda fizera insinuações acerca de um *spinning*, mas a indireta passou despercebida porque o barco inflável, sozinho, esvaziara o caixa do comitê local. Depois, ele começou a falar por toda a parte que tinha sido mandado para a aposentadoria contra a vontade e inclusive não deram o prometido *spinning*, ainda que ninguém tivesse lhe prometido um. Prometeram-lhe dar um barco inflável de borracha e deram, agora, do *spinning* nem se falou.

Falo com detalhes disso porque, em certa medida, parecia que eu tomara o lugar dele, embora eu tivesse sido contratado como um quadro local e também já possuía um lugar para morar.

Eu conhecia a equipe do nosso jornal já de alguns anos, porque, ainda como estudante, nas férias de verão, tentara várias vezes fazê-los se interessar pelas minhas obras literárias. Interessar, em geral, eu não conseguia, em compensação, sabia certas coisas sobre os colaboradores.

Em todo o caso, eu sabia firmemente que o redator do jornal, Avtandil Avtandílovitch, nunca escrevera versos e nem tinha a intenção de começar. Mais do que isso, em todo o seu tempo de jornal, pelo menos, no que eu me lembre, nunca escreveu nada.

Essa pessoa, pela sua própria natureza, era um dirigente altamente qualificado. Como muitas pessoas do meu povo, ele tinha o talento inato de animar as pessoas à

mesa. A grande estatura, os cabelos crespos e a aparência viril faziam dele igualmente desejável e até indispensável, tanto à mesa de banquetes, quanto à mesa da presidência nas grandes reuniões. Falava fluentemente todas as línguas caucasianas, e os seus brindes não precisavam de tradução.

Antes do posto de redator, ele dirigia uma indústria local, é claro, no âmbito da nossa pequena, mas autônoma república. Provavelmente, ele devia dar conta do trabalho, talvez, e até muito bem, porque surgiu uma necessidade imperiosa de promovê-lo. E, quando se abriu uma possibilidade, fizeram-no redator de jornal.

Como um administrador nato e altamente qualificado, ele assimilou rapidamente o novo trabalho. A sua operatividade era mesmo fora do comum. O nosso jornal trazia com bastante frequência os temas importantes da atualidade da indústria e da agricultura ao mesmo tempo em que os jornais centrais e, às vezes, até com um dia de antecedência.

Como era o meu sonho, fui incluído na seção de agricultura. Naqueles anos, o setor agrícola sofria uma reforma atrás da outra. Eu queria estudar tudo aquilo, compreender o que vai para onde e tornar-me, ao fim e ao cabo, um verdadeiro conhecedor do meu ofício.

Era Platon Samsónovitch quem dirigia essa seção. Não é preciso se admirar com o nome dele. Nós temos nomes assim aos montes. Pelo jeito, eles estão entre nós desde os tempos da colonização grega e romana do litoral do Mar Negro.

Eu o conhecia de antes, era uma pessoa tranquila e pacífica, pescamos juntos muitas vezes. Pescador mais experiente e habilidoso no nosso litoral eu não conhecia.

Mas, lá pelo tempo do meu ingresso no jornal, ele mudara completamente: não recordava as antigas pescarias e até vendera o barco. Andava pela redação terrivelmente agitado, com um certo brilho sinistro nos olhos, os lábios franzidos de maneira significativa. Ele sempre fora uma pessoa de baixa estatura, é verdade que meio magro, de veias saltadas e forte. Então, estava completamente seco, de veias ainda mais saltadas e como que eletrizado.

O caso é que naquela época difundia-se uma campanha para a criação de capriuros e ele era o principal propagandista desse empreendimento.

Eis como isso tudo começou. Há dois anos, Platon Samsónovitch estivera numa reserva florestal nas montanhas e trouxera de lá uma pequena notícia sobre um selecionador que conseguira cruzar um uro da montanha com uma cabra comum. Como

resultado, surgiu o primeiro capriuro. Ele pastava tranquilamente entre as cabras domésticas, sem suspeitar que grandioso futuro lhe traçara o destino.

Ninguém prestou atenção à notícia do jornal, exceto uma pessoa importante que apesar de não ser ministro, de modo algum era menos importante do que um ministro. Todos os anos ele descansava em nosso Cabo Oranjevyi. Leu a notícia e disse em voz alta:

– Iniciativa interessante, a propósito...

Nesse momento é difícil determinar, se com essas palavras ele se dirigia aos que estavam presentes ou simplesmente proferira alto, sem intenção, aquilo em que estava pensando. Porém, no dia seguinte, telefonaram a Avtandil Avtandílovitch e disseram:

– Parabéns, Avtandil Avtandílovitch. Ele disse que essa é uma iniciativa interessante, a propósito.

Avtandil Avtandílovitch reuniu os colaboradores e em clima de festa expressou gratidão a Platon Samsónovitch. Além disso, ele o enviou urgentemente em serviço junto com uma máquina fotográfica, para que trouxesse logo um amplo relato sobre a vida do capriuro.

– Não está excluído que no futuro os capriuros ocuparão um lugar digno na nossa economia – disse Avtandil Avtandílovitch.

Uma semana depois, apareceu no jornal uma matéria intitulada “Iniciativa interessante, a propósito”. A matéria ocupava meia coluna do jornal acompanhada de duas grandes fotografias do capriuro: de frente e de perfil. De perfil, a cara do capriuro parecia com o rosto de um aristocrata degenerado, com o lábio inferior descaído de ceticismo. De frente, com os chifres vigorosos magnificamente encurvados como que expressava certa perplexidade. Parecia que o próprio capriuro não conseguia entender quem no fim das contas ele era: um bode ou um uro, e o que seria melhor: tornar-se um bode ou permanecer um uro.

Na matéria, falava-se minuciosamente sobre a ração diária do capriuro e o seu comovente apego ao homem; e, sobretudo, falava-se muito sobre a sua superioridade em relação às cabras comuns.

Em primeiro lugar, ele era, em média, duas vezes mais pesado que uma cabra comum (a solução para o problema da carne); em segundo, ele distinguia-se por uma robustez especial de constituição, o que tornaria, no futuro, o pastio de capriuros nas encostas mais escarpadas das montanhas praticamente seguro. Neste ponto, a propósito,

assinalava-se que graças à natureza dócil e tranquila do animal, o pastio de capriuros não apresentaria grande dificuldade e um único pastor poderia dar conta de dois mil deles.

Sobre a lanosidade do animal, Platon Samsónovitch escrevia em tom jocoso. Que a densa lã de coloração branca e cinzenta era um presente adicional à nossa indústria leve. O caso é que a esposa do selecionador fizera para si uma blusa da lã do capriuro, e a tal blusa, na opinião de Platon Samsónovitch, não parecia nem um pouco inferior às importadas. “As amantes da moda ficarão satisfeitas” – garantia ele.

Assinalava-se, ainda, que o capriuro conservara a elevada capacidade de saltar do seu célebre antepassado e também a beleza dos chifres, que depois de certa elaboração podem servir como ornamento ou como uma bela lembrança para os turistas e para os hóspedes estrangeiros de boa vontade.

Reli todos os materiais dedicados ao capriuro e, devo dizer, que o artigo era muito pitoresco. Platon Samsónovitch colocou nele toda a sua alma.

Pelo visto, o artigo provocou um grande afluxo de cartas de leitores porque em pouco tempo surgiram duas novas seções no jornal: “Pelo caminho do capriuro” e “Rindo dos céticos”. Na primeira, publicavam-se manifestações positivas e comentários a elas. Na segunda, citavam-se as cartas dos céticos e dávamos-lhes, imediatamente, uma resposta enérgica.

Na seção “Pelo caminho do capriuro”, foi publicada a carta de um cientista que escrevia que a ele, pessoalmente, não surpreendia nem um pouco o surgimento do capriuro, porque tudo isso há muito tempo fora previsto pelos seguidores da sua agrobiologia, enquanto alguns cientistas que permanecem presos a teorias duvidosas, não haviam previsto e, naturalmente, não poderiam prever nada daquilo.

O importante cientista, em conclusão, comunicava que o capriuro confirmava também o acerto das próprias experiências dele.

Esse era o nosso famoso cientista. No seu tempo, ele apresentara a hipótese de que o carneiro moderno não era nada mais que um réptil primitivo, que se modificou na luta pela sobrevivência. Ele provou a sua hipótese com base, ao que parece, na análise comparativa dos lóbulos frontais do carneiro moderno e do crânio do fóssil de um réptil assírio.

A partir disso, o importante cientista chegou à conclusão natural de que a gordura do rabo do carneiro, assim como a cauda modificada do réptil, deveria conservar alguma capacidade de regeneração. Tinha-se pela frente a tarefa de, por um

lado, desenvolver esta capacidade e, por outro, acostumar o organismo do carneiro a desfazer-se sem dor da gordura do rabo. É com isto que ele estivera ocupado nos últimos anos. A julgar por tudo, as experiências dele tiveram êxito.

Havia, é verdade, pessoas invejosas que se queixavam de que os experimentos geniais desse grande homem não poderiam ser repetidos por ninguém. A eles, respondemos sensatamente que o motivo pelo qual os experimentos eram geniais é pelo simples fato de que não podiam ser repetidos.

Numa palavra, o apoio do grande cientista ao nosso capriuro era oportuno e promissor.

Nesta seção foi publicada a carta de certa mulher que, pelo visto, nada entendera do artigo de Platon Samsónovitch ou opinara sobre ele de ouvir dizer, porque perguntava onde poderia comprar uma blusa feita da lã do capriuro. A redação gentilmente esclareceu-lhe que, por enquanto, ainda era cedo para falar da produção industrial de blusas, mas a sua carta, por si só, deveria fazer pensar as organizações de produção a fazer hoje mesmo os preparativos para o recebimento e transformação da lã do capriuro.

Nessa mesma seção, também já havia sido publicada uma carta coletiva dos funcionários do matadouro municipal, que felicitavam os trabalhadores da agricultura pela nova e interessante iniciativa. Os trabalhadores do matadouro se propunham a assumir o comando do *kolkhoz* que primeiro começasse a criar os capriuros.

Na seção “Rindo dos cétricos” foram publicados trechos das cartas de um zootécnico e de um agrônomo.

O zootécnico polidamente duvidava que o híbrido daria progênie e, portanto, todo aquele negócio do capriuro não tinha futuro. A respeito disso, a redação noticiou com prazer que o capriuro já cobrira oito cabras e por todos esses sinais não pretendia parar aí. As cabras cobertas passavam bem, a cobertura continua.

O agrônomo revelou-se mais mordaz. Ele ridicularizou todas as qualidades do capriuro, em bloco e separadamente, em especial, a capacidade de saltar. É interessante, escrevia ele, como é possível empregar na agricultura a grande capacidade de saltar do capriuro? Nós não sabemos, ele escrevia, como nos livrar da capacidade de saltar das nossas cabras, que já tantos danos causam aos milharais, e agora vêm com a capacidade de saltar do capriuro. Além disso, fez gracejos com o jornal perguntando se ele não pretendia apresentar o capriuro na qualidade de saltador nos próximos jogos olímpicos.

A redação deu-lhe uma resposta merecida. Primeiramente, num tom tranquilo, Platon Samsónovitch explicou-lhe que a grande capacidade de saltar do capriuro era uma qualidade muito preciosa porque, no futuro, os rebanhos de capriuros pastariam nos prados alpinos, em encostas inacessíveis para as cabras comuns. E ali, graças à capacidade de saltar do animal, seria mais fácil fugir dos predadores que ainda causam danos ao rebanho comunitário.

No tocante à capacidade de saltar das cabras do *kolkhoz*, continuava Platon Samsónovitch, o jornal não tinha nenhuma culpa, quem a tinha eram os pastores dos *kolkhozes* que, provavelmente, passavam dias inteiros dormindo ou jogando cartas. É preciso multar tais pastores, e não somente eles, mas também os funcionários responsáveis pelos *kolkhozes*, a começar pelo administrador e terminando com o agrônomo que continua a confundir os prados alpinos com os campos olímpicos.

O agrônomo mordaz, depois dessa carta, pelo visto, não mais tentou discutir, em compensação o polido zootécnico continuou a fazer-se ouvir.

O seu nome apareceu de novo na coluna “Rindo dos cétricos”.

Ele escrevia que a resposta do jornal não o deixara satisfeito porque, ainda que o híbrido tivesse preservado a capacidade de cobrir, isso não queria dizer que ele seria capaz de procriar. Além disso, ele acreditava que na pecuária era necessário dar ênfase ao gado *vacum*, em particular aos búfalos, ao passo que o capriuro, ainda que maior do que a cabra, continuava a ser um gado miúdo.

O jornal respondeu-lhe que ao contrário, a grande capacidade de cobertura do capriuro provava precisamente que ele teria progênie. Nos próximos meses, tudo se esclareceria, o tempo estava a nosso favor, escrevia a redação. No que se refere ao rumo da nossa pecuária, em primeiro lugar, não é possível qualificar o capriuro como gado miúdo, embora seja menor do que o gado *vacum*; em segundo, a excepcional atenção dada ao gado *vacum* mostrava claramente que o zootécnico sofria ainda de megalomania, característica de tempos já idos.

Alguns meses depois, o jornal comemorou com uma página inteira um evento festivo: todas as treze cabras cobertas pelo capriuro haviam dado cria, sendo que quatro delas tiveram gêmeos, e, uma outra, trigêmeos.

Numa imensa fotografia de página inteira estava retratada a numerosa família do capriuro junto com os jovens capriurozinhos. No centro, estava o capriuro, e agora a sua cara não demonstrava nenhuma perplexidade. Parecia que ele se encontrara – tinha um ar respeitável e tranquilo.

Por volta da época do meu ingresso na redação do *Subtrópicos Vermelhos*, Platon Samsónovitch havia se tornado o principal repórter. Então, ele escrevia não somente sobre temas da agricultura, mas também sobre cultura e educação, além de editoriais para a seção de propaganda. Seu artigo “Capriuro – arma de propaganda anti-religiosa” foi assinalado no quadro como a melhor reportagem.

Durante dias inteiros, Platon Samsónovitch ficava sentado à sua escrivaninha, rodeado por manuais de agrobiologia, cartas dos selecionadores e diagramas de todos os tipos. Às vezes, ele ficava pensativo e, de repente, estremecia.

– O que há com você, Platon Samsónovitch? – perguntava-lhe.

– Sabe – dizia ele, voltando alegremente a si e animando-se – Recordo com frequência a minha primeira matéria sobre o capriuro. Pois então eu pensava: Mando essa pequena matéria ou não? Por pouco não passei longe de uma grande iniciativa.

– E se tivesse passado? – disse eu.

– Nem me fale isso – respondeu Platon Samsónovitch estremecendo de novo.

Ele dedicava todo o seu tempo ao jornal. Chegava à redação antes de todos e ia embora tarde da noite, de modo que, às vezes, me incomodava ir para casa ao fim do expediente. A propósito, ele sempre me dispensava com alegria. Em casa, ele não conseguia trabalhar porque morava em apenas um cômodo e a sua família era grande: a esposa e os filhos adultos. Já estava há muitos anos na fila do *gorssoviet*⁶¹, e, no fim das contas, já comigo ali, deram-lhe um novo apartamento. E penso que para isso a evidência que o seu nome ganhou por meio do capriuro não representou pouca coisa.

No dia de receber o apartamento, nós todos lhe demos os sinceros parabéns e insinuamos uma festa em comemoração à nova casa, mas, com uma obstinação incompreensível, ele se esquivava dessas inocentes indiretas.

O sentido verdadeiro dessa sua obstinação nós só compreendemos alguns dias depois, quando soubemos que ele abandonara a família e permanecera no antigo apartamento. Depois me contaram que antes ele tentara várias vezes deixá-la. Mas, em primeiro lugar, ele não tinha para onde ir; e, em segundo, a esposa queixava-se ao redator e Avtandil Avtandílovitch o metia de volta em casa.

E dessa vez, ela também foi à redação e disse:

– Devolva o meu inventor.

⁶¹ Soviete da cidade (conselho municipal na URSS)

Avtandil Avtandílovitch chamou Platon Samsónovitch ao seu gabinete e começou, como sempre, a tentar convencê-lo a retornar. Mas ele se recusou terminantemente a voltar para a família, embora não se recusasse a ajudá-la.

– Agora os tempos são outros – disse Avtandil Avtandílovitch a ela – resolvam vocês próprios os seus assuntos familiares...

– Eles ficam rindo de mim – teria dito Platon Samsónovitch.

– Como assim ficam rindo? – admirou-se o redator. – Platon Samsónovitch está ocupado com um grande problema de Estado...

– Eles atrapalham o meu pensamento criador – teria dito Platon Samsónovitch.

– Devolva o meu inventor – repetiu a esposa

– Ela está rindo de mim de novo – queixou-se Platon Samsónovitch.

– Pois ele já não pediu o divórcio? – perguntou-lhe o redator.

– Era só o que faltava – teria dito ela.

– Considere que ele está vivendo num gabinete à parte – concluiu Avtandil Avtandílovitch.

– Eu tenho vergonha das pessoas – teria dito a esposa, depois de pensar um pouco.

Ficou resolvido assim. Na realidade, ao deixar a família, Platon Samsónovitch não pretendia arranjar uma nova e muito menos uma amante. Ele como que se afastava das futilidades do mundo para se entregar completamente ao seu assunto predileto.

Depois do afastamento parcial da família, a esposa, ainda assim, ia trocar-lhe a roupa de cama e limpar o apartamento. Platon Samsónovitch, com energia redobrada, continuava a dedicar-se à sua obra. De tempos em tempos, descobria um novo aspecto sob o qual se poderia examinar o problema da criação de capriuros.

Já comigo na redação, abriram à beira-mar, ao lado de um café, um pavilhão de bebidas. Platon Samsónovitch conseguiu que o chamassem de “Bebedouro do capriuro”. Ele gostava de frequentar esse estabelecimento.

Às vezes, à noite, saindo do café, eu o via no pavilhão. Ele bebia *narzan*⁶² com o cotovelo apoiado no balcão de mármore, com o olhar cansado de um protetor, mas satisfeito.

⁶² Marca de água mineral do Cáucaso.

Embora Platon Samsónovitch fosse atrás das formas mais massivas e inesperadas de propaganda do capriuro, ele não permitia nenhuma leviandade a esse respeito.

Quando o nosso escritor satírico comparou um polígamo e teimoso devedor de pensão alimentícia com o capriuro, Platon Samsónovitch interveio numa reunião e declarou que tal comparação desacreditava uma iniciativa popular aos olhos dos trabalhadores dos *kolkhozes*.

– É pouco provável que haja aqui um erro sério, mas vale a pena escutar a objeção – Avtandil Avtandílovitch concluiu em tom conciliador.

Platon Samsónovitch elaborou uma ração alimentar para os capriuros, apresentou-a ao *kolkhoz* e sugeriu segui-la. Ao mesmo tempo, ele abria caminho também para a iniciativa individual dos *kolkhozianos*, recomendando-lhes alimentar os capriuros com outros produtos além da ração e escrever para o jornal a respeito dos resultados.

– Está é a primeira andorinha – disse outro dia Platon Samsónovitch, apontando com ternura a capa ilustrada de uma revista que ele tinha nas mãos.

Olhei e vi uma foto do capriuro com toda a família, aquela mesma que aparecera em nosso jornal, só que essa era colorida e parecia ainda mais festiva.

Logo depois, um dos jornais moscovitas publicou um artigo sob o título “Interessante iniciativa, a propósito”, em que se falava sobre o nosso experimento com a criação de capriuros.

O jornal recomendava aos *kolkhozes* centrais e das regiões de terras negras do nosso país que estudassem o nosso experimento e, sem pânico excessivo e sem se adiantar, mas, simultaneamente, sem perder um tempo precioso, apoiassem aquela iniciativa inovadora.

Previendo as objeções acerca das diferenças climáticas, o autor do artigo lembrava que o capriuro não devia temer o frio, uma vez que a sua linha paterna crescera nas condições severas da zona montanhosa de prados alpinos.

Platon Samsónovitch comemorava em silêncio. Na última reunião, ele declarara bastante inesperadamente que era hora de desafiar o Estado de Iowa – com quem nós competíamos na produção de milho – a competir conosco também na criação de capriuros.

– Mas, eles não produzem capriuros! – disse o redator não totalmente seguro.

– Eles que o tentem nas condições das suas fazendas – respondeu Platon Samsónovitch. – Preciso aconselhar-me com os camaradas – disse o redator e ligou o ventilador em sinal de que a reunião estava terminada.

O ventilador estava sobre uma mesa defronte dele e, todas às vezes, quando uma reunião começava, Avtandil Avtandílovitch desligava-o, e a sua cabeça se erguia acima das gordurosas pás do ventilador; ele parecia um piloto que havia chegado de longe. Ao terminar a reunião, ele ligava o ventilador, o seu rosto se petrificava e, então, parecia que partia, voando lentamente na direção necessária, sem sair do lugar.

No dia seguinte, ele disse a Platon Samsónovitch que era preciso esperar para avisar ao Estado de Iowa.

– Cá entre nós, alguém está sendo cauteloso demais – Platon Samsónovitch indicava com um movimento de cabeça a direção do gabinete do redator.

Certa vez, na seção “Pelo caminho do capriuro”, apareceu uma carta dos trabalhadores da agricultura do Instituto de Investigação Científica do Norte do Cáucaso. Diziam que acompanhavam com interesse a nossa iniciativa e eles próprios já haviam cruzado um uro norte-caucasiano com uma cabra.

O primeiro urocabra – escreviam eles – sente-se magnífico e cresce depressa.

Comentando a carta, Platon Samsónovitch, em nome dos entusiastas trans-caucasianos, parabenizou os colegas do norte do Cáucaso pelo grande êxito. Além disso, acrescentou que o êxito seria ainda maior se também no futuro eles usassem a ração elaborada por ele para o novo animal. Platon Samsónovitch escreveu que sempre esteve convicto de que, justamente eles, os caucasianos do norte, como nossos vizinhos e irmãos mais próximos, seriam os primeiros apoiadores desse experimento de vanguarda.

A carta saiu no nosso jornal sem nenhuma modificação, exceto que Platon Samsónovitch substituíra a palavra “urocabra” pela já adotada por nós: “capriuro”.

Por alguma razão, os autores da carta se ofenderam com essa correção inocente e enviaram ao redator uma refutação, na qual escreviam que eles nem haviam pensado em usar a nossa ração na alimentação do seu “urocabra”, mas que o alimentavam e continuariam a alimentá-lo com o método elaborado pelos próprios profissionais do Instituto Científico. Além disso, eles achavam necessário declarar que a denominação de “capriuro” era anti-científica, uma vez que o próprio fato (e os fatos são uma coisa teimosa!) de o cruzamento ser exatamente o de um uro com uma cabra, e não o de um bode com uma uro fêmea mostrava a hegemonia do uro sobre a cabra, condição que devia estar refletida na denominação do animal, se tratarmos a questão

com rigor científico. Somente se vocês se saírem bem ao cruzar um bode com uma uro fêmea, escreviam eles, é que a denominação “capriuro” poderá ser considerada justificável, e, ainda assim, só com alguma dificuldade. Mas, nesse caso, as nossas divergências desaparecerão por si mesmas porque se tratará de dois novos animais obtidos por métodos radicalmente distintos, o que, naturalmente, será refletido por duas denominações diferentes. Assim, vocês continuarão os seus experimentos com os seus capriuros, e nós que começamos com os urocabras, continuaremos com eles. Soava mais ou menos assim a carta dos companheiros norte-caucasianos.

– Temos que publicar, apesar de tudo, eles são profissionais da ciência – disse Avtandil Avtandílovitch, mostrando a carta a Platon Samsónovitch. Ele próprio nos trouxe a carta como material urgente.

Platon Samsónovitch passou os olhos nela e jogou-a na mesa.

– Só na coluna “Rindo dos cétricos” – disse ele.

– Não temos esse direito – replicou Avtandil Avtandílovitch – Os cientistas expressam a sua opinião. Além do mais, na primeira carta você se permitiu alguma liberdade com as palavras...

– O país conhece o capriuro – replicou firmemente Platon Samsónovitch – mas o urocabra ninguém conhece.

– Isso é verdade – concordou Avtandil Avtandílovitch – e na imprensa da nossa república foi aceita a nossa denominação, mas de onde você tirou que eles utilizavam a nossa razão?

– E que outra eles poderiam utilizar? – disse Platon Samsónovitch e deu de ombros. – Por enquanto todos utilizam a nossa razão...

– Pois bem – concordou Avtandil Avtandílovitch, depois de pensar um pouco – prepare uma resposta adequada e nós apresentaremos ambos os materiais em caráter de debate amigável.

– Prepararei hoje mesmo – animou-se Platon Samsónovitch e, pegando um lápis vermelho, puxou para si a carta dos cientistas. Avtandil Avtandílovitch saiu do gabinete.

– O ovo quer ensinar a galinha – maneou vagamente a cabeça Platon Samsónovitch. E eu não entendi se ele falava a respeito do redator ou dos seus inesperados oponentes.

Alguns dias depois, os dois artigos saíram no jornal. A resposta de Platon Samsónovitch foi intitulada “Aos colegas detrás da montanha”, e continha um espírito agressivo.

Ele começou longe da questão. Assim como a América foi descoberta por Colombo, escrevia Platon Samsónovitch, mas foi chamada de América em homenagem ao aventureiro Américo Vespúcio que, como é sabido, não a descobriu, do mesmo modo, os colegas do norte do Cáucaso tentam dar o seu nome à criação dos outros.

Quando, na primeira carta dos nossos colegas, corrigimos a dissonante e imprecisa denominação “urocabra” para a mais eufônica e aceita por todos, “capriuro”, nós achávamos que aquilo fora apenas um lapso, e o próprio conteúdo ingênuo e, até certo ponto, imaturo da carta, dava margem a um lapso daquele gênero ou até para um erro. Vimos tudo isso desde o começo, mas, apesar de tudo, pusemos a carta no jornal porque considerávamos nosso dever apoiar uma aspiração tímida, débil, mas apesar de tudo, pura na sua essência, de estar no nível das experiências de vanguarda do nosso tempo.

Mas o que é que se verificou? O que nós tomáramos por lapso ou mesmo por erro era um sistema equivocado e perigoso de idéias, mas, ainda assim, uma coisa que era preciso combater, e nós levantamos a luva que nos fora atirada detrás da montanha.

Será, continuava Platon Samsónovitch, que a denominação urocabra, com toda a sua rusticidade, reflete com mais precisão a essência do novo animal do ponto de vista científico mais correto? Não, e é aqui que erraram os colegas detrás da montanha!

É precisamente na denominação “capriuro” que se reflete com maior precisão a essência do novo animal; porque é nela que se sublinha de maneira feliz a primazia do homem sobre a natureza selvagem, uma vez que, a cabra que todos conhecemos, domesticada ainda pelos antigos gregos, como espécie mais evoluída, na nossa variante aparece em primeiro lugar, afirmando com isso que é precisamente o homem que conquista a natureza, e não o contrário, o que seria monstruoso.

Mas, é possível que a denominação “urocabra” corresponda as boas tradições do nosso mitchurinismo⁶³ agrobiológico? De novo não é assim, colegas detrás da montanha! Tomemos como exemplo as novas variedades de maçãs, criadas por Mitchurin, como a *bellefleur-kitaika* e a *kandil-kitaika* cujos nomes foram adotados há

⁶³ Referência a Ivan Vladimirovich Mitchurin, conhecido pelas suas pesquisas na área da genética.

muito tempo e aprovados pelo povo. Aqui, assim como no nosso caso, a maçã silvestre chinesa ocupa o lugar muito honroso que lhe compete.

Quanto à proposta de cruzar uma uro fêmea com um bode, ela soa muito estranha vinda da boca de profissionais da ciência, prosseguia, na carta, Platon Samsónovitch.

Em primeiro lugar, é mais do que evidente que, em vista das indesejáveis e até assustadoras proporções da uro fêmea, a probabilidade de cobertura do bode é quase zero.

Mas suponhamos que tal cobertura aconteça. O que nós e a nossa economia ganharemos com isso? É fácil responder a essa questão se olharmos para a asininocultura estrangeira e também a nossa.

A secular experiência da criação de mulos demonstra claramente que do cruzamento de um garanhão com uma burra obtém-se um bardoto, enquanto que do cruzamento de um burro com uma égua obtém-se um mulo. O bardoto, como se sabe, é um animal pouco desenvolvido, enfermigo, fraco e, além disso, tem a tendência de morder. Enquanto que o mulo se distingue pela sua grande utilidade e é muito valorizado na nossa economia, principalmente nas repúblicas do Sul. No momento, nós não consideramos a questão do deslocamento da asininocultura para o Norte e nem da criação de espécies resistentes ao frio. Embora, a famosa corrida de dez dias (de Moscou a Leningrado) realizada por mulos atrelados a trenós cheios de carga, nas condições rigorosas do inverno mais intenso, diga muita coisa a todo observador imparcial (c.f. GES⁶⁴, tomo XI, p. 206). Do que foi dito, torna-se perfeitamente claro que o capriuro seria como o mesmo bardoto se nós o criássemos pelo método proposto pelos colegas do norte do Cáucaso, ao passo que, se ele for criado com o nosso método já mais do que comprovado, é possível que o capriuro se equipare com o mulo. E esse é o motivo de refutarmos a proposta dos colegas do norte do Cáucaso como uma tentativa – ainda que involuntária, mas, todavia, uma tentativa – de levar a nossa pecuária para um caminho idealista equivocado.

Na opinião dos colegas detrás da montanha, todos os nossos capriuros não andam ao passo e somente um urocabra do norte do Cáucaso andava ao passo. Mas ao passo de quem?

O misterioso laconismo da última frase soava como um aviso ameaçador.

⁶⁴ Grande Enciclopédia Soviética

Umas duas semanas depois disso, ficamos a espera de uma resposta do Norte, mas por algum motivo eles se calaram e isso inquietou fortemente o redator.

– Pode ser que o seu capriuro tenha morrido e agora eles estejam envergonhados de continuar com a discussão? – supôs, uma vez, Platon Samsónovitch.

– Telefone ao Instituto e esclareça tudo – ordenou Avtandil Avtandílovitch.

– Mas não vai parecer que nós nos rendemos se telefonarmos primeiro? – disse Platon Samsónovitch.

– Ao contrário – replicou Avtandil Avtandílovitch – isso somente confirmará a convicção de que estamos certos.

No telefonema, Platon Samsónovitch soube que o urocabra estava vivo e com saúde, e que haviam interrompido a discussão resolvendo provar com fatos quais urocabras se revelariam mais aptos a viver e procriar.

– Quais capriuros – corrigiu Platon Samsónovitch e desligou – Engoliram – deu uma piscadela para mim e, esfregando as mãos, sentou-se no seu lugar.

Eu não aguentava mais, queria finalmente ver um capriuro de verdade e vivo com os meus próprios olhos, mas Platon Samsónovitch, ainda que aprovasse o meu plano, não tinha nenhuma pressa em me mandar para a aldeia. Mas, finalmente, chegou a hora.

Até aquele momento, apenas uma vez eu estivera fora a trabalho, e não com total êxito.

Ao amanhecer, fui para o mar com a brigada principal de pescaria do *kolkhoz*, localizada nas cercanias da cidade. Tudo estava extraordinário: a cor lilás do mar, a velha barça e o grupo, ágil, forte e incansável. Eles optaram por um peixe de armadilha, mas no caminho de volta, em vez de ir para a fábrica de conservas de pescado, desviaram num pequeno promontório, diante do qual nós precisávamos passar. De um lado da margem, nesse promontório, passou uma mulher com baldes e cestas. Compreendi que não era possível evitar aquele encontro fatídico.

– Pessoal, talvez não valha a pena – disse eu, quando a barça chocou o nariz na areia. É provável que eu tenha dito isso tarde demais.

– Vale – afirmaram com alegria, e teve início uma grande negociação. Quinze minutos depois, eles haviam trocado todo o peixe por dinheiro e gêneros alimentícios de produção caseira. Voltamos para o mar. Eu tentava dizer-lhes alguma coisa. Os pescadores ouviam-me gentilmente enquanto cortavam o pão e dispunham os petiscos.

A refeição estava pronta, eles me convidaram e eu compreendi que recusar seria uma ofensa enorme.

Nós enchemos a barriga, bebemos um pouco e caímos imediatamente num sono doce e tranquilo.

Depois explicaram-me que o peixe era demasiado pouco e que a fábrica de conservas de pescado, de qualquer maneira, não aceitava aquela quantidade, e que, de todo modo, eles cumpriram o plano de produção, e até o excederam.

Compreendi que não poderia escrever a matéria, e não me restou alternativa senão escrever uma “Balada sobre a indústria pesqueira”, em que celebrei o trabalho dos pescadores, sem especificar como eles tiravam proveito dos frutos do seu trabalho. A balada foi bem recebida na redação e difundiu-se como uma nova forma de gênero de texto da capital.

No entanto, é hora de voltar aos capriuros.

Foi organizada uma conferência regional para a troca de experiências na criação de capriuros. Por esse tempo, eles distribuíram os animais entre os *kolkhozes* mais prósperos, para que iniciassem a sua reprodução em massa. Alguns presidentes tentaram escapar desse novo negócio sob o pretexto de que há muito tempo não criavam cabras. Eles foram humilhados e forçados a comprar a quantidade correspondente de cabras. Quando finalmente foram compradas, começaram logo as queixas de que alguns capriuros manifestavam total desinteresse por elas.

Por esse motivo, o redator propôs a questão da inseminação artificial, mas Platon Samsónovitch pôs-se a afirmar que a cobertura era um compromisso que estava em mãos de administradores negligentes. Ele disse que a frieza do capriuro é reflexo da frieza dos próprios presidentes dos *kolkhozes* para com tudo o que é novo.

Precisamente nessa época, do povoado Orekhovyi Kliutch, chegou uma carta na qual um *kolkhoziano* anônimo se queixava de que o seu presidente perseguia o capriuro e, de propósito, atormentava-o com os cães, mantinha-o a céu aberto e o fazia passar fome. Os *kolkhozianos*, escrevia com lágrimas nos olhos, presenciavam o tormento do novo animal, mas não podiam dizer nada porque temiam o presidente. A notícia estava assinada com o pseudônimo “Ofendido, mas justo”.

– Claro que pode haver exagero – disse depois Platon Samsónovitch, mostrando-me a carta – mas um sinal é um sinal. Vá até Orekhovyi Kliutch e veja tudo com os seus próprios olhos. – Ele refletiu por um minuto e acrescentou:

– Eu conheço esse presidente, seu nome é Illarion Makssimovitch. Ele não é mau administrador, mas é conservador, além do seu chá ele não enxerga mais nada. No geral – disse Platon Samsónovitch e, estendendo um braço, começou a tatear o ar com os dedos abertos, como se tentasse encontrar os contornos da minha futura reportagem – o seu artigo deve ter mais ou menos o seguinte aspecto: “Chá é bom, mas a carne e a lã do capriuro são ainda melhores”.

– Está bem.

– Não esqueça – ele me deteve na porta, – muitas coisas dependem da sua viagem.

– Claro.

Platon Samsónovitch ficou pensativo.

– Havia mais uma coisa que eu queria dizer... Ah, sim, não durma demais, senão perderá o ônibus da manhã.

– Não, não, que é isso! – exclamei e fui tratar dos papéis para a viagem.

Na seção de cartas, peguei um bloco de notas novo, comprei dois lápis, para o caso de perder a caneta, e um canivete para apontá-los. Eu queria precaver-me para quaisquer imprevistos.

O ônibus deslizava pela estrada de maneira potente e suave. À direita dela, entre jardins verdes e casinhas brancas, abria-se o mar que parecia cálido aos olhos. Tinha um aspecto saturado e sereno com o forte calor do verão e a abundância de mulheres na praia.

À esquerda, passavam montes verdes, recobertos do milho que amadurecia e de plantações de tangerina. De vez em quando, aparecia uma plantação de aleurites, arvoretas cheias de cachos de frutas e de folhas orelhudas.

Durante a guerra, batalhões de Logística, que ocupavam esses locais, acabaram com as frutas dos aleurites, um pouco parecidas com maçãs não maduras, mas terrivelmente venenosas.

Eles provaram o fruto, apesar da mais rigorosa proibição. Deviam achar que aquilo lhes era dito só para meter medo, já que eram tempos de fome. Costumavam ser salvos, mas, havia também, dizem, casos de morte.

Às vezes, uma brisa, como que cortada pelo ônibus na curva, de tão inesperada que era, trazia o aroma distante de samambaia apodrecida, de estrume calcinado pelo sol e o cheiro leitoso do milho amadurecente. Tudo isso, doce e tristemente recordava a minha infância, a aldeia, a terra natal...

Por que é tão intenso o poder dos cheiros sobre nós? Por que uma memória não consegue evocar as nossas vivências com a mesma força de um odor familiar com elas relacionado? Talvez, isso se deva a sua irrepetibilidade, uma vez que é impossível recordar um cheiro em separado dele próprio, em outras palavras, não pode ser reproduzido com a imaginação. E quando um cheiro repete-se naturalmente, com o frescor primevo, ele força à superfície tudo o que estivera associado a ele. As impressões visuais e auditivas, nós sempre reproduzimos por meio das nossas recordações e, talvez, seja por isso que, ao final, elas se embotam...

Os passageiros balançavam-se sentados nos assentos de estofado com mola. O teto do ônibus tinha o vidro duma cor azul extraordinária. De modo que, o céu, já azul sem ele, adquiria uma tonalidade inverossímil. O vidro parecia mostrar ao céu como ele deveria ser e, aos passageiros, como deveriam vê-lo.

O ônibus fora destinado há pouco tempo ao transporte público. Até então, ele transportava turistas estrangeiros. Às vezes, eu o via na nossa cidade, em frente ao Jardim Botânico ou à velha Fortaleza ou, ainda, em algum outro lugar.

Naquele momento, ele estava lotado de trabalhadoras do *kolkhoz* que voltavam para casa. Cada uma tinha consigo uma cesta grande ou pequena abarrotada, da qual invariavelmente sobressaía o cordão que atava as roscas. Algumas delas, não sem orgulho, seguravam garrafas térmicas chinesas que pareciam, ao mesmo tempo, com taças esportivas e com projéteis de artilharia.

Cadeias de montanhas passavam lentamente no horizonte. As mais altas e distantes estavam cobertas da primeira neve, que provavelmente caíra à noite porque no dia anterior ainda não tinha nevado. Naquele momento, os seus cumes resplandeciam, nítidos e imaculados, no céu.

A linha de montanhas mais próxima era do azul-escuro das florestas – lá ainda demoraria para cair neve.

Subitamente, depois de alguma curva, eu avistei, no nível dessa linha de montanhas mais próxima, uma cadeia de penhascos nus e algo no meu peito estremeceu com alegria e espanto.

Sob esses penhascos ficava o nosso povoado. Na infância, eles me pareciam terrivelmente misteriosos e, apesar de não ficarem muito longe, eu nunca subi lá nenhuma vez, é verdade que o caminho era de difícil acesso. Naquele momento, de repente, lamentei ter estado em tantos lugares, mas ali nenhuma única vez.

Em todos os verões, desde a mais tenra infância, eu passava alguns meses na casa do meu avô. Lembro-me que não me abandonava nunca a vontade de voltar para casa. Até nem tanto para a casa, mas precisamente para a cidade.

Como eu sentia falta dela, como era doce recordar aquele cheiro especial de poeira, impregnado de gasolina e borracha. É difícil compreender isso agora, mas naqueles dias eu olhava com carinho na direção do poente: atrás de uma montanha arredondada de contornos suaves, ficava a nossa cidade, e eu contava os dias que restavam até o fim das férias...

Depois, quando nós chegávamos à cidade, lembro-me dos meus primeiros passos pelo asfalto, a leveza alegre e incomum das pernas, que eu atribuí a comodidades do caminho plano da cidade, mas, na realidade, creio que eu devia essa leveza às andanças intermináveis pelas trilhas, pelo ar limpo das montanhas e, também, pela comida simples e saudável.

Hoje, onde quer que eu viva, não restou nem sombra daquela alegre e ardente atração pela cidade. Ao contrário, cada vez mais sinto falta da casa do meu avô.

Talvez, porque a casa de vovô já não exista; os velhos morreram, e os jovens se mudaram para a cidade ou para mais perto dela. Mas, quando ela ainda existia, eu nunca tinha tempo para visitá-la com mais frequência, ia sempre deixando para outra hora. E agora, não há mais ninguém nela e me parece que fui espoliado, que uma raiz essencial minha foi decepada.

Ainda que eu a visitasse raramente, ela, com a sua própria vida, com a fumaça da lareira e a boa sombra das suas árvores, ajudava de longe a me tornar mais corajoso e seguro de mim. Eu era quase invulnerável porque uma parte da minha vida, a minha origem, pulsava e vivia nas montanhas. Quando uma pessoa tem consciência das suas origens e da sua continuação, ela vive a vida com mais prodigalidade e de maneira mais sensata e é mais difícil espoliá-la, porque ela não carrega todas as suas riquezas consigo.

Eu sinto falta da casa do meu avô, com o seu grande quintal cheio de verde, com a velha macieira (uma videira robusta, abraçada ao seu tronco, subia para o topo), a tenda verde da nogueira sob a qual se estendia a pele de um bovino ou de um búfalo. Nós ficávamos deitados ali nas horas mais quentes.

Quantas maçãs ainda verdes nós derrubávamos da nossa velha macieira, quantas nozes ainda não maduras, envoltas numa casca verde e grossa, com a película ainda tenra, com o miolinho ainda mole!

Sinto falta da ampla cozinha da casa do meu avô, com o chão de terra, a grande lareira quente com o longo e pesado banco que ficavam perto dela. Sentávamos nesse banco à noite e ouvíamos contos sem fim sobre a caça ou sobre escavações de tesouros em velhas fortalezas e, também, sobre corajosos montanhese. Naquele banco, o meu tio costumava picar fumo com seu machadinho afiado e, depois, pegava da lareira um pedacinho de tição, atirava-o na porção de fumo picado. Devagar e com prazer, ele amontoava o tabaco fumegante para que ele secasse bem e se impregnasse do aroma de madeira queimada.

Eu sinto falta dos chamados vespertinos das mulheres de colina a colina, do vale para a montanha, ou da montanha para o vale.

Como é solitária, como é pura a voz feminina no ar frio do anoitecer!

No final da tarde, as galinhas lembravam que, apesar de tudo, elas nasceram como aves. E eis que elas começavam a cacarejar inquietamente e, mirando os galhos de uma figueira, inesperadamente levantam vôo, mas erram, tentam de novo e, por fim, assentam-se nos galhos encabeçados por um galo dourado que grita colérico.

A tia saía da cozinha com um balde retinindo nas mãos. Sem parar, ela se inclina e apanha uma vara qualquer para enxotar o bezerro e com passos leves atravessa o terreiro. Ao vê-la, no curral, as vacas mugiam interrogativamente, os cabritos baliavam em uníssono como crianças num jardim de infância, sob o paiol de milho.

Eis que já o avô ou alguma outra pessoa vem trazendo as cabras. Elas entravam em bando ruidosamente no terreiro com os ventres salientes por alguma razão de um único lado. Os machos se animam, empinam-se nas patas da frente e caem vagorosamente chocando-se uns contra os outros e emaranhando os chifres. Se brincam, quer dizer que o pastio tinha sido bom.

E, eis que, finalmente, os cabritos são soltos e começa a ordenha. Eles correm para as mães e elas os observam com uma expressão de vigilância meio tola, porque temiam confundir a própria cria com a de outras e, ainda assim, confundem-se, mas para a cria era tudo igual, metiam-se na primeira teta que encontrassem. Eu notei que as cabras reconheciam as suas crias de verdade somente depois que o cabrito desse alguns ávidos puxões nas suas tetas. Ela, então, ou afugentava-o ou tentavam acalmá-lo, como

se a dor que o cabrito causa ao puxarem-lhe as tetas nunca fosse a mesma da sua própria cria, fosse uma dor completamente diferente.

Por alguma razão, com o passar dos anos, a quantidade dessas cabras foi diminuindo cada vez mais, e também a de vacas, e já na casa faltava leite com frequência. O mesmo leite do qual vovô dizia que antes, no verão, eles não conseguiam aproveitar todo, e era impossível entender para onde tinha ido tudo aquilo.

Lembro-me de um aposento com um tapete feito em casa pendurado na parede. Nele estava bordado um cervo de sobrancelhas grossas, com uma cara feminina e os olhos tristes.

Atrás do cervo, um homem pequeno e encurvado, com uma cruel obstinação, apontava-lhe uma espingarda. Parece-me que esse pequeno homem estava zangado com o cervo por este ser tão grande e ele tão pequeno, e eu sinto que para aquele homenzinho seria impossível perdoar essa diferença, da mesma maneira que seria impossível tornar o homenzinho grande, e o cervo pequeno.

Ainda que o cervo não olhasse para ele, pelos seus olhos tristes via-se que conhecia aquele homem encurvado que lhe apontava a espingarda. E tão enorme era o cervo, que seria impossível errar o alvo e, ele, o cervo, sabia disso, mas não havia para onde correr, pois ele era tão grande que seria visto de qualquer lugar. Provavelmente, antes ele tentaria correr, mas, naquele momento compreendia que, daquele homem encurvado, ele nunca conseguiria fugir.

Eu observava esse tapete feito em casa por muito tempo. Gostava do cervo e odiava o caçador, detestava principalmente a sua espinha encurvada pela obstinação cruel.

Sinto falta dos cálidos lençóis de verão que ficavam o dia todo pendurados na varanda, e depois exalavam uma fragrância de limpeza, de dia de verão e de sol.

Os adultos colocavam-nos para dormir mais cedo. E nós, deitados, ficávamos atentos ao murmúrio deles na cozinha, e a voz do nosso medo misteriosamente relacionado à escuridão do quarto, com o ranger pensativo das paredes e com a imagem turva e imprecisa dos retratos dos parentes falecidos nelas.

Sinto falta das próprias paredes da casa do meu avô, feitas de sólidas tábuas de castanheiro e ornadas despretensiosamente com folhas de jornais e revistas, quadrinhos e cartazes baratos.

Entre as páginas dos jornais e revistas dos anos vinte e trinta encontravam-se, às vezes, coisas muito interessantes, e como eu me sentia confortável ao lê-las deitado

no chão ou empoleirado numa cadeira ou num canapé. Às vezes, não me continha e arrancava uma folha qualquer para virá-la e poder ler a continuação. Eu li todas as paredes da casa do meu avô. E o que é que não havia lá!

Uma enorme oleografia de Napoleão abandonando Moscou em chamas. Cavaleiros com tricórnios, os muros do Kremlin e, ao longe, o imenso clarão do incêndio.

Havia vários quadros pré-revolucionários de tema religioso, com um Deus refestelado nas nuvens, de sandálias cingidas por uma pequena correia, um tanto parecidas às nossas sandálias das montanhas feitas de couro curtido.

O arcanjo Gabriel, montado num cavalo, transpassa com uma lança o dragão abominável. E, ao lado, estavam os nossos cartazes soviéticos com temas anti-religiosos e cooperativistas dos anos vinte e trinta. De um deles, eu me lembro bem. Um camponês, de braços levantados em desespero diante de uma ponte que, de modo inesperado, como numa maldição bíblica, se abrira tragando a sua éguinha junto com a *telega*⁶⁵. Abaixo dessa figura instrutiva, havia uma não menos instrutiva legenda: “Agora é tarde para lamentações, irmãozinho, devias ter tido mais cuidado!”

Não acredito muito nesse camponês. Ele expressava a sua aflição parecido demais com uma mulher. O cavalo nem tinha caído e ele já levantara os braços e não fazia mais nada.

O que eu via ao meu redor me sugeria que um camponês dificilmente se separaria do seu cavalo tão facilmente; ele lutaria para salvá-lo até o fim, se não o segurasse pelas rédeas, segurá-lo-ia nem que fosse pelo rabo.

Certa vez, fiquei olhando esse camponezinho por muito tempo e, de repente, pareceu-me que através dos seus bigodes e da barbicha transparecia um sorriso. Isso foi tão inesperado que eu até me assustei um pouco. O sorriso transparecia por entre os pêlos da sua barba, como um pequeno predador detrás de arbustos. Claro, isso pudera parecer-me assim, mas, pelo jeito, eu tive tal impressão porque sentia algo de falso nele.

A legenda do cartaz também dava margem para discussão. Acabei ficando sem entender com que era preciso ter cuidado: com o cavalo ou com a ponte? Parecia-me que, apesar de tudo, era com o cavalo. Mas, então, resultava que a ponte devia continuar em colapso porque se ela parasse de ruir, não haveria porque tomar cuidado com o cavalo.

⁶⁵ Tipo de carroça de quatro rodas puxada por cavalos ou bois.

Talvez, o traço mais comovedor e mais profundo da infância seja a crença inconsciente na necessidade do bom senso. Consequentemente, se numa coisa não há bom senso, é preciso buscar o que o deturpou ou onde ele se perdeu. A infância crê que o mundo é racional, e tudo o que é irracional tornam-se obstáculos que precisam ser eliminados. Basta puxar a alavanca necessária. Talvez, o fato seja que na infância nós ainda ouvimos o murmúrio do sangue materno que correu em nossas veias e nos alimentou. O mundo pelo intermédio das nossas mães fazia-nos o bem e apenas o bem, e não é natural que a crença na sua racionalidade nos seja inata? E poderia ser diferente?

Eu acho que as pessoas verdadeiras são aquelas que não perdem com o tempo a crença infantil na racionalidade do mundo, uma vez que essa crença sustenta uma paixão autêntica na luta contra a levandade da crueldade e da estupidez.

A casa do meu avô era considerada farta e hospitaleira. Que eu me lembre, além de nós, parentes, frequentavam-na centenas de pessoas diferentes, a começar por eventuais pastores, surpreendidos por uma intempérie durante a travessia do gado para as pastagens de verão; e, terminando em todos os tipos de representantes e funcionários do comitê distrital.

Na fazenda do meu tio, havia algumas vacas e meia centena de cabras. Lembro-me que quase todas as vacas e a maioria das cabras estavam registradas como pertencentes a não sei que parentes, gente principalmente da cidade. A lei limitava o número de cabeças de gado de propriedade exclusiva de cada camponês e, naqueles anos, na nossa região via-se uma misteriosa abundância de doações, vendas e aquisições fictícias.

Se me lembro bem, somente porcos era permitido ter em qualquer quantidade. Talvez, calculassem que os abkhazianos, levemente muçulmanos, não comeriam carne de porco e isso serviria de obstáculo natural a acumulação demasiada desses animais.

A quantas espertezas não se recorria para manter o gado, mas, pelo jeito, conseguir isso não era simples ou todos aqueles esforços não se justificavam, porque com os anos o gado diminuía cada vez mais.

Lembro-me que durante a guerra tive que apascentar as cabras do meu tio por uns seis meses.

Que estranho, pensei, tantos anos se passaram desde então, eu terminei a escola, o instituto, depois veio o trabalho e agora tenho pela frente um encontro com as cabras que durante esse tempo, assim como eu, subiram de categoria e transformaram-se em capriuros.

E, de repente, lembrei-me com muita clareza daquela época, quando eu passava a maior parte do tempo na casa do meu avô, quando ainda era bem pequenininho e as cabras ainda eram cabras e não capriuros. Recordei aqueles dias distantes e, mais precisamente, de um dia, ou melhor, uma noite de aventuras que fui, então, abrigado a viver.

Numa palavra, era o ano de 1942. Eu morava nas montanhas, na casa do meu avô. O medo dos bombardeios e, principalmente, da fome causada pela guerra haviam me atirado nesse relativamente farto e tranquilo recanto da Abkházia.

A nossa cidade fora bombardeada duas vezes. O mais provável é que os alemães tenham lançado bombas destinadas a alvos mais importantes, dos quais, provavelmente, não tinham conseguido chegar perto.

Já após o primeiro bombardeio a cidade ficou vazia. Os oradores dos cafés à beira-mar sensatamente interromperam as suas conversas intermináveis e se retiraram para as aldeias vizinhas para comerem a *mamalyga*⁶⁶ abkhaziana cujo prestígio crescia rapidamente.

Na cidade ficaram apenas as pessoas indispensáveis e aqueles que não tinham para onde ir. Nós não éramos indispensáveis e tínhamos para onde ir e, por isso, fomos embora.

Nossos parentes camponeses da aldeia, depois de conferenciarem, distribuíram-nos entre eles, calculando cada um a sua maneira, as possibilidades de cada um de nós.

O meu irmão mais velho, como uma pessoa já estragada pela cidade, quis ficar na aldeia mais próxima dela. Pouco tempo depois, levaram-no de lá para o exército.

A minha irmã foi enviada para a família de um parente distante, mais rico e por isso considerado como parente próximo. A mim, como era o mais novo e menos útil, entregaram ao tio das montanhas. A nossa mãe ficou num lugar intermediário: na casa da sua irmã mais velha.

A essa altura, na casa do meu avô restavam apenas vinte cabras e três ovelhas. Eu mal tinha chegado e já fui designado como guardião delas.

⁶⁶*Mamalyga*: espécie de papa grossa feita de farinha de diversos grãos, em especial, de milho; polenta.

Pouco a pouco, aprendi a submeter à minha vontade esse pequeno, mas rebelde rebanho. O que nos ligava eram duas antigas e mágicas exclamações: “Kheit! Iio!” Elas possuíam uma infinidade de matizes e sentidos, dependendo de como fossem pronunciadas. As cabras entendiam-nas maravilhosamente bem, mas, às vezes, quando era vantajoso para elas, faziam de conta que não compreendiam o significado.

De fato, havia realmente muitos matizes. Por exemplo, se fossem pronunciadas de um jeito largo e prolongado : “Kheit! Kheit!”, isso significava: pastem tranquilamente, nenhum perigo as ameaça.

Esses mesmos sons podiam ser pronunciados com alguma reprimenda pedagógica, e então eles significariam: “Eu estou vendo, estou vendo para onde vocês estão se desviando!”, ou qualquer outra coisa desse gênero. Mas se as pronunciasse de modo cortante e rápido: “Iio! Iio!”, era preciso entender: “Perigo! Para trás!”.

Geralmente, ao ouvirem a minha voz, as cabras levantavam a cabeça como se tentassem compreender o que exatamente se queria naquela hora.

Elas sempre pastavam com uma certa expressão de asco no focinho. Às vezes me irritava quando elas descartavam um ramo começado e com negligência e ansiedade passavam a comer outro. Durante o almoço, nós não desperdiçávamos nem sequer uma migalha, mas elas ficavam com caprichos. Isso era injusto. Ao arrancar as folhinhas dos arbustos, procuravam alcançar as mais frescas e distantes e para isso levantavam-se nas patas traseiras, e nesses momentos havia nelas algo de descarado. Talvez, porque ficassem parecidas com as pessoas. Muito mais tarde, quando vi pessoas com pés de cabra nas reproduções de El Greco, parece, pensei, que o pintor tentara transmitir a falta de vergonha humana por meio dessa monstruosidade.

Elas gostavam de pastar nas encostas escarpadas perto de um arroio de montanha. Estou convencido de que o barulho da água despertava-lhes o apetite, como, aliás, também o faz nas pessoas. E não por acaso, elas paravam no caminho para matar a fome num regato ou num riacho. Parece-me que além da necessidade direta de comida, o barulho da água a faz mais succulenta e agradável.

Geralmente, as ovelhas caminhavam atrás das cabras, pastavam de cabeça bem baixa como que farejando a relva. Preferiam os lugares abertos e, se possível, também planos. Em compensação, se ficavam assustadas com alguma coisa e se punham a correr, era impossível fazê-las parar. Na corrida, os rabos batiam-lhes nos traseiros e cada pancada as assustava ainda mais, impelindo-as para frente. Voavam como doidas, impulsionadas por vários estágios de terror. Corriam até ficarem tontas, depois se

enfiavam nos arbustos e descansavam arquejantes, de bocas abertas, inflando e desinflando os flancos como os cães no calor.

As cabras escolhiam os lugares mais altos e pedregosos para descansar. Deitavam-se aonde era mais limpo. Geralmente, o bode mais velho ficava no topo. Ele tinha chifres assustadores, os pêlos em farrapos amarelados e envelhecidos pendiam nas ancas. Percebia-se que ele compreendia o seu papel: movendo-se lentamente, balançando com um ar majestoso a longa barba de astrólogo. Se um jovem bode por distração ocupava o seu lugar, ele calmamente se aproximava, empurrava-o com um golpe de lado dos chifres e, além disso, nem sequer olhava para o outro.

Certa vez, uma cabra sumiu do rebanho. Fiquei esgotado de correr pelos arbustos, rasgando a roupa nos espinheiros e gritando até ficar rouco. E não consegui encontrá-la. Voltando, distraidamente levantei a cabeça e a vi em cima de uma árvore, num galho grosso de caquizeiro silvestre. Ela subira pelo tronco torto. Os nossos olhares se encontraram, ela olhou-me insolente com os olhos amarelos que não me reconheciam e claramente não tinha a intenção de descer dali. Atirei-lhe uma pedra e ela saltou agilmente e foi correndo para junto dos seus.

Acho que as cabras são os mais astutos de todos os quadrúpedes. Era só dar um bocejo e elas já desapareciam sem deixar rastro, como se se dissolvessem entre as pedras brancas, as nogueiras e samambaias.

Quanto suor, quanta aflição me custava para procurá-las, correndo pelas trilhas estreitas que se rachavam, de onde lagartos atravessavam como raiozinhos verdes. Às vezes, uma cobrinha passava perto dos meus pés, eu dava um salto, sentindo com a sola do pé, que por pouco não pisara nela, o frio elástico do seu corpo. E corria ainda por muito tempo, sentindo com os pés, a irresistível, quase alegre leveza do medo.

E como era estranho parar e prestar atenção a um ruído leve vindo dos arbustos: será que ela não está ali? Escutando a estridulação dos grilos, o canto distante das cotovias no azul imponente do céu, a voz eventual de uma pessoa numa estrada vicinal, a mim invisível. Escutando as fortes e lentas batidas do coração, aspirando o odor corpóreo da vegetação amolecida pelo sol. A doce languidez do silêncio de verão.

No tempo bom, eu me deitava sobre a relva, à sombra de um grande amieiro, escutando o costumeiro estridor dos *kukuruzniki*⁶⁷, que voavam além do desfiladeiro. Lá ocorriam combates.

⁶⁷ Nome que vem de *kukuruza*, milho, é utilizado para designar o modelo de avião soviético Polikarpov U-2.

Certa vez, de trás das montanhas, partiu um *kukuruznik* com um estrondo terrível e quase como uma pedra, começou a cair na depressão do vale Kodor, e, depois, quando chegou a uma altura bem baixa, voou na direção do mar. Senti com toda a minha pele, o terror com que ele atravessara a montanha para salvar-se, pelo jeito, de um caça alemão. À sombra dele, a uma velocidade sobrenatural, passou correndo pelo prado bem perto de mim, riscou uma plantação de tabaco e depois de um instante voava já longe, baixo, perto do delta de Kodor.

De vez em quando, um avião alemão passava bem alto. Nós o reconhecíamos pelo uivo fraco, que de algum modo lembrava o zumbido do mosquito da malária. Geralmente, quando ele se aproximava da cidade e começávamos a atirar com os canhões antiaéreos, era possível ver como em torno dele se ascendiam os dentes-de-leão das explosões, e ele seguia através deles, como que encantado. De modo que, durante toda a guerra, eu nunca vi abaterem um avião desses.

Um dia, um dos nossos parentes veio da cidade, aonde ele levava alguns porcos para vender. Contou que o meu irmão se encontrava ferido no hospital de Baku e esperava ansiosamente que a mãe fosse vê-lo. A notícia deixou-nos alvoroçados, era preciso que ele se encontrasse o mais depressa possível com a nossa mãe. Verificou-se que, além de mim, não havia mais quem enviar, então, comecei a me preparar para a viagem.

Deram-me queijo com *mamalyga* para comer, o avô ofereceu-me um dos seus bastões e pus-me a caminho, embora o dia já se aproximasse do fim e o sol estivesse no horizonte à altura das árvores. Eu não me lembrava muito bem o caminho ou, mais exatamente, a localização da casa onde morava a mãe, mas não prestei atenção às explicações porque podiam mudar de idéia.

O caminho era através de uma floresta pelo alto da montanha, depois era preciso descer até a estrada, pela qual se transportavam toras, e seguir por ela até o povoado.

Assim que entrei na floresta, senti imediatamente o ar frio como se eu tivesse entrado na água e o dia de verão ficou para trás.

Eu inspirava o frescor limpo e úmido da floresta, ouvia um farfalhar vagamente inquietante dos cumes verdes, e caminhava rapidamente pela trilha. Quanto

mais profundo entrava na floresta, mais obstinada e vigorosamente o meu bastão batia na terra endurecida e atravessada por uma densa rede de raízes.

Com o canto do olho, eu notava a beleza pujante dos troncos das faias dum prateado escuro, das encantadoras clareiras que se abriam inesperadamente, com a relva tenra e brilhante, dos acolhedores e grossos pés das castanheiras cobertos da folhagem afogueada do ano anterior. Dava vontade de deitar-me naquelas folhas com a cabeça nas raízes fortes cobertas pelo musgo. Às vezes, nos espaços entre as árvores abria-se um vale verde-fumo, com o mar que se estendia entre a terra e o céu, como uma miragem. Anoitecia.

De repente, surgiram de trás de uma curva duas meninas, que ficaram assustadas e ao mesmo tempo alegres com o nosso encontro. Eu as conhecia, ambas eram do nosso povoado, mas naquele momento pareciam-me estranhas, com alguma coisa não familiar. Conversavam a meia voz, com as cabeças baixas, com um ar quase culpado. Nelas surgiu algo de vulnerável, campestre e tímido. Uma das meninas levava os sapatos numa cesta e esfregava, envergonhada, o comprido pé descalço no outro. Adivinhei que ela tentava esconder ao menos um dos pés descalços.

Pouco a pouco, a perturbação delas passou para mim. Eu não sabia o que dizer e, então, despedi-me de bom grado. Elas também se despediram e em silêncio, quase que furtivamente, seguiram adiante.

Logo depois, vi diante de mim, entre as árvores que emergiam na escuridão, a estrada vicinal amarelo-avermelhada que havia longe, parecida com um riacho da montanha. Alegrei-me porque pude andar por um terreno plano, e comecei a descer rapidamente, mal conseguindo frear com o bastão para não cair nos arbustos do sombrio rododendro.

Eu quase caí rolando pela estrada. Minhas pernas tremiam por conta da tensão, estava todo coberto de suor, mas a excitação aumentava por causa do cheiro de gasolina e da poeira quente e cansada do final do dia. O cheiro estimulante da cidade, um conhecido de infância. Claramente, eu estava com muita saudade da cidade, de casa, e, embora eu estivesse ainda mais longe da nossa casa do que da aldeia da montanha, a estrada parecia que levaria diretamente ao nosso antigo lar.

Eu caminhava entre a luz crepuscular, tentando discernir sob os pés as marcas dos pneus dos carros, e alegrava-me quando notava a extraordinária nitidez de um desenho sulcado no chão. Quanto mais prosseguia, mais claro o caminho ficava, porque a lua imensa e avermelhada saía de trás da linha denteada da floresta.

À noite, nas montanhas, nós sempre contemplávamos a lua. Diziam-me que se podia ver nela um pastor com um rebanho de cabras brancas, mas eu, por mais que tentasse, não conseguia enxergá-lo. Pelo jeito, era preciso estar ainda na infância mais tenra para tê-lo enxergado. Olhando para o frio disco lunar, eu via o contorno de montanhas rochosas, e isso me deixava triste, talvez, porque elas estavam tão terrivelmente longe de nós e, ao mesmo tempo, eram tão parecidas com as nossas montanhas.

Naquele momento, a lua lembrava uma grande rodela de queijo defumado da montanha. Com que prazer eu roeria uma fatia picante impregnada do cheiro de fumo, ainda mais com *mamalyga* quente!

Apressei o passo. De ambos os lados do caminho se estendia um pequeno bosque de baixas amieiras, às vezes, cortadas para dar lugar à plantação de milho ou de tabaco. Na noite quieta, somente a batida do meu bastão animava o silêncio. Começaram a aparecer casas de camponeses, com minúsculos e limpos quintais de brinquedo, com o calor do fogo da lareira, que se via tremular confortável pelas portas entreabertas das cozinhas.

Eu escutava avidamente as vozes indistintas e, de repente, às vezes, bem claras, que chegavam de lá.

– Ponha o cachorro para fora – eu ouvia alguma voz masculina.

A porta da cozinha abriu-se e, imediatamente, um cachorro começou a latir para mim. Eu apertei o passo e, tendo olhado para trás, reparei no quadrado vermelho da porta aberta, a figura escura de uma moça. Ela estava em pé, imóvel, perscrutando a escuridão.

Com medo dos cachorros, eu tentava passar em frente às casas sem fazer barulho.

Finalmente, abriu-se uma larga clareira, com uma grande nogueira no centro e bancos ao redor dela.

Geralmente, o dia aqui era barulhento, o povo aglomerava-se perto da administração do *kolkhoz*, no mercado e nos celeiros. Mas, naquele momento, tudo tinha um ar inabitado, abandonado e a luz da lua dava medo.

Eu me lembrava que não muito longe do *Selsoviet*⁶⁸ era preciso virar do caminho para um atalho à esquerda. Mas havia muitos atalhos e de jeito nenhum eu conseguia me lembrar qual deles me levaria ao meu destino.

Parei diante de um dos atalhos que levava a um arbusto de aveleiras silvestres, sem me decidir a tomá-lo. Seria este o certo? Parecia que da outra vez não havia aveleiras. Será que não havia? Durante alguns minutos, pareceu-me lembrar do atalho pela grande quantidade de pequenos sinais: a sua sinuosidade, o pequeno fosso que o separava da rua, os arbustos de aveleiras. Mas depois, de repente, parecia que o fosso não era aquele, e as aveleiras também não e o atalho era completamente desconhecido e hostil.

Fiquei ali, apoiando-me ora num pé, ora noutro, escutando o estridular das cigarras, olhando a imobilidade fascinante dos arbustos, a lua já estava alta, pálida, quase ofuscante, como um espelho.

De repente, saiu da trilha alguma coisa negra e brilhante que correu em minha direção. Não tive tempo de me mexer e um cachorro grande e forte veio me cheirar sem cerimônias, encostando nas minhas pernas o seu nariz úmido e fungante. Um minuto depois, apareceu um homem com um machadinho leve no ombro. Ele enxotou o cachorro. Naquele momento, compreendi por que ele se apressara tanto para me farejar, temia não ter tempo de fazê-lo. O cachorro afastou-se de mim num salto, deu voltas, ganindo com ânsia de agradar ao dono, depois ficou imóvel junto aos arbustos para identificar algum rastro.

O homem estava com uma rédea amarrada na cintura, parecia que procurava um cavalo. Ele aproximou-se de mim, olhando atentamente e, ao mesmo tempo, surpreendendo-se por não me reconhecer.

– Você é filho de quem? O que faz aqui? – perguntou-me zangado porque não me reconhecia. Eu disse que procurava a casa do tio Miekssut, marido da irmã da minha mãe.

– Para que você o procura? – perguntou-me, agora espantado de admiração.

Eu compreendi que os camponeses são curiosos irreprimíveis e desembuchei tudo.

Enquanto eu lhe contava o que e como, fiquei olhando de esguelha para o cachorro, procurando não perdê-lo de vista. O homem balançava a cabeça, estalava a

⁶⁸ Conselho rural soviético

língua e olhava-me de vez em quando, como que se lamentando por eu ser obrigado a me ocupar com assuntos impróprios para crianças.

– Miekssut mora bem aqui ao lado – disse ele, indicando a direção do atalho que eu pretendia tomar.

Ele começou a explicar o caminho, interrompendo-se a cada instante para uma vez mais ficar admirado e se alegrar de como esse Miekssut morava perto e de como era simples chegar até a casa dele. Agradecido pelo encontro e por Miekssut morar tão perto, nem me atrevi a pedir-lhe para repetir as instruções. O homem chamou o cachorro. Ouvi no silêncio a sua respiração que se aproximava, o corpo forte irrompeu de trás dos arbustos. Ele se aproximou do dono correndo, sentou-se nas patas traseiras golpeando a relva com o rabo e, ao lembrar-se de mim momentaneamente, farejou-me rapidinho mais uma vez: é assim que as autoridades checam os documentos quando têm certeza de que eles estão em ordem.

– É bem perto, eles até ouvem se você gritar – disse ele já em movimento, como se estivesse pensando em voz alta e se alegrando de que eu tivesse tido tanta sorte.

O cachorro disparou na frente, não se ouvia mais os passos do homem e eu fiquei sozinho.

Pus-me a caminho pela trilha densamente coberta por nogueiras selvagens e arbustos de amoras. Algumas vezes, os arbustos se fechavam sobre o caminho, eu os afastava com o bastão e passava rapidamente sob eles. Apesar disso, os ramos estavam molhados e às vezes me açoitavam por trás, e eu estremecia com o frio estimulante do orvalho. Assim, andei por algum tempo, depois os arbustos abriram caminho e começou a ficar muito mais claro. Fui parar num lugar aberto e vi um cemitério embranquecido pela luz da lua clara.

Gelando de medo, lembrei-me de que uma vez passara por ele, mas isso havia acontecido durante o dia e não me causara nenhuma impressão. Lembrei-me de ter derrubado algumas maçãs de uma árvore. Meus olhos encontraram a mesma macieira e, ainda que agora ela parecesse completamente diferente, tentei recuperar aquele estado de despreocupação de quando derrubara as maçãs. Mas isso não ajudou. A árvore estava imóvel à luz da lua, com folhas azul-escuras e maçãs de um azul pálido. Passei silenciosamente por baixo dela.

O cemitério me fazia lembrar uma pequena cidade de anões, com as cercas de ferro, montículos verdes de sepulturas, palácios de brinquedo, banquinhos, telhados de

madeira e de ferro. Parece que, depois da morte, as pessoas ficam terrivelmente pequenas e, por isso, tornam-se mais malvadas e perigosas, continuam a viver uma vida perversa e silenciosa.

Perto de alguns túmulos, havia banquinhos com vinho e coisas de comer, em um deles até ardia uma vela amparada por um pote de vidro com o fundo quebrado. Eu sabia que isso era um costume: levar comida e bebida ao cemitério, mas, ainda assim, o medo aumentou.

Os grilos cantavam, a luz do luar embranquecia as já brancas lápides e, por isso, as sombras negras pareciam ainda mais negras e estendiam-se sobre a terra como blocos pesados e imóveis.

Esforcei-me o quanto pude para passar silenciosamente pelos túmulos, mas o meu bastão golpeava o solo de maneira surda e terrível. Então, coloquei-o sob o braço. Tudo ficou em completo silêncio e ainda mais assustador. De repente, reparei na tampa de um caixão encostada à grade de um túmulo, ao lado de outro mais recente e ainda não gradeado.

Eu senti um filete gelado de medo subir-me pela espinha até o pescoço, chegou à cabeça e, apertando dolorosamente a pele da nuca, arrepiou os meus cabelos. Continuei a andar, olhando o tempo todo para aquela tampa de caixão, que tinha um brilho avermelhado à luz da lua. Então, eu ainda não sabia que, segundo o costume muçulmano, o morto é sepultado num caixão sem a tampa, aparentemente, para facilitar a sua ressurreição. O caixão é coberto com algumas tábuas.

Eu tinha certeza de que o defunto havia saído da sua cova, encostado a tampa do caixão na grade e, naquele momento, andava em algum lugar ali por perto ou, talvez, estivesse escondido atrás da tampa esperando que eu me virasse e saísse correndo.

Por isso, eu caminhava sem mover nenhum outro músculo e sem apressar o passo, sentindo que o mais importante era não tirar os olhos da tampa do caixão. Sob os pés, a grama começou a rumorejar, compreendi que havia saído do atalho, mas continuei andando sem deixar de olhar para a tampa. De repente, percebi que caía numa cova.

Consegui ver um lampejo da lua no céu e dei um baque em algo lanoso e branco, que se arrancou de debaixo de mim para um canto. Caí no chão e fiquei deitado com os olhos fechados, conformado com o meu destino. Sentia que ele, ou melhor, a coisa estava em algum lugar por perto e, naquele momento, eu estava completamente

em seu poder. Na minha cabeça passava um quadro dos relatos de caçadores e pastores sobre misteriosos encontros na floresta, e de casos ocorridos nos cemitérios.

Ele demorava e não fazia nada, o medo ficou insuportável e, reunindo forças, abri os olhos, como se tivesse acendido uma luz.

No início, não enxerguei ninguém, mas depois percebi alguma coisa branca que se balançava na escuridão. Senti que ela me observava atentamente. E, era terrível, sobretudo, o fato de ela ficar se balançando.

Eu não sei quanto tempo se passou. Comecei a distinguir o cheiro de terra recém cavada e aquecida durante o dia além de algo muito familiar, alentador, um cheiro quase doméstico. A coisa que não parava de se balançar, branquejava num canto. Mas o terror que se prolonga sem fim, deixa de ser terror. Senti dor num pé. Ao cair, eu o havia torcido com força, queria muito poder puxá-lo.

Olhei para ela atentamente por um longo tempo. A mancha branca e imprecisa tomava contornos familiares, algo que num instante compreendi. O que era um espectro transformara-se num bode, discerni na escuridão a barbicha e os chifres. Há muito, eu sabia que o diabo assume a aparência de um bode, e tranquilizei-me um pouco porque isso já estava claro. Eu só não sabia que ele, além disso, podia ter esse cheiro de bode.

Puxei o pé com cuidado e percebi que a coisa pôs-se alerta, ou melhor, parara de mastigar e continuava se balançando estranhamente.

Congelei, e ela tornou a mastigar. Levantei a cabeça e vi à beira da cova, iluminado pela luz da lua, uma faixa transparente do céu com uma estrelinha brilhante no centro. No alto, uma árvore murmurou. Era estranho sentir-se debaixo do vento que soprava lá em cima. Olhei para a estrelinha e pareceu-me que ela também se balançava com o vento. Alguma coisa deu uma pancada surda: uma maçã caíra da árvore. Estremeci e senti que começava a esfriar.

O instinto infantil sugeria que ficar parado não podia ser sinal de força e, como a coisa continuava a mastigar, olhando incorporeamente através de mim, resolvi tentar escapar.

Levantei-me cuidadosamente e com o braço esticado me convenci de que, mesmo dando um salto, não conseguiria alcançar a beirada. O meu bastão ficara lá em cima, além disso, dificilmente ele poderia ajudar.

A cova era bastante estreita e eu tentei, apoiando as mãos e os pés nas paredes opostas, escalar. Grunhindo devido ao esforço, consegui subir um pouco, mas um dos pés, aquele que eu havia torcido, escorregou da parede, e eu levei mais um tombo.

Quando isso aconteceu, a coisa, assustada, levantou-se bruscamente e saltou para o lado. Isso foi muito descuidado da sua parte. Eu criei coragem e me aproximei dela que, quieta, encolhia-se num canto. Cuidadosamente, estendi a palma da mão para o seu focinho. Ela moveu os beiços, esquentou a minha mão com a sua respiração quente, farejou e bufou como um bode, sacudindo a cabeça sem parar.

Convenci-me definitivamente de que ele não era nenhum diabo, simplesmente se metera naquela enrascada, como eu. Durante o meu tempo de pastoreio, os bodes costumavam meter-se em lugares assim, dos quais eles próprios depois não conseguiam sair.

Sentei-me no chão ao lado dele, abracei-o pelo pescoço e comecei a me aquecer apertando-me a sua barriga quente. Tentei deitá-lo, mas ele permaneceu teimosamente em pé. Em compensação, pôs-se a lambar a minha mão, no início com cautela, depois cada vez mais confiante, a língua flexível e vigorosa coçava a minha mão, lambendo dela o sal. Esse toque picava e fazia cócegas, era agradável e eu não tirei a mão. O meu bode tomou gosto por aquilo e já começava a prender de leve com os dentes pontiagudos no punho da minha camisa, mas eu dobrei a manga e deixei-o pastar num lugar intocado.

Ele ficou lambendo a minha mão por bastante tempo e senti que, mesmo se aparecesse o rosto de um defunto sobre a cova, azulado à luz da lua, eu apenas me apertaria com mais força ao meu bode e quase nem sentiria medo. Pela primeira vez, eu soube o que significava ter um ser vivo por perto.

Finalmente, ele se cansou de lambar a minha mão e, inesperadamente, deitou-se do meu lado e começou a ruminar de novo.

Tudo estava tão silencioso, somente o luar ficara mais translúcido, mas a estrelinha se deslocara para a extremidade da pequena faixa de céu. Esfriara ainda mais.

De repente, ouvi cada vez mais próximo o tropel de um cavalo, meu coração começou a bater freneticamente.

O tropel ficava cada vez mais e mais distinto, às vezes soava o golpe metálico das ferraduras nas pedras. Temi que o cavaleiro tomasse outra direção, mas o tropel se aproximava firme e forte. Eu já ouvia a respiração do cavalo e o rangido da sela. Fiquei paralisado pela ansiedade, o tropel passara quase sobre a minha cabeça e, então, levantei-me num salto e gritei:

– Ei! Ei! Estou aqui!

O cavalo parou, no silêncio eu distingi o barulho dos seus dentes que roíam o freio. Depois soou uma voz indecisa de homem:

– Quem está aí?

Lancei-me ao encontro da voz e gritei:

– Sou eu! Um menino!

O homem ficou calado por algum tempo, depois ouvi:

– Que menino?

A voz dele era firme e desconfiada. Ele temia alguma emboscada.

– Sou um menino, sou da cidade – eu disse, tentando falar não como um cadáver, mas com uma voz de vivo, o que a fez estranha e desagradável.

– Para que você se meteu aí? – perguntou com uma voz áspera. O homem realmente ainda temia uma armadilha.

– Eu caí, estava indo para a casa do tio Miekssut – disse rapidamente, temendo que ele não me escutasse e continuasse o seu caminho.

– À casa de Miekssut? Você devia ter dito logo.

Ouvi-o appear-se do cavalo e jogar a cabeçada do freio na grade do túmulo. Em seguida, os seus passos se aproximaram, mas, ainda assim, ele ficou parado, sem vir até a cova.

– Segura! – eu ouvi e uma corda, zunindo no ar, caiu dentro da cova.

Eu a agarrei, mas no mesmo instante me lembrei do bode. Ele estava quieto e solitário, num canto. Sem pensar muito, passei a corda em volta do seu pescoço e rapidamente atei dois nós e gritei:

– Puxe!

A corda esticou-se, o bode sacudiu a cabeça e ergueu-se nas patas de trás. Para ajudar, eu o agarrei pelas patas traseiras e com toda força comecei a empurrá-lo para cima porque a corda apertava o seu pescoço. Foi só os chifres do bode, iluminados pela luz da lua, aparecerem sobre a cova, o homem começou a gritar com uma voz que me pareceu trêmula, jogou a corda e saiu correndo. O bode desabou do meu lado e eu gritei de dor porque na queda ele pisara com o casco no meu pé. Comecei a chorar de dor, de desgosto e cansaço. As lágrimas estavam próximas, na altura dos olhos. Elas escorriam com tanta abundância que me assustei e parei de chorar. Eu me amaldiçoava por não ter falado ao homem sobre o bode, mas depois me lembrei do seu cavalo e concluí que, de um jeito ou de outro, ele voltaria para buscá-lo.

Uns dez minutos depois, percebi passos furtivos de uma pessoa. Eu sabia que ele queria soltar o cavalo e dar o fora.

– Aquele era um bode – eu disse alto e com calma.

Silêncio.

– Titio, aquele era um bode – eu repeti, procurando não alterar a voz.

Senti que ele havia parado e escutava.

– De quem? – perguntou desconfiado.

– Eu não sei, ele caiu aqui antes de mim – respondi, compreendendo que as minhas palavras não o convenciam.

– Parece que você não sabe de nada – disse ele, e depois perguntou: – Você é o que de Miekssut?

Desorientado por causa da emoção, comecei a explicar-lhe o nosso parentesco (na Abkházia todos são parentes). Senti que ele começava a acreditar em mim e tentava não deixar escapar essa sua simpatia. Imediatamente, contei-lhe para que ia à casa do tio Miekssut. Percebi quão difícil era justificar-me tendo caído numa cova de cemitério.

No fim das contas, ele se aproximou da cova e se inclinou cuidadosamente. Vi o seu rosto com a barba por fazer, enojado e estranho à luz da lua. Estava claro que o lugar onde ele se encontrava e para o qual olhava eram-lhe desagradáveis. Até me pareceu que ele tentava não respirar.

Atirei a ponta da corda que prendia o bode. Ele a pegou e puxou para cima. Tentei ajudá-lo de baixo. O tonto do bode resistia, mas o homem, depois de puxá-lo um pouco, agarrou-o pelos chifres e com uma aversão violenta arrancou-o do buraco. Apesar de tudo, essa história não lhe agradava.

– Bicho maldito, por Deus! – disse ele, e eu o ouvi dar um empurrão no bode. Ele deu um pulo e, provavelmente, saiu em disparada porque o homem havia apanhado a corda e puxado. Depois, ele se inclinou sobre a cova, apoiou-se com uma mão na terra, com a outra pegou a minha e zangado tirou-me de lá. Enquanto ele me puxava, eu tentava ser leve porque tinha medo de que eu também apanhasse. Ele me colocou ao seu lado. Era um homem grande e corpulento. A minha mão que ele segurava doía um pouco.

Ele olhou para mim calado e, de repente, com um sorriso inesperado, deu pancadinhas na minha cabeça.

– Você me deu um susto daqueles com esse seu bode. Eu pensei que puxava uma pessoa, mas então me sai um bicho de chifres...

Imediatamente me senti aliviado e bem. Nós nos aproximamos do cavalo que se enxergava perfeitamente, imóvel, junto à cerca. O bode, ainda amarrado, veio atrás do homem.

O cavalo tinha um cheiro gostoso de suor, do couro da sela e de milho. Provavelmente, ele tinha levado milho a um moinho, pensei, e me lembrei de que a corda também cheirava a milho. Ele me ajudou a montar, ou melhor, quase me atirou à sela. Eu pensei no meu bastão, mas não me decidi a voltar para apanhá-lo. Além do mais, enquanto eu me ajeitava na sela, o cavalo sacudiu a cabeça para me morder a perna, que eu encolhi a tempo.

O homem tirou-lhe o focinho da cerca, atirou o freio para trás e sem deixar a corda que amarrava o bode cair das mãos, sentou-se pesadamente na sela. Senti que o cavalo se encurvava sob ele. O seu peso me apertava contra o arção. Nós partimos.

O cavalo pôs-se a caminho vigorosamente tentando passar para trote, estirando as pernas dianteiras para descarregar a energia acumulada e a irritação de arrastar um bode atrás de si.

Sob os surdos golpes dos cascos e o suave balanço da sela, adormeci.

O cavalo parou de repente e eu despertei. Estávamos perto de uma cerca, além da qual se vislumbrava um largo e asseado pátio e uma casa grande sobre altas estacas de madeira. Pela janela viam-se as luzes acesas. Era a casa do tio Miekssut.

– Olá, patrão! – gritou o meu companheiro de viagem e começou a fumar. Ele enrolou a corda que prendia o bode numa estaca da cerca, sem atá-la.

A porta da casa se abriu e nós ouvimos:

– Quem é?

A voz era viril e áspera: era assim que na nossa região respondia-se, à noite, ao grito de um desconhecido, para mostrar prontidão a qualquer tipo de visita.

Era o tio Miekssut, reconheci imediatamente os ombros largos, o tipo baixo. Ele desceu as escadas e, afugentando os cachorros, veio em nossa direção perscrutando a escuridão. Lembro-me a surpresa e até o espanto quando me reconheceu.

– Você nem sabe da metade... – disse o meu salvador, erguendo-me e tentando passar-me pela cerca direto para os braços do tio Miekssut. Mas eu não me entreguei aos seus braços, e sim me agarrei a uma estaca da cerca e desci sozinho.

O meu companheiro de viagem começou a desenrolar da mão a corda do bode.

– E de onde veio esse bode? – perguntou o tio Miekssut, ainda mais surpreso.

– Nem te conto, nem te conto! – disse o cavaleiro alegre e enigmático, e olhou para mim como de igual para igual.

– Apeie-se e entre em casa! – disse o tio Miekssut, apanhando o cavalo pela rédea.

– Obrigado Miekssut, mas não posso de jeito nenhum – respondeu o cavaleiro e começou a apressar-se, embora até aquele momento, por alguma razão, ele não tivesse demonstrado pressa nenhuma.

Pelo costume abkhaziano, o tio Miekssut por um longo tempo tentou convencê-lo a aceitar a sua hospitalidade, ora ofendendo-se, ora suplicando, ora escarnecendo dos negócios supostamente importantes pelos quais o visitante não podia ficar. Durante todo esse tempo, ele olhava rapidamente ora para o bode, ora para mim, sentindo que entre o meu aparecimento e o bode havia alguma relação, e ele não conseguia perceber de jeito nenhum qual era.

Finalmente, o cavaleiro foi embora, arrastando atrás de si o bode, e o tio Miekssut levou-me para casa, surpreso, estalando a língua e gritando de vez em quando com os cachorros.

A sala estava iluminada não tanto pela lâmpada, mas pela lareira que ardia vivamente. À mesa, coberta de petiscos e frutas, estavam sentados os hóspedes. Imediatamente vi a minha mãe e notei, apesar do reflexo rubro da chama, como ela empalidecera lentamente. Os visitantes ergueram-se num salto e soltaram exclamações, aflitos.

Uma das minhas tias da cidade, ao saber o motivo da minha vinda, começou a tombar devagarzinho para trás, como se estivesse desmaiando. Mas como na aldeia não entendiam disso, ninguém se dispôs a segurá-la, ela parou no meio do caminho e fingiu que lhe doíam os rins. O tio Miekssut tentava de todas as maneiras acalmar as mulheres, propunha beber pela vitória, pelos filhos, por todos aqueles que regressaram. Ele era muito hospitaleiro, na sua casa sempre havia visitas e aqui, no vale, já preparavam a vindima e uma longa temporada de brindes apenas começava.

A mãe estava sentada calada, sem tocar em nada. Eu tive pena dela, queria tranquilizá-la de algum modo, mas o papel que eu assumi não permitia essa fraqueza.

Deram-me *mamalyga* quente, galinha e até encheram-me um copo de vinho. A minha mãe balançou a cabeça, mas o tio Miekssut disse que a *matcharka* ainda não era vinho e eu já não era mais uma criança.

Contei a minha aventura e já chupando os últimos ossinhos da galinha, senti como o sono se abatia sobre mim, doce e áureo, como o primeiro vinho *matcharka*. Adormeci à mesa.

A minha mãe voltou de Baku depois de uns dez dias. Acontece que o meu irmão não fora ferido, mas simplesmente sentira falta dos seus e resolvera encontrar-se conosco antes do envio ao *front*. E, é claro, conseguiu. Ele sempre usava truques.

Eram umas dez horas da manhã quando saí do ônibus para a aldeia Orekhovyi Kliutch.

O ônibus seguiu adiante levantando poeira, e eu fui em direção à administração do *kolkhoz*, desentorpecendo as pernas com prazer depois de ficar sentado, imóvel, por muito tempo. Começava a fazer calor.

Eu me sentia animado e sentia na minha alma uma reserva inesgotável de sagacidade de repórter. Perto da administração do *kolkhoz*, sob a copa imensa de uma nogueira, estavam sentados dois velhos abkhazianos na tradicional postura de patriarcas. Um deles tinha um bastão nas mãos, o outro, um cajado. Observei e admirei-me alegre ao perceber que a curva adunca do cajado de um dos velhos correspondia ao nariz adunco dele próprio, enquanto que o outro velho tinha o nariz reto e segurava um bastão sem nenhuma ramificação. Ao passar por eles, cumprimentei-os, ou melhor, fiz uma reverência, a que eles responderam com um movimento cortês, como se levantassem para ir ao meu encontro.

– Me parece que esse é o novo doutor – disse um deles quando eu passei.

– Para mim, é um armênio – disse o outro.

A administração do *kolkhoz* ficava numa casa de madeira de dois andares. Embaixo, havia uma loja e alguns depósitos com grandes cadeados nas portas. Em cima, ficavam as dependências de trabalho. Das portas abertas da loja, chegava uma risada feminina.

Bem perto da mesma entrada havia um *gazik*⁶⁹ velho e então compreendi que o presidente estava no local.

Na parede da administração havia um aviso, escrito em letras vazadas:

⁶⁹Automóvel da marca “Gaz”

“O capriuro é o nosso orgulho”.

A conferência será ministrada pelo doutor em Arqueologia, membro efetivo da sociedade pela difusão dos conhecimentos científicos e políticos, Vakhtang Botchua. Após a conferência será exibido o filme “A máscara de ferro”.

Isso significa que Vakhtang está aqui ou deve vir! Alegrei-me, saboreando de antemão o encontro com o nosso ilustre galhofeiro e *tchangalista*. Eu não o via há mais de um ano, sabia que ele prosperava, mas não imaginava que já fosse doutor em arqueologia e, ainda por cima, que desse conferências sobre o capriuro.

A propósito, a palavra *tchangalist*, ao que parece, é utilizada apenas por nós da Abkházia e significa: “aquele que gosta de beber à custa dos outros”. Dela deriva o verbo *zatchangalit*’, isto é, apanhar alguém, agarrar, não necessariamente para beber, mas também num sentido mais amplo.

Aliás, como de costume, adoravam convidar Vakhtang porque a qualquer grupo ele levava uma alegria ruidosa e desenfreada. A sua própria aparência era cheia de contradições cômicas. A cabeça gorda e sombria de um Nero, o caráter bonachão e sem maldade, a esperteza e a persistência de um agente de compras, além da profissão contemplativa de arqueólogo que, por assim dizer, folheia as camadas dos séculos.

Após concluir o curso de História e Arquivologia do Instituto, Vakhtang trabalhou durante vários anos como guia turístico e depois escreveu o livro *As ruínas em flores*, que se tornou o favorito dos turistas. “E dos turistas estrangeiros” – acrescentava Vakhtang constantemente, quando a conversa sobre o livro acontecia em sua presença. E a conversa quase sempre se encaminhava desse modo porque ele mesmo a conduzia.

Nós, abkhazianos, nos tempos de estudantes reuníamos-nos sempre, e nenhuma festa de amigos acontecia sem Vakhtang. Nesse aspecto como, pensando bem, em muitos outros, ele possuía um faro excepcional. E se alguém recebia alguma encomenda, não era preciso chamá-lo. Vakhtang aparecia no alojamento ainda antes que o dono do pacote conseguisse cortar ou romper o barbante que atava a caixa.

– Interromper o processo – dizia ele, abrindo a porta e despejando na cabeça do dono da encomenda uma enxurrada de falatório pomposo.

Naquela época, eu já sentia o farsante que havia nele, mas um farsante alegre, atrevido, artístico e, o mais importante, inofensivo para os amigos, a não ser que caísse na melancolia quando chegava a hora de pagar a conta.

Com Vakhtang na minha lembrança, subi pela escadinha de madeira para o segundo andar e entrei na administração do *kolkhoz*.

A sala era comprida e fresca, estava limitada à direita e à esquerda por grades de madeira. À minha direita, sentado à mesa, cochilava um homem gordo e com a barba por fazer. Depois de perceber que alguém havia entrado, ele entreabriu um dos olhos e durante algum tempo ficou a tomar consciência da minha aparição e, pelo visto, quando terminou, fechou o olho. Assim como um gato que, durante o seu cochilo, ouve o tilintar da louça, entreabre um olho, mas ao perceber que esse tilintar não tem nenhuma relação com o início de uma refeição, continua o seu cochilo.

À direita, havia alguns funcionários da contabilidade que zelosamente faziam estalar as bolinhas dos ábacos. Às vezes, quando uma bolinha batia com muita força, o homem que cochilava entreabria exatamente aquele mesmo olho e novamente o fechava com tranquilidade. Um dos contadores se levantou, aproximou-se do cofre e retirou dele uma pasta e, de repente, percebi que era uma moça em trajes masculinos. A expressão do seu rosto impressionou-me, triste como um poço seco.

No extremo da sala, sobre uma mesa grande, erguia-se a figura presidencial do próprio presidente. Ele falava ao telefone. Olhou-me com frieza e curiosidade, em seguida desviou os olhos para prestar atenção na conversa ao telefone.

– Bom dia – disse eu em russo, sem me dirigir a ninguém em particular.

– Bom dia – respondeu a moça baixinho e soergueu o seu rosto tristonho.

Eu não sabia como começar porque interromper o presidente seria inconveniente, mas também ficar em pé sem fazer nada era inconveniente do mesmo jeito.

– O conferencista ainda não chegou? – por alguma razão, perguntei para a moça, como se eu estivesse ali para a conferência.

– O camarada Botchua já chegou – disse ela em voz baixa, levantando os seus grandes olhos para mim – ele foi visitar uma antiga fortaleza.

– Meu caro, não tema pelo milho, eles são fortes como leões! – ressoou a voz do presidente em abkhaziano. – como leões, eu te digo, só lembro de novo o fertilizante... Recebemos, mas não o suficiente... Se a desgraça da comissão vier teremos o que mostrar, traga-a diretamente para nós... Que eu desenterre os ossos do meu pai, se nós não cumprirmos o plano, querido Andrei Chálvovitch, nós não temos mais terra. Que terras sem cultivar, não há espaço onde se possa se estender um lenço. O agrônomo está aqui, ele dirá se acordar – acrescentou o presidente jocosamente e olhou para o homem que cochilava.

Ele nem conseguiu terminar de falar e borbotoou zangado qualquer coisa em resposta e, para mim, começara a borbotoar antes de ele abrir os olhos. Do que ele dissera, entendi apenas que não estava disposto a arrancar as plantações de chá por causa de uns loucos. Ele se calou de modo inesperado, assim como começara, e fechou os olhos antes de terminar de falar.

Enquanto ele falava, o presidente cobriu o fone hermeticamente. Ao perceber que eu olhava para ele, ficou carrancudo e lançou em abkhaziano para a moça:

– Tome conhecimento daquele malandro, de onde ele é e do que precisa.

De novo ele voltou ao telefone e, de repente, começou a rosnar com o tom de anfitrião hospitaleiro:

– Você esqueceu completamente o caminho para a nossa aldeia, Andrei Chálvovitch. Isso não é bom, Andrei Chálvovitch. Não sou eu quem pede, é o povo quem pede, Andrei Chálvovitch.

Eu fiquei boquiaberto, ao ouvir sobre o malandro. Pelo visto, ele achava que eu não era abkhaziano e não me restava nada a não ser concordar com isso.

O presidente continuou falando. Naquele momento ele andava em círculos, e já dava a segunda volta pela sala.

... – Umas cem toneladas de superfosfato-muperfosfato, eu peço como a um irmão de sangue, Andrei Chálvovitch.

Eu fiquei observando a moça trabalhar. Ela calculava alguma coisa, de vez em quando correndo as bolinhas no ábaco, com um ar pensativo como se contasse um grande colar de contas de madeira.

Finalmente o presidente desligou o telefone e, então, aproximei-me dele.

– Bom dia, camarada, você é da *Liespromkhoza*⁷⁰ – disse ele com confiança e estendeu-me a mão.

– Eu sou do jornal – respondi.

– Bem vindo – ele se animou e apertou a minha mão com mais força do que pretendia.

– Aqui está a minha permissão de viagem – eu disse e enfiei a mão no bolso.

– Nem quero ver – ele respondeu, fazendo com a mão um gesto esquivo – Vê-se pela pessoa – acrescentou olhando-me nos olhos com uma seriedade insolente.

– Eu vim a respeito do capriuro – eu disse, sentindo de repente que naquela situação as minhas palavras soariam ridículas. E assim foi. Um dos contadores deu uma risadinha.

– Queria enterrar essa tua risada – rosnou o presidente em abkhaziano e completou em russo: – Nós realizamos um grande trabalho pelo capriuro.

– O que exatamente? – perguntei.

– Em primeiro lugar, uma enorme propaganda entre a população – o presidente levantou o dedo mindinho da mão esquerda e ainda por cima bateu-lhe com a palma da outra mão – Hoje nós teremos uma conferência do respeitado camarada Vakhtang Botchua. Enviaram um zootécnico ao selecionador – ele levantou o dedo anular e de novo bateu-lhe com a palma da outra mão – E existem reclamações? – ele se interrompeu bruscamente e olhou para mim com os olhos negros e inquietos.

– Não – eu disse, sustentando o seu olhar.

– É que aqui nós temos uma pessoa, o ex-presidente do *kolkhoz* associado ao nosso.

– Não, não – eu disse – não se trata de reclamações.

– Mas ele não escreve o próprio sobrenome – acrescentou ele, como que revelando toda a profundidade da sua astúcia – assina com outras palavras, mas nós conhecemos essas palavras.

– Posso ver o capriuro? – interrompi-o, dando a entender que o queixoso não me interessava.

– É claro – ele disse – Vamos.

O presidente saiu de trás da mesa. Percebia-se como ele era grande, vigoroso, o seu corpo movia-se livremente sob a roupa folgada.

⁷⁰ Empresa de Economia Florestal

O agrônomo que dormia levantou-se em silêncio da mesa e saiu conosco para a varanda.

– Quantas vezes eu falei a esse parvo para limpar o cercado – disse o presidente acerca de alguém em abkhaziano, quando nós descíamos a escada.

– Valiko! – gritou o presidente e virou-se para a porta da loja – Venha cá um minuto, se é que você já não se casou aí.

Da loja ouviu-se o riso de uma moça e a voz atrevida de um rapaz:

– O que aconteceu aí?

– Não aconteceu nada, mas vai acontecer se eu trancar essa loja e chamar aqui a tua sogra.

De novo ouviu-se uma risada de mulher e no umbral apareceu um rapaz de estatura mediana com enormes olhos de um azul-virginal no rosto moreno.

– Vá até a casa da tia Nutsa e traga pepinos para o capriuro – disse o presidente – o camarada chegou da cidade, podemos passar vergonha.

– Não vou – disse o rapaz – as pessoas riem de mim.

– Danem-se as pessoas! – disse com severidade o presidente, – vá diretamente para lá que nós nos encontramos depois.

Naquele momento compreendi que aquele era o seu motorista. Valiko entrou no *gazik* e zangado fez uma manobra e saiu para a rua.

Estava quente. Aqueles dois velhos ainda estavam sentados à sombra da nogueira. O que tinha o cajado contava algo para o outro e de tempos em tempos batia-o na terra, fazendo isso ele já tinha aberto um buraco considerável no chão. Parecia que ele pretendia colocar ali uma pequena cerca para separar o seu lugar à sombra da avela do sol de verão e da agitação dos *kolkhozianos*.

Quando passávamos por eles, o presidente cumprimentou-os, em sinal de saudação fizeram um gesto de que se levantariam.

– Filhinho – perguntou aquele que estava com o cajado – esse aí com você é o novo doutor?

– Esse é o doutor de capriuros – disse o presidente.

– Mas eu olhei e pensei: é um armênio – disse aquele que estava com o bastão.

– Vejam só – disse o velho com o cajado – eu matei centenas desses capriuros das montanhas, e agora, por causa de apenas um, mandaram um doutor.

– Esse velho é um grande excêntrico – disse o presidente quando nós fomos para a rua.

– Por quê? – perguntei

– Uma vez chegou o secretário do comitê distrital, ele parou por aqui e aquele velho estava sentado à sombra, como agora. Começou a conversar sobre como se vivia antes, como é hoje. O velho disse-lhe: “Antes aravam a terra com um arado de madeira, mas hoje é com um arado de ferro – “O que significa isto?”– perguntou o secretário. “Com o arado de madeira, a terra cai em ambos os lados igualmente, mas com o arado de ferro a terra vira só de um lado – quer dizer que a colheita é minha” – “Correto” – disse o secretário do comitê distrital e foi embora.

Eu queria tomar nota desta máxima popular em duas palavras para não esquecer depois. Peguei o meu bloco de notas, mas o presidente não permitiu que eu a anotasse.

– Não é preciso – disse ele decididamente.

– Por quê? – perguntei admirado.

– Não vale a pena – ele disse – é uma fantasia, eu lhe direi o que é preciso escrever.

“Não tem importância, guardarei na memória assim mesmo” – pensei e guardei o bloco de notas.

Nós caminhávamos por uma rua quente e poeirenta. O pó estava tão incandescente que eu até sentia queimar a planta dos pés através da sola dos sapatos.

De ambos os lados da rua da aldeia, de tempos em tempos, apareciam e desapareciam casas de camponeses com uma plantação de milho particular, com pequenos tapetes verdes nos quintais, com as videiras de *Izabella* que trepavam nos galhos das árvores frutíferas. Por entre a folhagem pujante da vinha viam-se densos cachos verdes de uva.

– Vai dar muito vinho neste ano – eu disse.

– Sim, a uva está boa – disse o presidente com ar pensativo. – E no milho, você prestou atenção?

Eu olhei para o milho, mas não percebi nada de especial.

– O que tem ele? –perguntei.

– Olhe como se deve – disse o presidente, com um sorriso enigmático.

Olhei atentamente e percebi que, na plantação de um lado do terreno anexo a cada casa, o milho era mais alto, com folhas mais carnudas, as espigas mais coloridas em crescimento e, do outro lado, o verde era mais pálido e o milho mais baixo.

– O que é, não foram semeados ao mesmo tempo? – perguntei ao presidente, que continuava a sorrir enigmaticamente.

– Foram semeados no mesmo dia e na mesma hora – disse o presidente, sorrindo ainda mais enigmaticamente.

– Então, o que pode ser? – perguntei.

– Neste ano diminuíram os terrenos privados de cada casa. É claro que essa foi uma medida necessária, mas não para o nosso *kolkhoz*. Eu tenho chá, não posso fazer uma plantação num pedacinho de terra como este.

Mais uma vez observei o milho com atenção. De fato, a diferença de vigor e nutrição das hastes do milharal era semelhante àquela representada nos manuais, quando queriam mostrar o aumento da produção agrícola no futuro.

– O trabalho do camponês é cheio de esperteza, a propósito – disse o presidente, continuando com aquele sorriso enigmático. Com esse sorriso ele parecia dar a entender que nenhum habitante da cidade havia conseguido entender tal esperteza e dificilmente conseguiria fazê-lo

– Em que consiste essa esperteza? – perguntei-lhe.

– Em que consiste? Mas, então, fale você – o presidente virou na direção do agrônomo.

– A esperteza está no fato de que se o camponês vê uma panela de vaca nesta rua, ele a remove para o seu terreno – falou resfolegando o agrônomo – e é assim em tudo.

– É psicologia – pronunciou o presidente de modo solene.

Eu queria tomar nota desse exemplo com a panela de vaca, mas de novo o presidente me pegou pelo braço e me obrigou a guardar o bloco de notas no bolso.

– Qual é o problema? – perguntei.

– Essa é uma conversa casual, e sobre isso não se deve escrever – ele completou, com a convicção de uma pessoa que sabia o que se pode escrever e o que não pode.

– Mas isso não é verdade? – surpreendi-me.

– E por acaso toda verdade pode ser escrita? – ele se surpreendeu.

Ambos ficamos surpresos com a nossa admiração e caímos na risada. O agrônomo fez “hum” zangado.

– Se eu digo ao camponês – o presidente indicou com a cabeça o pedaço de terra de uma casa em frente da qual acabávamos de passar – que metade da safra é dele, ele lavra a terra de um modo completamente diferente e tem uma boa colheita.

Eu já sabia que tais coisas aconteciam em muitos *kolkhozes*, só não tão abertamente.

– O que te impede de falar? – perguntei.

– Isso é uma violação do estatuto – observou com severidade e acrescentou de modo vago: – Às vezes, é raro, permitem alguma coisa além do plano estabelecido.

O aroma denso das folhas de chá cozidas pelo sol entrou nas minhas narinas antes que a plantação se revelasse. As fileiras de arbustos verde-escuros estendiam-se à direita do caminho e derramavam-se até a ourela do bosque. Eles contornavam suavemente a clareira e, por vezes, como que formando um golfo, adentravam nela. No centro da plantação havia um enorme carvalho sob o qual, no calor intenso, deviam descansar as colhedoras.

O silêncio era tão grande que a plantação parecia estar vazia. Mas bem junto ao caminho aparecia e desaparecia o chapéu de abas largas de uma colhedora, em outro lugar um lenço branco, e mais além alguém de vermelho.

– Como vão as coisas, Gogola? – gritou o agrônomo para um chapéu de abas largas.

Ela virou-se para o nosso lado.

– Vinte quilos pela manhã – disse a moça, levantando por um instante o rosto magro e agradável.

– Oh, excelente Gogola! – gritou com alegria o presidente.

O agrônomo começou a resfolegar com gosto.

A moça inclinava-se agilmente sobre os pés de chá. Os dedos das mãos deslizavam leves, com movimentos acariciadores pela superfície da planta. Tsok! Tsok! Tsok! – ouvia-se no silêncio o som contínuo e vivo. Parecia que os tenros brotos pulavam sozinhos na palma da mão da jovem colhedora.

Ela avançava vagarosamente ao longo da fileira, levando apenas uma cesta amarrada na cintura. Os movimentos das mãos iam do arbusto à cesta, do arbusto à cesta. Às vezes, ela se agachava e arrancava uma haste de erva daninha. Nas mãos, ela usava luvas com fendas para os dedos, semelhantes àquelas que as motoristas de ônibus usam no inverno em Moscou.

Calor, mormaço, o trabalho persistente e silencioso das colhedoras quase invisíveis. O aspecto das plantações de chá reanimou o presidente.

– Excelente, Gogola, excelente! – cantarolou ele com satisfação.

Ao redor, fungando de vez em quando, andava o agrônomo.

– Ora, então escreva sobre a Gogola, eu te conto tudo – falou o presidente – No verão ela colheu mil e oitocentos quilogramas, quase duas toneladas de chá.

Mas naquele momento eu não tinha vontade de anotar nada, já que a minha tarefa era completamente diferente.

– Uma outra vez – eu disse – Este *kolkhoz* está com você há muito tempo?

– Nem diga, meu caro, colocaram conosco esses miseráveis – disse ele com aversão e acrescentando: – É claro que foi uma boa medida, mas não para o nosso *kolkhoz*: eles têm plantação de tabaco e nós, chá. Eu prefiro criar dez capriuros, a mexer com essa gente.

– Excelente, Gogola, excelente – cantarolava ele, tentando recuperar o bom humor, mas, ao que parece, inutilmente – Verdadeiros miseráveis! – cuspiu ele com repugnância e calou-se.

Nós nos aproximamos da fazenda. Ao lado de um grande estábulo vazio ficava o aprisco de verão. Adjacente a ele havia um outro menor, onde estava o capriuro.

Aproximamo-nos do aprisco. Comecei a olhar com curiosidade o famoso animal. O capriuro estava sob um toldo fino de lona. Depois de olhar para nós, ele parou de ruminar e fixou seus olhos rosados sem pestanejar. Em seguida, ele se levantou e se espreguiçou, projetando o peito forte. Era realmente um animal bastante grande, com chifres excessivamente pesados que, pela forma, lembravam bem os bigodes dos cossacos.

– Ele se sente bem, só não gosta das nossas cabras – disse o presidente.

– Como não gosta?

– Não sei para se acasalar – explicou o presidente – o nosso clima é úmido. Ele está acostumado às montanhas.

– E vocês o alimentam com pepinos? – perguntei e me assustei lembrando de que sobre os pepinos ele havia falado em abkhaziano.

Mas, graças a Deus, o presidente não percebeu nada.

– Que isso? – ele falou – nós damos a ele uma ração completa. Pepinos, isso seria uma iniciativa local.

O presidente colocou a mão no cercado e chamou o capriuro. O animal, então, cravou os olhos na mão dele e ficou imóvel como uma escultura.

O motorista levou o carro para mais perto e saiu de dentro dele com os bolsos cheios. O agrônomo se deixou cair ao pé da cerca e cochilou ali mesmo, à sua sombra curta. O presidente pegou um pepino de Valiko e estendeu a mão sobre a cerca. O capriuro animou-se e cravou os olhos no pepino, depois, devagar foi em direção ao alimento. Quando ele chegou bem junto da cerca, o presidente levantou a mão de modo que o capriuro não conseguisse alcançar o pepino pelo lado de dentro. Ele se ergueu um pouco nas patas traseiras e, apoiando-se com as patas dianteiras na cerca, esticou o pescoço, mas o presidente levantou o pepino ainda mais. O capriuro, então, com um leve impulso animal, saltou por cima da cerca e por pouco não caiu na cabeça do agrônomo. Este entreabriu levemente os olhos e de novo adormeceu.

– Que salto extraordinário – disse com ar solene o presidente e deu o pepino ao capriuro.

Ele se pôs a mastigá-lo, arreganhando os seus grandes incisivos amarelos. Comia com a mesma impaciência nervosa com que um gato se atira a um frasquinho de valeriana.

– Agora vá para o lado de dentro – disse o presidente ao motorista.

Valiko, resmungando, transpôs a cerca. Do seu bolso caíam os pepinos. O capriuro atirou-se na direção dele, mas o presidente afugentou-o e levantou os pepinos. O motorista, do outro lado da cerca, chamou o capriuro com um pepino. O presidente deu-me um e deu uma mordida em outro, depois de esfregá-lo um pouco na manga da camisa.

– Todo o nosso gado está nos prados alpinos – disse o presidente, estalando os lábios com o pepino, – para ele deixaram dez das melhores cabras, mas até agora não deu certo.

O capriuro novamente apoiou as patas dianteiras na cerca e, sem conseguir alcançar o pepino, deu um salto ainda mais esplendido e a transpôs. O motorista levantou o pepino sobre a cabeça. O capriuro parou diante dele, ficou olhando para o alimento com seus olhos selvagens e rosados, depois saltou e, arrancando-o da mão do motorista, desabou sobre a terra.

– Por pouco não arrancou-me os dedos – disse o motorista e, sacando do bolso mais um pepino, deu-lhe uma mordida.

Naquele momento, todos nós comíamos, exceto o agrônomo. Ele ainda dormia encostado na cerca.

– Ei! – gritou o presidente – pode acordar – e atirou-lhe um pepino.

O agrônomo abriu os olhos e pegou-o. Preguiçosamente esfregou-o na sua túnica de linho, mas nem chegou a levá-lo à boca, por alguma razão reconsiderou a idéia de comer e meteu o pepino no bolso da túnica. E de novo pôs-se a dormir.

Uma menina e um menino de uns oito anos aproximaram-se do capriuro. A menina segurava, como se fosse uma criancinha, uma espiga de milho grande e tenra, de casca verde, com o cabelo ainda não seco.

– Agora o capriuro vai brigar – disse o menino.

– Vamos para casa – disse a menina.

– Vamos ver como ele vai brigar e depois vamos – disse ele ponderadamente.

– Experimenta deixar as cabras entrarem – disse o presidente.

O motorista cruzou a cerca e abrindo a portinhola de vime entrou no cercado grande. Somente neste momento, percebi que num canto do aprisco as cabras dormiam amontoadas.

– Kheit, kheit! – gritou-lhes Valiko e começou a tocá-las do seu lugar.

De mal grado as cabras levantaram-se. O capriuro levantou a cabeça inquietamente e pôs-se a reconhecer pelo cheiro o que se passava ali.

– Ele entende – disse o presidente com admiração.

– Kheit, kheit! – Valiko enxotava as cabras, mas elas começaram a correr dele por todo o cercado. Ele se esforçava para levá-las para a portinhola aberta, mas elas só passavam correndo em frente a ela.

– Elas têm medo – disse alegre o presidente. O capriuro ficou imóvel e, sem desviar, olhava fixamente para o lado do grande cercado, de pescoço esticado, farejando o ar.

De tempos em tempos, o seu lábio superior estremecia e, então, parecia que ele mostrava os dentes.

– Ele as *odea*⁷¹ – disse o presidente quase com entusiasmo.

– Vamos – disse a menina – eu tenho medo.

– Não tenha medo – disse o menino – agora ele vai brigar.

⁷¹ Solução adotada para traduzir a palavra *нзнавидит*, para acentuar o sotaque dos caucasianos quando falam em russo.

– Eu tenho medo, ele é selvagem – disse a menina sensatamente e apertou a espiga de milho ao peito.

– Ele sozinho é mais forte do que todas elas – disse o menino

De repente, o agrônomo riu baixinho e sacou o pepino do bolso. Ele o partiu ao meio e estendeu às crianças. A menina não saiu do lugar, somente apertou com mais força a sua espiga de milho ao peito. O menino, muito desconfiado, aproximou-se de lado e pegou os dois pedaços.

– Vamos – disse a menina e olhou para a espiga – a boneca também está com medo.

Aparentemente ela o lembrava de uma brincadeira anterior para distraí-lo da nova.

– Isso não é uma boneca, é uma espiga de milho – disse apressadamente o menino, destruindo as regras da outra brincadeira em nome da nova. Ele estalou o pepino nos lábios. Ela recusou a sua metade.

Finalmente, o motorista, rogando pragas, fez as cabras entrarem no aprisco e fechou a portinhola. O capriuro precipitou-se com raiva contra elas. As cabras espalharam-se pelo cercado. O capriuro alcançou uma delas e derrubou-a com um golpe dos chifres. Ela deu uma cambalhota de cabeça, soltou um grasnado, deu um salto e escapou. As cabras corriam ao longo da cerca, ora dispersando-se, ora amontoando-se. O capriuro as perseguia, espalhando-as com golpes de chifre por todo lado. As cabras corriam, trotando e levantando poeira, mas o capriuro subitamente e de maneira brusca freava, durante algum tempo as observava com seus olhos rosados, e depois se atirava sobre elas, escolhendo um canto para o ataque.

– Ele as *odea*! – exclamou novamente o presidente, entusiasmado.

– Ofereça-lhe a czarina Tamara⁷²! – gritou o motorista. Ele estava no centro do aprisco entre os turbilhões de poeira, como um matador na arena.

– Uma iniciativa boa, mas não para o nosso clima! – exclamou o presidente, tentando gritar mais alto que o tropel e as vozes das cabras que baliavam.

O capriuro ficava cada vez mais furioso, as cabras atiravam-se de um lado para o outro, ora agrupando-se, ora dispersando-se. Finalmente, uma delas saltou a cerca e caiu no cercado maior. Nesse momento, as outras imediatamente atiraram-se atrás

⁷² Tamara I foi rainha da Geórgia por direito próprio de 1184 a 1213. Também podemos lembrar a Tamara heroína do poema *O Demônio* (1838), de Mikhail Iúrievitch Lérmontov.

dela, mas o medo as impedira de calcular bem o salto, elas caíram de volta e de novo puseram-se a correr em círculo.

– Chega! – gritou em abkhaziano o presidente – Senão esse miserável vai acabar estropiando as nossas cabras.

– Eu queria comê-lo nas exéquias de quem teve essa idéia! – gritou o motorista em abkhaziano e com um pontapé abriu a portinhola do cercado.

Imediatamente, as cabras precipitaram-se para lá e aglomeraram-se na passagem estreita, balindo de medo e subindo umas nas outras. Várias vezes, tomando impulso, o capriuro atacou o rebanho entalado que tentava sair, empurrando-as com golpes de chifre para o cercado maior.

Com dificuldade o motorista enxotou-o. O capriuro não conseguiu acalmar-se por um longo tempo e corria pelo cercado como um leão furioso.

– Então, agora vamos – disse a menina ao garoto.

– Ele sozinho venceu todas elas – explicou-lhe o menino, e eles se puseram a caminho, pisando silenciosamente no chão, os pés empoeirados e tostados pelo sol.

– Ele *odea* – repetiu o presidente, como que se extasiado com a obstinação persistente do capriuro.

Nós entramos no carro e retornamos à administração do *kolkhoz*. Paramos à sombra da nogueira. O agrônomo ficou dentro do carro, e nós saímos. Os velhos permaneciam sentados no mesmo lugar.

Vakhtang Botchua, radiante num traje branco como a neve e com o rosto bondoso e rosado, estava ao lado de um *gazik* novinho.

Ao ver-me, veio ao meu encontro, abrindo os braços de modo histriônico, como se estivesse se preparando para me abraçar.

– O filho pródigo voltou. À sombra da nogueira centenária, Vakhtang Botchua o recebe e os anciões do povoado Orekhovyi Kliutch que o acompanham – exclamou ele – Beije a ponta do cafetã, canalha! – acrescentou, radiante de uma ensolarada alegria de viver. Ao seu lado, havia um rapaz que olhava para ele com admiração.

Subitamente, lembrei-me de que ele poderia pôr-se a falar comigo em abkhaziano e, pegando-o pelo braço, levei-o para um canto.

– Que história é essa, meu amigo, intrigas? – perguntou ele, ardendo de curiosidade.

– Finja que eu não lembro como se fala abkhaziano – eu disse baixinho – acabou chegando nisso...

– Entendido – disse Vakhtang – você veio investigar as misteriosas intrigas contra o capriuro. Mas fique sabendo que depois da minha conferência no povoado Orekhovyi Kliutch, uma capriurização completa está garantida – ele se exaltava, como sempre – A propósito, essa expressão: capriurização, não é ruim. Nem pense em usá-la antes de mim.

– Não se preocupe – eu disse – apenas fique quieto.

– Vakhtang sabe ficar calado, mesmo que isso lhe custe caro – assegurou-me e aproximamo-nos do presidente.

– Eu espero que a minha conferência desperte as forças criativas do seu *kolkhoz*, ainda que não consiga despertar o seu agrônomo – dirigiu-se Vakhtang ao presidente, piscando para mim e gargalhando.

– Claro, é uma iniciativa interessante, camarada Vakhtang – disse respeitosamente o presidente.

– É o que eu tenho intenção de provar – disse Vakhtang.

– O que você tem a ver com isso? Você é um historiador – disse eu.

– Exatamente – exclamou Vakhtang – eu estudo o problema no seu recorte histórico.

– Não compreendo.

– Por favor – ele fez um gesto largo – o que foi o uro da montanha no decorrer dos séculos? Ele foi vítima dos caçadores feudais e dos jovens fidalgos. Eles o exterminavam, mas o animal orgulhosamente não se submetia e fugia para os cumes cada vez mais altos e inacessíveis do Cáucaso, ainda que o seu coração permaneça nos nossos vales férteis.

– Cale essa boca! – eu disse.

– Eu continuo – Vakhtang deu palmadas na barriga e, deleitando-se com a própria fantasia inesgotável, prosseguiu: – E o que era a nossa humilde e apagada cabra abkhaziana? Ela foi a mãe nutridora do campesinato mais pobre.

Os dois velhos escutavam Vakhtang com respeito, embora estivesse claro que não entendiam nada. Aquele que estava com o cajado, esquecera até do buraco que fazia e escutava-o com ar de importância, com uma orelha levemente dobrada pela mão para que a fala fluísse comodamente para dentro da sua concha.

– É de deixar louco, o modo como ele fala – disse o velho do bastão.

– Deve ser um daqueles que falam no rádio – disse o outro velho.

– ... Mas ela, a nossa humilde cabra – continuava Vakhtang – sonhava com uma sorte melhor. Falemos de maneira direta: ela sonhava encontrar-se com o uro... E eis que com os esforços dos artesãos do nosso povo (e em talentos a nossa terra é rica), o uro da montanha encontra-se com a nossa humilde, prendada e, ao mesmo tempo, encantadora na sua simplicidade, cabra da Abkházia.

Eu tapei os ouvidos.

– Pelo visto, lembraram-lhe de algo desagradável, olha só como tapou os ouvidos – disse o velho do bastão.

– Parece que ele o repreende por não conseguir curar o capriuro – acrescentou o velho do cajado. – Eu matava as centenas esses capriuros da montanha, mas agora repreendem por causa de um só...

– Eles também devem ter as suas diferenças – concluiu o outro velho.

– ... É aos íntimos pormenores desse encontro que a minha conferência está dedicada – concluiu Vakhtang, depois retirou um lenço do bolso e secou o rosto úmido de suor.

Enquanto isso, alguns rapazes desgrehados, do tipo da cidade, aproximaram-se do presidente. Eram operários que traziam eletricidade para o povoado. Eles entraram numa longa e infinita discussão com o presidente. Acontecia que alguns tipos de trabalho não estavam incluídos no orçamento e eles se recusavam a trabalhar até que isso fosse revisto. O presidente tentou mostrar-lhes que não era necessário abandonar o trabalho.

Era impossível não se admirar com a maestria com que ele conduzia a discussão. A conversa dava-se em três línguas, com a particularidade de que, com o mais implicante, ele falava em russo, na língua da lei. Um quieto *kakhetin*⁷³, que quase não falava nada, o presidente imediatamente isolou-o dos demais e em parte falava como se o outro estivesse do seu lado.

Às vezes, ele se virava na nossa direção, talvez como uma maneira de nos invocar como testemunhas. Em todo o caso, Vakhtang assentia sério com a cabeça e sussurrava algo como: sem dúvida, vocês se exaltaram um pouco, meus amigos, eu levarei isso ao ministério...

– Você já deu muitas conferências? – perguntei a Vakhtang.

⁷³Habitante da região da Kakhetia, província localizada na Geórgia Oriental.

– Chovem pedidos. Oitenta conferências nos dois últimos meses; dessas, dez foram beneficentes e as restantes, pagas – informou ele.

– Então, o que é que as pessoas falam sobre isso?

– O povo escuta, o povo toma consciência – disse Vakhtang nebulosamente.

– E o que você pensa sobre isso?

– Pessoalmente me desperta o interesse a lã do capriuro.

– Sem brincadeira?

– O capriuro precisa ser tosquiado – disse seriamente Vakhtang e, súbito, alegrou-se e acrescentou: – Isso é exatamente o que pretendo fazer.

– Então está bem – interrompi-o – eu preciso ir.

– Não seja tonto, fique – disse Vakhtang a meia voz, – depois da palestra haverá uma recepção. Eles abaterão para mim o último capriuro...

– Por que é que eles gostam tanto de você? – perguntei.

– Eu prometi ao presidente arranjar fertilizantes – disse Vakhtang seriamente – e eu realmente farei isso.

– Que você tem com isso?

– Meu filho – Vakhtang sorriu com um ar protetor, – na natureza tudo está ligado. Andrei Chálvovitch tem um sobrinho que ingressa no Instituto este ano, e este seu humilde criado é membro da comissão de admissão. O que impede ao presidente do *Raiispolkoma*⁷⁴ de ajudar a um bom presidente do *kolkhoz*? O que me impede de prestar atenção a um jovem candidato? Tudo isso sem nenhum interesse, apenas para ajudar as pessoas.

O presidente persuadiu os rapazes a continuar o trabalho. Prometeu-lhes chamar imediatamente, por telegrama, um engenheiro da cidade para apurar a verdade.

Eles saíram abatidos e a passos lentos, pelo visto, não muito satisfeitos com a meia vitória. O presidente também começou a se apressar. Eu me despedi de todos. Os velhos fizeram movimentos respeitosos, como que se levantando para me acompanhar.

– O ônibus já passou, mas o meu motorista o levará até a estrada – disse o presidente.

– O meu também não se recusaria – intercalou Vakhtang.

O presidente chamou o seu motorista. Nós entramos no carro.

⁷⁴ Comitê Executivo Regional

– Eu temo que ele escreva alguma asneira contra nós – disse o presidente a Vakhtang, em abkhaziano.

– Não se preocupe – respondeu Vakhtang – eu já lhe dei instruções sobre o que escrever e como escrever.

– Obrigado, caro Vakhtang – disse o presidente e acrescentou, dirigindo-se ao motorista: – Lá na estrada entre em algum lugar e embebede-o como se deve. Eu sei que esses jornalistas não passam sem isso.

– Está bem – respondeu em abkhaziano o motorista. Vakhtang rompeu em gargalhadas.

– Você não aprova, camarada Vakhtang? – inquietou-se o presidente.

– Aprovo tudo, meu amigo – exclamou Vakhtang, abraçando o presidente e, voltando-se, gritou para mim em meio ao barulho do motor: – Diga ao meu amigo Avtandil Avtandílovitch que a propaganda do capriuro está em boas mãos.

O carro começou a levantar poeira pelo caminho. O sol se punha, mas o calor não diminuía.

“Alguma asneira contra nós...” – eu recordava as palavras do presidente. Então, queria dizer que eu poderia escrever a favor ou contra, mas em ambos os casos para ele não há dúvidas de que seriam asneiras. Depois, com amargor eu me convenci que muitas vezes, ele, de modo geral, não estava muito longe da verdade.

A propósito, acerca da perseguição ao capriuro, o motorista me informou um detalhe curioso. Uma vez, o animal fugira para uma plantação, onde se empanturrara de folhas de chá e ficou louco por um tempo, como havia dito Valiko. Ele realmente ficou correndo por todo o povoado com os cachorros perseguindo-o. As pessoas, inclusive, queriam matá-lo a tiros, pois pensavam que ele estivesse raivoso, mas depois, pouco a pouco, ele se acalmou.

O carro meteu-se na estrada e parou perto de um bar pintado de azul. “Vejam como você vai me atrair para lá” – pensei e resolvi defender estoicamente a minha reputação.

Valiko olhou para mim com seu olhar azul de sedutor e disse:

– Que acha de comermos alguma coisa?

– Obrigado, almoçarei na cidade.

– Até lá há muito chão pela frente.

– Eu irei assim mesmo – objetei, tentando ser o mais polido possível. Algo me agradava naquele rapaz de olhos azuis de vários tons.

– Não vou ficar sem comer – disse ele e abriu a porta. – Vamos comer, cada um paga a sua conta, à maneira russa.

De que eu tenho medo, pensei, tenho uma vantagem sobre isso, a de saber que ele tentará me embebedar, mas ele não sabe que eu sei disso.

– Está bem – eu disse – comeremos bem rápido e eu vou embora.

– Claro, só um pouco de salada e *lobio*⁷⁵.

Valiko fechou o carro e nós entramos no bar.

O local estava quase vazio. Só havia um grupo de pessoas sentadas num canto, que se apertavam ao redor de duas mesas juntas. Percebia-se que eles já haviam bebido muito porque se via meia dezena de garrafas no chão, como cartuchos descarregados. Em meio aos convivas, havia uma mulher loira do tipo do Norte. Ela usava um *sarafán*⁷⁶ com decote largo e a cada instante olhava para o seu bronzeado. Parecia que ele a ajudava a se auto afirmar.

Valiko ocupou uma mesinha no canto oposto. Isso me agradou. Duas garçonetes, conversando baixinho, estavam sentadas numa mesa próxima à janela.

Valiko, circundando cuidadosamente as mesas, aproximou-se delas. Compreendi que ele procurava não ser percebido pelo grupo. Ao vê-lo, elas sorriram amavelmente e a mais jovem, em especial, mostrava-se afetuosa. Valiko cumprimentou-as e começou a falar algo, inclinando-se para a mais jovem. Ela escutava-o sem parar de sorrir e pouco a pouco o seu rosto se animava.

“Que isso, que loucura” – parecia dizer ela, procurando afastá-lo delicadamente com as mãos e ouvindo-o com prazer.

Esse tipo, pensava eu, sempre tem o que falar a uma garçonete. Depois, pela expressão dela, compreendi que ele começara a fazer o pedido. Fiquei inquieto. Ela olhou na minha direção e eu gritei bruscamente:

– Nem pense em pedir vinho!

– Como é possível! – disse Valiko, virando-se e abrindo os braços.

O grupo dirigiu sua atenção para nós e alguém gritou de lá:

– Valiko, venha até aqui!

– Não posso, de jeito nenhum, meu caro – disse Valiko e levou a mão ao coração.

⁷⁵ Prato típico da região da Geórgia preparado com feijão e pimenta.

⁷⁶ Vestido tradicional russo.

– Só um minuto, sim?

– Peço desculpas diante de todo o grupo e diante da bela mulher, mas não posso – disse Valiko, que retrocedeu respeitosamente e aproximou-se da nossa mesa.

Depois de alguns minutos, surgiu na mesa um prato enorme com cebola fresca e rabanetes de cor bem viva, que sob a cebolinha picada pareciam pequenas feras vermelhas. Junto às verduras, a garçonete pôs duas porções de *lobio* e um pão.

– Não esqueça a *borjon*⁷⁷, Lidotchka – disse Valiko e tranquilizei-me definitivamente. Senti com intensidade a fome do dia inteiro. Nós nos apoderamos do *lobio* frio e incrivelmente apimentado.

Começamos a trincar nos dentes o rabanete e as cebolas. Todas as vezes que eu cortava a haste oval da cebola, ela, como que resistindo, borrifava um filete do seu suco picante e cheiroso.

Súbito, a garçonete aproximou-se e colocou na mesa uma garrafa de vinho e outra de *borjon*.

– Eu não quero, obrigado – eu disse decididamente e coloquei a garrafa de vinho de volta na bandeja.

– Deus me livre – murmurou Valiko e olhou para mim com seus olhos claros e já, então, assustados.

– Qual é o problema? – perguntei.

– Eles ofereceram – disse a garçonete e apontou com os olhos na direção do grupo.

Nós olhamos para lá e nossos olhos encontraram o rapaz que cumprimentara Valiko. Ele olhava em nossa direção com orgulho e bondade. Valiko agradeceu-o com um aceno de cabeça em sinal de censura. O rapaz com orgulho e modéstia baixou os olhos. A garçonete afastou-se com a bandeja vazia.

– Eu não tenho a intenção de beber – eu disse.

– Você não é obrigado a beber, deixe aí – respondeu Valiko.

Pusemo-nos a comer. Eu sentia que a garrafa de vinho atrapalhava de algum modo.

Valiko pegou a garrafa de *borjon* e perguntou com docilidade:

– *Borjon* eu posso servir?

– *Borjon* pode – eu disse, sentindo-me um pedante.

⁷⁷ Marca de água mineral

Depois de beber um copo de água, de novo pusemo-nos a comer o *lobio*.

– Muito picante! – observou Valiko, aspirando ruidosamente.

– É – concordei. O *lobio* de fato estava quente como fogo.

– É interessante, por que não gostam tanto de pimenta na Rússia? – observou abstratamente Valiko, puxou a garrafa de vinho e acrescentou: – É possível que dependa do clima?

– É possível – eu disse e olhei para ele.

– Você não é obrigado a beber, deixe aí – disse Valiko e encheu os copos de vinho.

Um odor perfumado e suave subiu dos copos. Era o vinho *Isabella*, espesso e de um vermelho carregado, como suco de romã. Valiko secou as mãos num guardanapo e, terminando de mastigar um rabanete, lentamente puxou um copo para si.

– Você não é obrigado a beber, apenas prove – disse ele e olhou para mim com seus olhos azuis claros.

– Não quero – eu disse, sentindo-me o último dos idiotas.

– Que eu desenterre os velhos ossos do meu pai e jogue aos cachorros sujos e asquerosos, se você não levantar o copo – gritou ele e calou-se de repente. Os seus enormes olhos azuis congelaram ante o terror de um sacrilégio sem precedentes. Fiquei bestificado devido ao caráter repentino da explosão do juramento tribal.

– Os velhos ossos do pai para os cães imundos! – ele recordou resumidamente e, de maneira resignada, inclinou-se sobre a mesa. Eu comecei a ficar com medo.

Não é nada, pensei, dessa única garrafa nós não ficaremos embriagados. Além do mais, tenho uma vantagem: eu sabia que ele queria me deixar bêbado, mas ele não sabia que eu sabia.

Bebemos até o último copo. Eu sentia que me controlava bem e não seria possível enganar-me e, além do mais, na realidade Valiko era um ótimo rapaz e tudo transcorria como necessário.

A garçonete se aproximou com dois *chachliks*⁷⁸ no espeto.

– Leve a eles uma garrafa de vinho e uma barra de chocolate para a mulher em nosso nome – disse Valiko, com a lentidão de um gastrônomo local soltando do espeto a carne ainda sibilante no ferro.

⁷⁸Tipo de churrasco de origem caucasiana, muito popular no Leste Europeu. A preparação desse prato consiste em pedaços de cordeiro marinados num preparado ácido com vinho, suco de frutas e ervas. É servido acompanhado de legumes.

“É um costume fraterno” – pensei e disse subitamente:

– Leve duas garrafas e duas barras...

– O convidado disse: duas garrafas – confirmou solenemente Valiko e ela se afastou.

Após alguns minutos, o rapaz da outra mesa balançou a cabeça com censura, e Valiko com orgulho e modéstia baixou os olhos. E, em seguida, ele nos mandou duas garrafas de vinho e Valiko balançou a cabeça em sinal de censura e inclusive ameaçou-o com o dedo, no que o rapaz com ainda mais modéstia e orgulho baixou a cabeça.

Depois, nós nos levantamos algumas vezes e com ar de importância bebíamos pelos nossos novos amigos, pelos seus velhos pais, pela linda representante de um grande povo. Os raios do sol poente que entravam batiam nas costas da moça e iluminavam os seus cabelos e, ao encontro deles, fluía uma torrente de elogios que envolviam seu rosto, pescoço e, especialmente, os ombros descobertos.

– Bebamos pelo capriuro – propôs com certa confidencialidade Valiko, depois que os nossos brindes coletivos se calaram.

– Bebamos – eu disse. E nós bebemos.

– A propósito, uma boa iniciativa – disse Valiko e nos seus lábios surgiu um meio sorriso enigmático cujo sentido eu não entendi imediatamente.

– Deus queira que dê certo – disse eu.

– Dizem que nas outras regiões já começa – O meio sorriso enigmático não saía dos seus lábios.

– Pouco a pouco começam – disse eu.

– Tem uma importância muito grande – observou Valiko. E naquele momento, os seus olhos iluminaram-se com um enigmático brilho azul.

– Tem – confirmei.

– É interessante. O que dizem os inimigos do capriuro? – ele perguntou inesperadamente.

– Por enquanto parece que estão calados – disse eu.

– Por-en-quan-to – arrastou as palavras de modo significativo. – O capriuro não é uma coisa fácil – acrescentou, depois de pensar um pouco.

– No início, nem tudo é fácil – disse eu, tentando perceber aonde ele queria chegar.

– Em outro sentido – observou ele e, súbito, cravando em mim a chama azul dos seus olhos, acrescentou rapidamente: – Pelos chifres nós beberemos a parte?

– Bebamos – eu disse.

E nós bebemos.

Por algum motivo Valiko se entristeceu e pôs-se a comer o *chachlik*.

– Eu tenho uma filha de três anos – disse ele, erguendo os olhos tristes para mim.

– É uma idade maravilhosa – apoiei, como pude, o tema familiar.

– Ela entende tudo, embora seja só uma menininha – ele respondeu quase ressentido.

– Isso é muito raro, – eu disse – você simplesmente teve sorte, Valiko.

– É – concordou ele. – Eu faço tudo por ela. Mas não pense que me queixo. Eu faço isso com prazer – acrescentou ele.

– Entendo – respondi, apesar de já não entender mais nada.

– Não entende – adivinhou Valiko.

– Por quê? – perguntei e de repente percebi que os olhos azuis claros de Valiko haviam-se vitrificado.

– Que eu cozinhe essa criança inocente no caldeirão para fazer *mamalyga*...

– Que isso! – gritei eu.

– Que eu cozinhe no caldeirão para fazer *mamalyga* – ele prosseguiu sem piedade – e coma a carne da criança com as minhas próprias mãos se você não me disser para que servem os capriuros, apesar de eu já o saber! – ele pronunciou com a paixão aterrorizante de um procurador da verdade há muito em silêncio.

– Para que ele serve? A carne, a lã – balbuciei.

– Histórias! Estão tirando o átomo dos chifres. – Valiko disse seguro.

– O átomo!

– Sei exatamente que eles estão tirando o átomo, mas como, por enquanto ainda não sei – disse ele com convicção. Nesse momento, de novo nos seus lábios pairou aquele meio sorriso enigmático de uma pessoa que sabe mais do que diz.

Olhei dentro dos seus bondosos olhos azuis que nada compreendiam e percebi que não seria capaz de persuadi-lo.

– Juro pelas cinzas do meu avô que eu não sei nada sobre isso! – gritei.

– Quer dizer que também não disseram a vocês – surpreendeu-se Valiko, mas não com aquilo que também não contavam a nós, mas com um enigma que parecia ainda mais profundo do que ele esperava.

Sáímos do bar. Escurecera, a noite estava cálida e estrelada. O firmamento oscilava e ora se aproximava, ora se afastava, mas, inclusive, quando se afastava ele ficava muito mais próximo do que o habitual. Grandes estrelas desconhecidas ascendiam-se e tremeluziam. Pensamentos estranhos e desconhecidos ascendiam-se e tremeluziam na minha cabeça. Pensei que, talvez, nós mesmos nos aproximáramos do céu depois daquela bebedeira de amigos. Uma constelação brilhava obstinadamente sobre a minha cabeça. E de repente comecei a sentir que aqueles pontos luminosos lembravam algo familiar. A cabeça do capriuro, pensei com alegria, só que um olho era minúsculo, meio cego, e o outro grande piscava o tempo todo.

– A constelação do capriuro – disse eu.

– Onde? – perguntou Valiko.

– Ali – envolvendo-o com um braço, mostrei a constelação.

– Então já trocaram o nome? – perguntou Valiko, olhando para o céu.

– Sim – confirmei, continuando a olhar para o céu. Aquela era a cabeça verdadeira do capriuro, ele piscava um olho só o tempo todo, e de jeito nenhum eu conseguia entender o que significava aquele piscar.

– Desculpe-me, se eu fiz alguma coisa – disse Valiko.

– Desculpe-me você – disse eu.

– Se quiser ver como o capriuro dorme, venha – disse Valiko.

– Não, tenho uma tarefa urgente.

– Se você me desculpar, vou embora – ele disse – porque ainda dá tempo de chegar ao cinema.

Nós nos abraçamos como irmãos unidos pelo capriuro. Valiko entrou no carro.

– Não vá para lugar nenhum, espere o ônibus para Zugdidskii. – disse ele.

Por algum motivo eu tinha a esperança de que o motor não pegasse imediatamente. Mas ele conseguiu fazer o carro pegar e gritou para mim ainda mais uma vez:

– Não pegue outro ônibus, espere o Zugdidskii!

Eu ainda ouvi o barulho do motor na escuridão durante alguns minutos, mas depois cessou. Estrelas, solidão e uma cálida noite de verão.

Do outro lado da estrada, via-se um parque escuro, além dele estava o mar, de onde chegava o barulho da ressaca, abafado pela vegetação.

Fiquei com vontade de ir até lá. Levantei-me, atravessei a estrada. Lembrei-me de que precisava esperar o ônibus, mas por alguma razão pareceu-me que poderia esperá-lo junto ao mar.

Segui por uma ruela do parque, ladeada pela silhueta negra dos ciprestes e pelos claros espectros dos eucaliptos. Era possível aspirar o frescor do mar, as folhas dos eucaliptos produziam um murmúrio quase inaudível. Eu olhava para o céu de vez em quando. A constelação do capriuro permanecia solidamente naquele mesmo lugar.

Eu não estava tão bêbado a ponto de não entender nada, mas bêbado o bastante para pensar que entendia tudo.

Havia duas pessoas sentadas num banquinho à beira-mar. Aproximei-me imediatamente. Em silêncio, eles voltaram os seus rostos azulados na minha direção.

– Dê lugar – eu disse ao rapaz e, sem esperar por um convite, sentei-me entre eles.

A moça pôs-se a rir acanhada.

– Não tenham medo – eu disse tranquilamente – eu vou mostrar uma coisa.

– Nós não estamos com medo – disse o rapaz, a meu ver, não muito convincente.

Eu não prestei atenção às suas palavras.

– Olhe para o céu – eu disse para a moça em tom normal. – O que você vê lá?

Ela olhou para o céu, depois para mim, tentando entender se eu estava bêbado ou louco.

– As estrelas – ela disse com um tom exageradamente natural.

– Não, olhe para ali – repliquei pacientemente e, tentando dirigir com mais precisão o olhar dela para a constelação do capriuro, toquei-lhe levemente o ombro.

– Vamos, já vai fechar – lembrou-se o rapaz com ar sombrio, tentando evitar uma catástrofe.

– O que é que vai fechar? – virei-me gentilmente para ele.

Era bom sentir que ele me temia e, ao mesmo tempo, ter consciência de que eu agia o mais corretamente possível.

– A pousada turística – disse ele.

Senti que entre a constelação do capriuro e a pousada turística havia alguma harmonia misteriosa, como uma relação perigosa.

– Interessante, por que você se lembrou da pousada turística? – perguntei ao rapaz, mais severo do que o necessário.

Ele permanecia calado. Olhei para a moça. Ela agasalhava-se por causa do frio com uma blusa de lã atirada nos ombros, como se de mim viesse um frio cósmico.

Olhei para o céu: o focinho do capriuro, contornado por pontinhos brilhantes, balançava-se, ora se aproximando, ora se afastando. O olho maior piscava de vez em quando. Eu entendia que as piscadelas significavam alguma coisa, mas não podia imaginar o que exatamente.

– O capriurismo é o melhor descanso – eu disse.

– Nós podemos ir? – a moça perguntou baixinho.

– Vão – respondi tranquilamente, mas, apesar disso, dando entender que eu ficara decepcionado.

Eles desapareceram rapidamente em algum lugar. Fechei os olhos e comecei a refletir sobre o que significavam as piscadelas do capriuro. O bater constante das ondas salpicavam-me com um frescor gelado e por um minuto encobriam a minha consciência, e depois ela emergia do desvanecimento, como o pedaço de uma rocha da espuma do mar.

Subitamente, abri os olhos e vi diante de mim dois policiais.

– Documentos – disse um deles.

Automaticamente, tirei os documentos do bolso, entreguei a ele e de novo fechei os olhos. Ao abri-los, surpreendi-me pelo fato de eles ainda estarem ali. Pareceu-me que muito tempo se passara.

– É proibido dormir aqui – disse um deles e devolveu-me os documentos.

– Estou esperando o ônibus para Zugdidskii – disse-lhe e fechei de novo os olhos, ou melhor, interrompi o esforço de mantê-los abertos.

Os policiais riram silenciosamente.

– Você sabe que horas são? – disse um deles. Senti uma anomalia desagradável no braço esquerdo, ergui-o e vi que o meu relógio não estava mais lá.

– O relógio! – exclamei e dei um salto – roubaram-me o relógio.

Despertei definitivamente e fiquei sóbrio. Já estava totalmente claro. Da garganta da montanha soprava um vento úmido, a ressaca era forte. Na margem, a nossa frente, um hóspede velho fazia exercícios. Devagar, terrivelmente devagar, ele se acorava nas longas e delgadas pernas com tanta dificuldade que eu me perguntava com inquietude se ele conseguiria se levantar. Mas o velho, descansando um pouco, ergueu-se cambaleando devagar e, estirando os braços, ficou em pé parado, tentando se equilibrar e prestando atenção ao que se passava dentro dele depois do exercício.

Os policiais, assim como eu, também ficaram observando o velho. Naquele momento, eles ficaram mais tranquilos, um deles perguntou:

– Qual relógio, *Pobeda*?

– Um *Doska* – respondi com amargura e ao mesmo tempo orgulhando-me do valor da perda – um relógio suíço.

– O senhor estava com quem? – perguntou o outro policial.

– Sozinho – disse eu, em todo caso.

– Vamos para a delegacia reconstituir o acontecimento – disse o policial que pegara os meus documentos – se for encontrado, nós o avisaremos.

– Vamos – e nos pusemos a caminho.

Fiquei muito desconcertado pela perda do meu relógio, eu estava acostumado com ele como se fosse com um ser vivo. Ganhara-o do meu avô depois de terminar a escola, carreguei-o por tantos anos e uma coisa assim nunca havia acontecido. Ele era à prova d'água, antimagnético, inquebrável, com uma esfera negra e brilhante parecida com um pequeno céu noturno. Às vezes, eu o esquecia no lavabo no alojamento do Instituto, e a moça da limpeza ou um dos colegas me devolvia. Eu tinha certeza de que, além de todas as suas qualidades, ele era imperdível.

– Nos documentos consta o relógio? – um dos policiais perguntou.

– Ele veio como um troféu, o meu avô trouxe da guerra – disse eu.

– Você lembra o número? – ele perguntou de novo.

– Não, eu o reconheceria sem isso, se o visse.

Nós cruzamos diagonalmente o parque e saímos para uma rua silenciosa e desconhecida. Nela, assim como em todo o povoado, havia casas de apenas um piso sobre largas e raquíticas estacas. Moravam naquele povoado somente aqueles que também se ocupavam da construção desse tipo de casa. Depois de construídas, começavam a vender ou trocá-las a torto e a direito mediante um dinheiro a mais, por alguma vantagem que eu não conseguia entender, já que todas elas pareciam umas com as outras, como galinheiros. Além do mais, eles próprios quase não viviam nessas casas, já que durante metade do ano alugavam-nas para veranistas com o objetivo de acumular dinheiro e furiosamente porem-se a construir uma nova casa com estacas ainda mais largas e raquíticas. Nesse lugar, o valor de um homem pode ser determinado pela frase: “Ele constrói uma casa”.

“Ele constrói uma casa”, quer dizer que o homem é honrado, decente e digno.
“Ele constrói uma casa”, quer dizer que o homem tem um ofício fora do emprego, que

deixou raízes, isto é, uma vez que não fugirá para lugar nenhum, por conseguinte, é digno de confiança, e uma vez tendo essa confiança, pode-se convidá-lo para as núpcias, para as exéquias, dar a ele uma filha ou casar-se com a filha dele e, em geral, ter algum negócio com ele.

Falo sobre isso não porque aqui me roubaram o relógio, eu já pensava assim antes. Além do mais, não há algo de interesse pessoal porque a casa é somente um símbolo, não da casa em si, mas do processo da sua construção. E se conviesse, digamos, que de agora em diante o homem digno irá medir-se pela quantidade de pavões criados por ele, todos se lançariam a proliferá-los, trocá-los, a tatear o rabo e vangloriar-se do tamanho dos ovos do pavão. A paixão pela auto-afirmação apropria-se de quaisquer símbolos, os mais imprevistos, contanto que sejam evidentes o bastante e por eles permaneça em evidência a ostentação da energia do trabalho empregado.

A portinhola rangeu e nós entramos no pequeno pátio da polícia, que tinha o gramado verde, visivelmente bem cuidado, espesso, alto e pujante. No centro, havia uma amoreira frondosa, sob a qual confortavelmente estavam dispostos banquinhos e mesinhas, cravados solidamente na terra, para jogar damas ou dominó. Ao longo da sebe, cresciam enfileiradas pequenas macieiras com frutos em abundância. Esse era o patiozinho mais hospitaleiro de toda a polícia que eu já vira um dia. Não era difícil imaginar o chefe da milícia preparando geléia, durante o outono, rodeado de criminosos resignados.

Um caminhozinho bem traçado conduzia ao posto da polícia.

No posto, havia um policial atrás de uma divisória e perto da saída estavam sentados, ao longo de um banco, um rapaz e uma moça. Ela se parecia com a moça do dia anterior, mas não usava a mesma blusa. Olhei-a nos olhos com curiosidade.

Um dos policiais saiu e outro se sentou no banco e disse para mim:

– Escreva a sua queixa.

Ele lançou um olhar para o casal e, depois olhou para o que estava sentado atrás da divisória.

– Andavam sem documentos – explicou aquele, com ar entediado.

A moça se virara e olhava para a porta aberta. De novo, ela me pareceu semelhante à de ontem.

– Onde está a sua blusa? – perguntei-lhe de forma inesperada, sentindo um estremecimento de loucura detetivesca.

– Mas que blusa? – disse ela, lançando-me um olhar arrogante e de novo virou-se para a porta.

O rapaz olhou-me inquieto.

– Desculpe – murmurei – Eu a confundi com alguém que conheço.

Pela voz compreendi que essa não era ela. Tenho uma péssima memória para rostos, mas de vozes eu me lembro bem. Tirei meu bloco de notas do bolso, aproximei-me da divisória e pus-me a pensar em como escrever a minha queixa.

– Nisso não pode – disse o policial que estava sentado e me deu uma folha limpa.

Eu me conformei, acabando por entender que dava no mesmo, pois eles não iriam aproveitar o meu bloco de notas.

– Deixe-nos ir, camarada policial – gemia indistintamente o rapaz – isso não é grande coisa...

– O camarada capitão chegará e vai esclarecer a situação – disse o que estava sentado atrás da divisória, com uma voz claramente pacificadora.

O rapaz ficou calado. Pela janela aberta da delegacia chegava o longínquo arrastar da vassoura do zelador e o gorjeio dos pássaros.

– Quanto tempo é preciso esperar – disse asperamente a moça – nós já estamos aqui há meia hora.

– Não seja grosseira, moça – disse o policial, sem elevar a voz e sem mudar de posição. Ele estava sentado a uma mesinha, apoiando a bochecha na mão, entristecido de sono. – O camarada capitão está fazendo a ronda. Houve um caso de estupro – ele completou depois de pensar um pouco – e vocês andavam sem documentos.

– Não diga besteiras – ela disse severamente.

– É sabida demais, mas não tem modéstia – disse o policial, triste e sem levantar a voz. Ele permaneceu sentado do mesmo jeito, sem mudar de posição, sonolento e desanimado.

Terminei de escrever a minha reclamação e ele indicou com os olhos que eu a deixasse sobre a mesa.

Enquanto isso, atrás da divisória, a porta se abriu e entrou um homem corpulento acariciando o rosto bonito e cheio.

– Mas veja se não é o camarada capitão! – exclamou alegre o policial que estava sentado atrás da divisória e, erguendo-se energicamente, cedeu o lugar.

– Eu nem escutei o barulho do carro – disse a moça com insolência e de novo virou-se para a porta.

– O que aconteceu? – perguntou o capitão, sentando-se e olhando sombriamente para ela.

– Andavam sem documentos – informou com voz sonora o que estava sentado atrás da divisória. Por volta das quatro horas foram encontrados na zona costeira. Ela dizia que não queria acordar a sua patroa e o cavalheiro mora no outro extremo da cidade.

– Camarada capitão... – começou o rapaz.

– Corra para pegar os seus documentos, e ela fica aqui por garantia – disse-lhe o capitão.

– Mas os ônibus ainda não estão rodando – começou o rapaz.

– Isso não é nada, meu jovem, corra – disse o capitão e olhou para mim interrogativamente.

– Essa é a queixa, camarada capitão – apontou para a mesa o que estava sentado atrás da divisória.

O capitão inclinou-se para ver a minha queixa. O policial que me trouxera agora estava em pé, numa postura mais viva, preparado para adicionar o complemento necessário.

– Não fique aflita, volto num piscar de olhos – o rapaz cochichou para a moça e saiu rapidamente.

Ela não respondeu nada.

Das janelas abertas chegava o ruído uniforme e próximo de uma vassoura e o canto exaltado dos pássaros. Os lábios do capitão moveram-se ligeiramente.

– Há algum documento? – perguntou ele, levantando a cabeça.

– Ele foi um troféu – respondi – foi um presente do meu tio.

– E o que o seu tio tem a ver com isso? – o capitão fez uma careta – Mostre os seus documentos.

– Ah – disse eu, e entreguei-lhe os documentos.

– Ele dormia à beira-mar – acrescentou o policial que me trouxera – quando nós o acordamos ele disse que haviam lhe roubado o relógio.

– Que acontecimento interessante – disse o capitão, olhando-me com curiosidade – você escreveu que esperava o ônibus para Zugdisdskii, mas acordaram você à beira-mar. Estava esperando o ônibus no mar?

Os dois policiais riram discretamente.

– O ônibus para Zugdidskii passa às onze da noite, e nós o acordamos às seis da manhã – observou o policial que me trouxera, como que abrindo uma nova faceta na perspicácia do capitão.

– Talvez você estivesse esperando ele fazer o trajeto de volta? – o capitão manifestou essa suposição inesperada. Percebia-se que ele sofria, tentando extrair de mim um sorriso.

– Sim, o trajeto de volta de Zugdidskii – não sei para que eu disse isso, talvez, para acalmar o capitão.

– Nesse caso, é diferente – disse o capitão e, estendendo os meus documentos, perguntou: – Onde você trabalha?

– No jornal *Subtrópicos Vermelhos* – disse eu e estendi a mão para pegá-los.

– Então por que você não ficou num hotel? – o capitão de novo se surpreendeu e mais uma vez abriu os meus documentos – Isso causa uma má impressão – disse o capitão e estalou a língua – O que vou dizer para Avtandil Avtandílovitch...

Senhor, pensei, aqui todos conhecem uns aos outros.

– E para que você tem que lhe dizer alguma coisa? – perguntei. Era só o que faltava, o redator saber da minha perda. Começarão as perguntas e, além do mais, não costumam gostar de azarados.

– Isso causa uma má impressão – disse pensativo o capitão – chegam a nossa cidade, perdem os relógios... O que vai pensar Avtandil Avtandílovitch...

– Sabe – disse eu – me ocorre que eu possa tê-lo deixado em Orekhovyi Kliutch...

– Orekhovyi Kliutch? – animou-se o capitão.

– Sim, estive lá a trabalho, pelos capriuros...

– Sei, uma iniciativa interessante – observou o capitão, ouvindo-me atentamente.

– Acho que deixei o relógio lá.

– Então, agora ligaremos para lá – alegrou-se o capitão e pegou o telefone.

– Não precisa! – gritei eu e dei um passo em direção a ele.

– Ahá – o capitão bateu palmas, e o seu rosto se iluminou com uma hipótese maliciosa – agora entendo tudo, você foi recebido com hospitalidade...

– Sim, sim, com hospitalidade – corroborei.

– A propósito, Vakhtang Botchia estava lá – acrescentou o policial que chegara comigo.

– Você foi recebido com hospitalidade – prosseguia com a sua suposição maliciosa – você deu o relógio para alguém e lhe deram uma cigarreira – ele concluiu alegre e olhou triunfante para mim.

– Que cigarreira? – sem perceber de imediato a jogada do seu pensamento.

– De prata – explicou bondosamente o capitão.

– Não, eu só dei de presente – disse eu.

– Isso não se faz – ele refutou bondosamente – de modo que prometeram dar-lhe alguma coisa. Por que você está em pé? Sente-se – acrescentou ele e tirou do bolso um pacote de *Kazbieka*. – Você fuma?

– Sim – eu disse e peguei um cigarro. O capitão acendeu o meu cigarro e em seguida começou a fumar o dele.

O policial, aquele que estava atrás da divisória, saiu pela porta interna assim que o capitão começou a fumar. O policial que me trouxera estava em pé, apoiado furtivamente no peitoril da janela.

– No ano passado, estive em Svanetii – disse o capitão, soltando em direção ao teto uma baforada de fumaça – O diretor da região recebeu-me, hospitaleiro. Comemos e bebemos, e depois me deram um cervo. Mas para que me dar um cervo? Não aceitar seria uma ofensa mortal. Eu aceitei o presente e da minha parte prometi-lhe duas caixas de cartuchos de balas. Assim que cheguei enviei-lhe as caixas.

– E você trouxe o cervo? – perguntei.

– Claro – disse ele – Ficou uma semana em casa e depois o meu filho o levou para a escola. Nós faremos dele um capriuro, ele me disse. Pois não, eu disse, faça o que quiser, não há onde guardá-lo na cidade.

O capitão deu uma tragada forte. No seu rosto redondo estava escrito bondade e tranquilidade. Fiquei contente por ele ter se esquecido do relógio. Mesmo assim, seria desagradável se o meu redator viesse a saber disso.

– Os *svans*⁷⁹ têm uma mesa farta – continuou a recordar o capitão – mas o *arak*⁸⁰ estraga tudo – Ele olhou para mim e fez uma careta – É uma bebida desagradável, mas é uma questão de costume... – acrescentou conciliador – uma questão de hábito.

⁷⁹ Grupo étnico que habita a província *Svanetia*, na Geórgia.

⁸⁰ Bebida de origem árabe destilada de tâmaras e aromatizada com especiarias.

– Claro – disse eu.

– Mas em Orekhovyi Kliutch, o *Izabella* é como sangue de águia...

“Até que não é mal” – pensei.

O capitão ria silenciosamente e de repente perguntou:

– E aquele agrônomo que está sempre dormindo, você viu?

– Vi, mas por que ele dorme tanto?

– É uma pessoa estranha – o capitão sorriu de novo – ele tem um tipo de doença. Apesar de dormir desse jeito ele é o maior especialista em chá. Nessa região não existe outro como ele.

– Sim, a plantação deles é maravilhosa – eu disse e lembrei-me de Gogola debruçada sobre a folhagem verde e pujante dos arbustos.

– No ano passado aconteceu algo extraordinário no *kolkhoz* deles. A caixa-forte foi roubada.

– A caixa-forte?

– Sim, a caixa-forte – disse o capitão – Eu mesmo fui lá. Roubar, eles conseguiram, mas abri-la não. O agrônomo que sempre dorme, ajudou-nos a encontrá-la. Ele é uma pessoa muito inteligente... Mas, a propósito, o *Izabella* é um vinho traiçoeiro – prosseguia o capitão, sem perder de vista o tema principal. – Você o bebe como se fosse limonada e só depois ele se deixa conhecer.

Ele olhou para mim e depois para a moça e disse-lhe:

– Vá embora, apenas não ande mais tão tarde.

– Vou esperar ele voltar – disse ela e virou-se asperamente para a saída.

– Espere por ele no pátio, os passarinhos estão cantando. – e acrescentou com severidade – Evite sair com qualquer um e agora vá.

A moça saiu sem dizer nada. O capitão fez um sinal em sua direção e disse:

– Ofendem-se pela profilaxia, e depois elas mesmas se valem disso e se lamentam: “Ele me violentou! Ele me roubou!” Quem? Ela não sabe. Onde está registrado⁸¹? Ela não tem nenhuma idéia. E como foi parar na companhia dele? Ela cala. O capitão olhou ofendido para mim.

– Jovem e imatura – disse eu.

– É exatamente esse o ponto – concordou o capitão.

⁸¹ Registro de moradia.

Os pássaros no pátio da delegacia começaram a cantar a toda voz. A vassoura do zelador agora se arrastava no portão.

– Kóstia – o capitão dirigiu-se para o policial – regue a calçada e o quintal enquanto ainda não está quente.

– Está bem, camarada capitão – disse o policial.

– Amanhã você irá ao circo – deteve-o na porta.

– Está bem, camarada capitão – repetiu alegremente e saiu.

– Que circo? – perguntei e naquele momento pensei que fazia uma pergunta sem tato se ela fosse um sinal de inconveniência.

– O circo que chegou – respondeu com simplicidade o capitão, – nós enviamos para a segurança do circo os melhores empregados, para incentivá-los.

– Ah – compreendi.

– Ele é inteligente e trabalha duro. – O capitão indicou a porta e acrescentou: -
– Vinte e três anos e já constrói a própria casa.

– Acho que também vou indo – disse eu.

– Para onde vai com tanta pressa? – deteve-me o capitão e olhou para o relógio – Para o Zugdidskii passar ainda faltam exatamente uma hora e quarenta e três minutos...

Sentei-me novamente.

– Mas você sabe qual é a melhor entrada para servir com o *Izabella*? – Ele olhou para mim com uma astúcia bondosa.

– *Chachlyk* – disse eu.

– Desculpe-me, caro camarada – replicou com prazer o capitão e inclusive saiu de trás da divisória, como que sentindo que eu era um amador e ainda tinha muito que aprender. – O *Izabella* cai bem com *adjika*⁸² e carne cozida. Sobretudo, a parte das costas, que chamam de filé – explicou ele, tocando na nuca. – A coxa também não é má – acrescentou, tardando um pouco, como uma pessoa que, antes de tudo, está preocupada com a legitimidade ou, em todo caso, em não em manifestar uma visão estreita. – E carne com *adjika* dá sede. – disse o capitão e parou diante de mim. – Você pode já não querer beber, mas o organismo tem necessidades! – o capitão alegremente ergueu as mãos com aquele sentido de que não há nada que se possa fazer, uma vez que

⁸² Espécie de pasta picante, comum na Geórgia e na Abkházia, preparada com condimentos da região.

o organismo necessita. De novo ele começou a andar pela sala. – Mas o vinho branco não vai bem com carne – advertiu-me bruscamente e, detendo-se, olhou-me inquieto.

– E com o que o vinho branco vai bem? – perguntei cuidadosamente.

– O vinho branco combina com peixe – disse ele com simplicidade – O chicharro – o capitão levantou o dedo – a cavala, a tainha ou o peixe da montanha, a truta. If, if, if – assobiou de prazer o capitão – E para o peixe, além do molho de ameixa azeda e legumes, não é preciso mais nada! – E, como que olhando com uma careta de aborrecimento os antepastos restantes, com um movimento enérgico das mãos, afastou-os para o lado.

Continuei a conversar com o capitão de plantão por algum tempo, até que, finalmente, ele se afastou o bastante do assunto do meu relógio, então eu me despedi dele e saí. Mas ele me chamou de volta.

– Pegue a sua queixa – disse e me deu o papel. – Não fique inquieto – acrescentou, observando, pelo visto, que voltar a esse tema me era desagradável – um presente dado espontaneamente é um costume nacional entre nós.

Depois dessa pequena consulta jurídica, eu me despedi definitivamente e saí.

O pátio úmido da delegacia resplandecia com o sol ainda não muito quente da manhã. O policial ativo regava com uma mangueira a jovem macieira. Quando um jato de água caía sobre as folhas, ouvia-se um sussurro surdo, e por elas corria um tremor vigoroso, grato e a poeira radiante desprendia-se das folhas molhadas que estremeciam levemente.

A moça estava sentada sob uma amoreira e, olhando para o portão da delegacia, esperava o seu amado.

Na rua, rasguei a queixa e joguei-a no lixo. Mal cheguei a tempo de pegar o ônibus. Durante todo o caminho refleti sobre o meu futuro artigo sobre o capriuro de Orekhovyi Kliutch. Parecia-me que a amarga perda do relógio se inseria nessa matéria com um lirismo secreto, e isso de maneira nenhuma me consolou.

Em casa, resolvi dizer que o relógio me havia sido roubado no hotel. O tio que, como eu pensava, havia muito esquecera sobre o relógio presenteado, recebeu essa novidade com lástima. A propósito, ele conhecia a nossa cidade extensamente, como um

dos melhores taxistas. Depois de dois dias da minha chegada, ele foi a minha casa com os seus clientes e começou a interrogar sobre o que e como aconteceu.

– Eu dividia o quarto com mais uma pessoa, levantei de manhã e nem o homem e o relógio estavam mais lá – disse eu tristemente.

– E como ele era? – perguntou o tio, inflamando-se com um ardor vingativo.

– Quando entrei, ele estava dormindo.

– Seu tonto – disse o tio, – em primeiro lugar, ele não dormia, mas fingia que dormia. Então, e depois?

– Levantei de manhã, nem o homem e o relógio estavam...

– Repito – interrompeu-me com impaciência –, será que não percebeu que aparência ele tinha?

– Ele estava todo coberto – eu disse com firmeza. Tinha medo de dizer-lhe qualquer coisa muita precisa. Temia que com seu caráter decidido ele começasse a me trazer todos os clientes de quem suspeitasse, e ainda por cima direto para a redação.

– Mas está muito calor para se cobrir a cabeça! – gritou o tio – Uma pessoa inteligente já com isso se obrigaria a ficar de guarda. E onde estava o relógio?

– O relógio estava debaixo do travesseiro – disse com firmeza.

– Por quê? – ele fez uma careta – Não era preciso tirá-lo, já que é inquebrável. Eu não o havia tirado e por pouco não lhe disse isso, mas me dei conta a tempo.

– E o que disse a administração? – o tio não se acalmava.

– Eles disseram que era necessário tê-lo guardado no depósito – respondi, lembrando-me de como se procedia nas casas de banho.

Pensei que ele me enrolaria com as suas perguntas se os passageiros não tivessem feito barulho sob as nossas janelas. Primeiro eles se puseram a buzinar, depois começaram a bater na janela.

– No caminho do meu trajeto passarei lá e eles verão o que é bom! – prometeu, de saída para a rua.

Ele ficou tão desgostoso com a perda que primeiramente eu pensei: será que ele não se preparava para tomar de volta o relógio pela expiração de algum prazo? Mas depois percebi que a perda do presente, de modo geral, para quem o presenteou, era como uma manifestação de ingratidão. Quando nos dão alguma coisa, fazem-nos um depósito, como uma poupança, para ganhar uma pequena (assim como na poupança), mas eterna porcentagem de gratidão.

Felizmente, tão logo ele não foi requisitado para fazer aquele trajeto, então, o tio pouco a pouco se tranquilizou. Mas eu me adiantei, é preciso voltar ao dia da minha chegada da viagem de trabalho. Para falar a verdade, eu não tenho vontade de voltar a ele porque não foi muito agradável, mas isso é imprescindível para a clareza da narração.

Às dez horas em ponto (pelo relógio da torre da cidade) entrei na redação. Platon Samsónovitch já estava sentado na sua mesa. Ao ver-me, ele se animou, e a camisa recentemente engomada emitiu um estalido, como se estivesse eletrificada pelo contato do seu corpo ressequido de entusiasta.

Compreendi que ele tivera uma nova idéia porque cada respingo criativo dele era marcado pelo uso de uma camisa mais nova. Se, do ponto de vista da higiene, ele não mudava de camisa com muita frequência, em relação ao desenvolvimento de uma idéia nova, ele ficava num estado contínuo de entusiasmo criativo. E foi isso que se verificou:

– Pode me felicitar – exclamou – tenho uma idéia original.

– Qual? – perguntei.

– Escute – disse ele, sorrindo discretamente – você entenderá tudo imediatamente – Ele se acercou da sua folha de papel e começou a escrever alguma fórmula ao mesmo tempo em que a explicava: – Eu proponho que o capriuro cruze com uma cabra de pêlo longo do Tadjiquistão e, então, nós teremos:

$\text{Cabra} \times \text{Uro} = \text{Capriuro}.$

$\text{Capriuro} \times \text{Cabra (tadjique)} = \text{Capriuro}^2.$

O capriuro ao quadrado perderá um pouco da sua capacidade de pular, mas em compensação ganhará duas vezes mais lã. Não é magnífico? – perguntou e, largando o lápis, olhou para mim com olhos brilhantes.

– E onde você vai pegar uma cabra do Tadjiquistão? – perguntei, tentando reprimir em mim algum sentimento perigoso que irradiasse através dos olhos.

– Vou até o Departamento de Agricultura – disse ele e pôs-se de pé, – nós precisamos apoiar. E então, como foi a viagem?

– Normal – respondi, sentindo que agora ele estava distante de mim e perguntava sem intenção, por pura cortesia.

Ele precipitou-se em direção à porta, mas depois voltou e meteu o papel com a nova fórmula numa gaveta da mesa. Trancou-a de chave, depois puxou para verificar e meteu a chave no bolso.

– Por enquanto não diga nenhuma palavra sobre isso – disse partindo – e você, escreva o artigo, examinaremos ainda hoje.

Na sua voz ressoou a consciente superioridade de um engenheiro que pensa que está acima de um simples executor. Tomei meu lugar na mesa, aproximei um maço de folhas limpas, peguei uma caneta e me preparei para começar. Eu não sabia por onde começar. Peguei o bloco de notas, sem saber para que, pus-me a folheá-lo, ainda que soubesse que ele estava imaculado.

A julgar pelo nosso jornal, parecia que os *kolkhozianos*, à exceção dos mais irresponsáveis, estavam simplesmente ocupados com os capriuros. Mas na aldeia de Orekhovyi Kliutch tudo parecia muito simples. Pensei que atentar diretamente contra o capriuro seria uma ingenuidade e resolvi proceder com o método de Illarion Makssimovitch, isto é, apoiar a idéia por inteiro com alguma ressalva às condições locais. Enquanto refletia em como começar, a porta se abriu e entrou a moça do correio.

– Tem uma carta para você – disse ela e olhou estranhamente para mim.

Peguei a carta e abri. A moça continuava na porta, em pé. Olhei para ela. A contragosto, ela virou-se e vagarosamente fechou a porta.

A carta era de um companheiro do meu antigo trabalho. Ele escrevia que chegara até ele a notícia da nossa interessante iniciativa com os capriuros e o redator me pedia para escrever um artigo, porque mesmo que eu os tivesse deixado, eles continuavam a me considerar como um camarada que eles formaram. O meu camarada citava, ironicamente, as palavras dele. A propósito, a carta era o único tipo de correspondência onde ele se permitia ironizar.

Assim, parecia que primeiro eles me formaram e depois eu fui embora pela minha própria vontade.

Não é preciso dizer que o restante da carta me agradou mais. Ele escrevia que a via, às vezes, em companhia do major. Diziam que ela ia se casar com ele, mesmo que isso não fosse certo, ele acrescentava no final.

Claro, realmente, eu pensei, e pus a carta de lado. Notei que às vezes as pessoas suavizam as notícias desagradáveis não por pena de nós, mas, antes, por pena de si próprias, para não terem de dizer palavras de compaixão, condizentes com a

ocasião, conclamar-nos à severa coragem ou, ainda mais, terem de correr para ir buscar água.

Não vou exagerar. O sangue não me brotou na garganta e aquela velha ferida não se abriu. Ou melhor, senti alguma dor inexpressiva que acomete os reumáticos antes do mau tempo. Decidi adaptar também essa dor ao meu artigo, para que ela me ajudasse do mesmo modo que o meu relógio perdido. Eu tinha a teoria de que qualquer fracasso contribui para o sucesso, é preciso somente utilizá-lo com habilidade. Tenho experiência em matéria de fracassos, assim aprendi a utilizá-los bem.

Só não se pode entender a utilização dos fracassos de modo primitivo. Por exemplo, se o seu relógio foi roubado, isso não quer dizer que a partir de agora você aprenderá a determinar o tempo por um relógio solar. Ou que imediatamente se tornará feliz e concordará com o provérbio que diz que simplesmente não há porque olhar as horas.

Mas o principal ainda não é isso. O principal é que essa fúria que o domina a cada fracasso é justa, mas infrutífera. Essa fúria apresenta-se numa forma pura, como se ela mesma fosse arrancada do fracasso e, enquanto ela se agita no seu sangue, você se adianta a utilizá-la no sentido necessário.

Mas, nessas circunstâncias, não se pode perder-se em detalhes o que, infelizmente, acontece com muitos.

Uma certa pessoa, por exemplo, no estado nobre da fúria decide telefonar de um telefone público, para fazer o ato mais corajoso, mais importante da sua vida. E, de repente, o telefone, sem sequer o haver colocado em comunicação, engole a sua moeda. Ele se debate e, em atrozes convulsões, de repente, puxa a alavanca, como se esse anel fosse o de um paraquedas que ele não conseguisse abrir. Em seguida, ainda mais illogicamente, ele se esforça para enfiar o rosto na cavidade destinada a moeda, aonde seria impossível porque, geralmente, não é maior que uma caixa de fósforos. Então tudo bem, supondo que ele introduzisse a cabeça na cavidade desgraçada, o que ele veria ali? E mesmo que visse a sua moeda, ele a tiraria de lá com a língua?

No fim das contas, esvaziando a própria raiva nesses gestos absurdos, ele sai da cabine telefônica de forma inesperada, possivelmente para sentar-se na cadeira de um engraxate, como se ele não tivesse nenhuma fúria nobre, e só tivesse saído pelo passeio e decidido, ao mesmo tempo, dar um brilho nos seus sapatos, aproveitando também para comprar uns cordões de reserva. E olha ele sentado na cadeira do engraxate e o que é particularmente escandaloso é ele se ocupar infinitamente com esses cordões,

balançando as pontas, comparando o seu comprimento, sentado, alongando levemente os lábios, como que emitindo um assobio silencioso, dando ao seu rosto uma tranquilidade de pescador ao desembaraçar uma rede, ou a tranquilidade de um camponês que se apronta para ir ao moinho e apalpa um velho saco.

Onde está você, fúria nobre?

Imaginemos que outra pessoa, encontrando-se neste estado elevado, inesperadamente, atira-se contra um menininho que acidentalmente acertara-lhe uma bola de neve. De acordo que não houvesse sido acidental, mas que um homem adulto desviaria a sua generosidade do caminho e se pusesse a perseguir um menino, o que além de ser inútil para ele, porque o menino conhece todas as passagens do pátio como o seu próprio estojo de lápis e até melhor, e intencionalmente não se afasta muito rápido porque para ele assim é mais interessante. E o homem que nessa corrida imprevista dissipou toda a sua fúria, subitamente se detém diante de um armazém e vê como um carregador tira grandes tonéis do caminhão, como se exatamente para isso ele tivesse corrido todo o quarteirão. Recobrando o fôlego, ele começa a lhes dar conselhos, ainda que ninguém os ouvisse, e como ninguém o interrompesse, de longe podia-se pensar que os carregadores trabalhavam sob a sua direção e, se ele não conseguisse chegar a tempo, não se sabe que estragos causariam esses carregadores com os seus tonéis. No fim das contas, os tonéis entraram no porão e ele pacificamente foi embora, como se tudo o que ele fizera desde manhã estivesse previsto. Onde está você, fúria nobre?

Enquanto eu pensava nisso, a porta se abriu e, de novo, entrou a moça que entregava as cartas.

– Trouxe papéis para vocês – disse ela e colocou-os numa pilha na mesa de Platon Samsónovitch.

– Está bem – disse eu. Dessa vez fiquei contente com a sua entrada. Ela me trouxe meditações.

– Então, o que você está escrevendo? – perguntou, como que casualmente.

– Solicitaram-me um artigo sobre o capriuro – respondi, como que casualmente

Ela me olhou nos olhos com curiosidade e saiu. Novamente, pus-me a trabalhar no meu artigo. O capriuro estava no centro da matéria e tinha um ar magnífico. A aldeia Orekhovyi Kliutch se rejubilava em torno dele, ainda que para as condições do micro-clima o capriuro, infelizmente, tomara aversão às cabras da região. Eu já havia concluído a matéria quando ouvi o telefone tocar. Era Platon Samsónovitch.

– Escute – disse ele – na sua matéria, você não poderia se referir a que os *kolkhozianos* estão falando sobre a lã das cabras do Tadjiquistão?

– Em que sentido? – perguntei.

– No sentido de que eles estão satisfeitos com o capriuro, mas não querem parar os avanços, e por isso manifestam alguma cautela...

– Mas essa idéia não é sua?

– Isso não é nada – Platon Samsónovitch suspirou no telefone. – Examinemos a glória... Neste momento é melhor que essa idéia venha de baixo, isso irá estimulá-los...

– Pensarei – disse eu e desliguei o telefone.

Eu sabia que ele não gostaria de algumas passagens do meu artigo. Para conseguir mantê-las, resolvi apoiar a sua nova idéia, mas isso não parecia tão simples. Examinei a pertinência de todos que vi no *kolkhoz* e entendi que ninguém poderia ter dito nada semelhante, a não ser Vakhtang Botchua, mas ele não foi lá com esse objetivo. No fim das contas, resolvi que aquela alusão seria colocada no fim do artigo, como uma conclusão que surgia por si mesma num movimento progressivo no desenvolvimento da criação dos animais. “Este tempo está por vir” – escrevia eu – “quando o nosso capriuro encontrar-se-á com a cabra de pêlos longos do Tadjiquistão, essa será mais uma nova conquista da nossa agrobiologia mitchurinista.”

Reli o artigo, coloquei as vírgulas só onde necessitava e entreguei-o à datilógrafa. Eu ficara sentado trabalhando nele por aproximadamente três horas e agora sentia um verdadeiro cansaço, eu estava devastado. Sentia-me como um diplomata veterano, que sabe cortar todos os cantos pontiagudos: o capriuro estava saciado, e o presidente estava inteiro.

Saí da redação e passei no café à beira-mar, situado no pátio do restaurante de veraneio a céu aberto. Sentei-me numa mesinha debaixo de uma palmeira e fiz o meu pedido, uma garrafa de *borjon*, dois *tcheburieki*⁸³ e duas xícaras de café turco. Depois de comer os *tcheburieki*, limpei silenciosamente as mãos no tronco aveludado da

⁸³ Prato que tem origem entre os tártaros da Criméia, muito popular entre os povos do Cáucaso. Consiste numa espécie de pastel frito recheado geralmente com carne e especiarias ou, também, queijo, batata, cogumelos, cebola e arroz.

palmeira, porque, como sempre, não havia guardanapo. Em seguida, comecei a bebericar o café forte e espesso e de novo me senti como um diplomata, mas agora não somente um veterano experiente, mas sim vivido.

O sussurro hipnótico das folhas das palmeiras, o café quente, a sombra fresca, o estalido tranquilo dos rosários dos velhos abkhazianos... Pouco a pouco os capriuros foram embora para bem longe, eu submergi num torpor feliz.

Um dos meus vizinhos de mesa, Solomon Markovitch, um dentista decadente, falava com grandiloquência, cercado por habitantes do lugar. Em certa ocasião, antes da guerra, a mulher dele o caluniara e abandonara. Desde então, ele começara a beber. Aqui ele é um convidado amado. E mesmo que gostassem dele desinteressadamente, eu pensava, as pessoas viam com prazer um homem que tinha ainda menos sorte do que elas. Naquele momento, ele contava uma parábola bíblica muçulmana, alternando-a com exemplos da sua própria vida.

—... E eles me disseram: “Solomon Markovitch, nós te colocaremos numa garrafa”. E eu lhes respondi: “Para que eu vou ficar numa garrafa, é melhor eu ficar direto no chão”.

Depois de olhar para mim, ele dizia invariavelmente:

— Meu jovem, eu te darei uma dessas tramas, uma dessas tramas, eu te contarei a minha vida do nascimento até a morte.

Depois disso, nada aconteceu, exceto abastecê-lo de conhaque e uma xícara de café turco e, por vezes, isso me importunava, sobretudo porque eu não tinha tempo ou humor para ouvir as amarguras de estranhos.

Ao voltar para a redação, passei no escritório de datilografia para saber do meu artigo. A datilógrafa disse que o redator já o havia pegado.

— O quê? Ele mesmo veio buscar? — perguntei, sentindo uma inquietação inconsciente e, como sempre, interessando-me inutilmente pelos detalhes.

— Ele mandou a secretária — ela respondeu, sem se desprender das teclas.

Fui até o nosso gabinete, sentei na minha mesa e esperei. Eu não gostava muito da pressa do redator. Lembrei-me de que no artigo ficaram duas ou três formulações que, para mim, estavam insuficientemente acabadas. Além disso, eu gostaria que Platon Samsónovitch houvesse lido antes.

Eu esperei ser chamado. Finalmente, a secretária veio correndo e assustada disse que o redator estava me esperando. Mesmo que fosse uma chamada qualquer dele, ela a comunicava com uma voz assustada, o que agora, não obstante, não era bom.

Abri a porta do gabinete. Platon Samsónovitch estava perto de Avtandil Avtandílovitch.

O redator, como de costume, estava sentado na posição de piloto, já que desligara o motor, mas, ainda assim, permanecia na cabine. As paletas gordurosas do ventilador pareciam com gigantescas pétalas de flores tropicais. O mais provável é que fossem venenosas.

Parecia que Avtandil Avtandílovitch acabara de sobrevoar o lugar em que eu fora a serviço e agora confrontava aquilo que vira com o que eu escrevera.

Da figura volumosa e aristocrática de Avtandil, o magricelo Platon Samsónovitch parecia, no melhor dos casos, um mecânico de plantão. E, naquele momento, ele parecia um mecânico que cometera uma falta. Quando me aproximei da mesa de Avtandil Avtandílovitch, senti, quase que fisicamente, como se do seu semblante soprasse um frio, como se ele ainda estivesse rodeado por uma alta atmosfera de além das nuvens, de onde acabara de chegar.

Senti que aquele frio começava a me paralisar, e tentei me sacudir desse torpor humilhante, mas nada aconteceu, talvez porque ele se mantivesse calado. De repente, pareceu-me que no meu artigo eu me enrolara todo e, ao mesmo tempo, vi claramente toda essa confusão delirante e surpreendi-me de como eu não reparara nisso quando o relera. Além disso, me pareceu que eu citava por toda parte Illarion Makssimovitch por alguma razão, o que era especialmente desagradável.

Finalmente, sentindo que eu chegara ao ponto de congelamento determinado e necessário, ele pronunciou com uma voz que mantinha esse ponto:

– Você escreveu um artigo prejudicial para nós.

Eu olhei para Platon Samsónovitch. Ele se virou para a parede.

– Contudo, você mascarou o seu dano – acrescentou Avtandil Avtandílovitch, admirando-se com o meu congelamento. – Em princípio, ele até me seduziu. – continuou ele – há comparações felizes... Mas, entretanto, é uma revisão da nossa linha fundamental.

– Por que uma revisão? – a minha voz se levantava da profundidade do meu ser, onde ainda sobrara um pequeno espaço sem congelar.

– E depois, que absurdos você escreve sobre o micro-clima? O capriuro e o micro-clima. O que é essa laranja, *grapefruit*?

– Mas, realmente ele não quer viver com as cabras da região – disse eu com agitação, tentando desarmar a indiscutibilidade do seu fato e, de repente, lembrei-me e

me convenci de que no artigo não havia nada de confuso, e Illarion Makssimovitch eu chamara exatamente de Illarion Makssimovitch.

– Nesse caso, não podiam ajustá-lo, não mobilizaram todas as possibilidades, e você foi com o pretexto...

– Isso foi o presidente que complicou – inseriu Platon Samsónovitch – Eu já o prevenira: a idéia fundamental do seu artigo é que “o chá é bom, mas a carne e a lã são ainda melhores”.

– Você sabe – interrompeu o redator – se nós déssemos agora escapatória a respeito do micro-clima, eles todos iriam gritar que o micro-clima deles é inconveniente... E isso agora, quando começam a interessar-se pela nossa iniciativa em várias partes.

– Será que nós e eles não somos a mesma coisa?– escapou-me da boca, embora não pretendesse dizer isso. Bem, agora acabou tudo, pensei.

– Você está preso em disposições atrasadas – inesperada e tranquilamente respondeu Avtandil Avtandílovitch e acrescentou: – Aliás, que manifestação de erudição é essa com a cabra de pêlo longo do Tadjiquistão, que fantasia é essa, de onde você tirou isso?

Percebi que ele se acalmara imediatamente, o meu comportamento se explicava claramente pela fórmula encontrada.

Platon Samsónovitch apertou os lábios, nas maçãs do seu rosto surgiram manchas vermelhas. Eu me calei. Avtandil Avtandílovitch olhou de esguelha para Platon Samsónovitch, mas não disse nada. Ficou calado por alguns segundos, dando-nos a consciência da grandeza da minha queda. Nesse momento, novamente pensei que tudo estava acabado, ao mesmo tempo em que pensava que se ele resolvesse me expulsar, seria necessário agarrar-se às minhas últimas palavras, mas por alguma razão ele não o fez.

– Modificar no espírito completo da capriurização – disse expressivamente e atirou o manuscrito a Platon Samsónovitch.

De onde ele conhece essa palavra, pensei e fiquei esperando.

– Eu o transfiro para a sessão de cultura – disse, com a voz de uma pessoa que cumpre o seu dever até o fim, mesmo que esse não seja tão fácil – Você pode escrever, mas não tem conhecimento da vida. Nós resolvemos agora organizar um concurso para a melhor obra artística sobre o capriuro. Faça-o no melhor nível da capital... Isso é tudo.

Avtandil Avtandílovitch ligou o ventilador e o seu rosto começou pouco a pouco a endurecer. Enquanto Platon Samsónovitch e eu saíamos do seu gabinete, eu temia que o seu avião, girando, soltasse atrás de nós uma rajada de metralhadora, e me acalmei somente depois que a porta pesada se fechou atrás de mim.

– Falhou – disse Platon Samsónovitch quando chegamos ao corredor.

– O que é que falhou? – perguntei.

– A cabra do Tadjiquistão – disse ele, saindo de uma meditação profunda – você não escreveu tudo, era necessário colocar o nome do *kolkhoziano*...

– Sim, de acordo – disse eu. Isso tudo me aborreceu um pouco.

– Capriurização... brinca com as palavras – acenou em direção ao gabinete de Avtandil Avtandílovitch, quando nós entrávamos na sua seção.

Comecei a preparar os papéis da caixa na minha mesa.

– Não desanime, depois eu o trarei de volta à minha seção – prometeu Platon Samsónovitch. – A propósito, é verdade que proibiram um artigo seu no jornal em que você trabalhava?

– É verdade.

– Se você não estiver com vontade eu posso terminar de escrever – animou-se ele.

– Claro, escreva – disse eu.

– Hoje à noite mesmo terminarei de escrever. – Ele definitivamente se livrara do abatimento e de novo acenava em direção ao gabinete do redator: – Capriurização... Uns brincam com as palavras, os outros fazem o que tem que ser feito.

Quando eu passava pela rua principal, aconteceu-me uma coisa horrível. De um lado da calçada, perto de uma vitrine de supermercado, havia uma pessoa vestida com roupas novinhas e de chapéu. Olhava para a vitrine em que havia alguns manequins com as mesmas roupas que ela. Ao vê-lo, pensei que eles se pareciam um com o outro, isto é, ela e os manequins. Mal terminei de pensar essa pequena idéia, como um dos manequins, em pé na vitrine, começou a se mover. Fiquei meio gelado, mas eu tinha juízo suficiente para dizer a mim mesmo que isso era um delírio, que o manequim não podia se mover, que ainda não se chegara a isso.

Apenas pensei nisso e o manequim que se mexia, zombando maldosamente do meu bom senso, tranquilamente se virou e abandonou a vitrine. Não consegui voltar a mim. Num instante, o restante dos manequins começou a se mover e em seguida se puseram atrás do primeiro. E somente quando todos eles saíram para a rua foi que eu compreendi: essa conversa entre manequins foi um simples engano dos meus olhos, que os multiplicaram pelo cansaço, pela agitação e mais alguma coisa. Aquilo que tomei pela vitrine de um supermercado era uma parede de vidro e, as pessoas que confundi com manequins estavam apenas do outro lado da parede de vidro.

Preciso respirar ar fresco, de outro modo enlouqueço, pensei, e virei depressa na direção do mar.

Desde a infância eu odeio manequins. Até agora não entendo como um disparate desses pode ser permitido. Um manequim não é nada além de um objeto empalhado. Um ser humano empalhado. Essa brincadeira pode assustar por algum tempo as crianças ou por mais tempo os pássaros porque eles são ainda mais crianças. Não posso ver um manequim sem ódio e repugnância. É impertinente, infame, cinicamente parecido com uma pessoa. Vocês acham que ele lhes mostrará as roupas de corte novinho? Uma ova! Ele quer provar que pode ser uma pessoa mesmo sem alma. Ele nos convida a tomar o seu exemplo. E no que sempre mostra a última moda, há um indício diabólico no que ele mostra como futuro.

Mas nós não aceitamos o seu futuro porque queremos o nosso próprio futuro humano.

Quando olho nos olhos de um cachorro, encontro neles uma semelhança com o olhar humano e eu respeito essa semelhança. Vejo os milhões de anos que nos separam e que, apesar disso, a alma do cachorro está fecundada pelo humanismo e farejando-o como um vestígio, ele vai atrás dele.

O cachorro é talentoso. Toca-me a sua aspiração ao humano e a minha mão inconscientemente se estende para acariciá-lo, ele suscita a minha simpatia. Vale dizer que ele não aspira somente ao que é humano, mas também intensifica isso em mim. Talvez, seja nisso que consista a essência da humanidade, a bondade espiritual que engendra nas pessoas a bondade em resposta. O ganido de alegria de um cachorro ao ver uma pessoa é a manifestação da sua espiritualidade.

Eu me surpreendo com a capacidade do papagaio, as inflexões de vozes e a memória mecânica, mas em relação ao cachorro, o papagaio está longe. O papagaio é curioso, o cachorro é admirável.

Frequentemente, nós nos contentamos em designar com um termo aproximativo a essência de algo. Mesmo se a determinarmos com exatidão, essa essência pode mudar e a sua designação, a palavra, ainda permanece por muito tempo preservando a forma exterior da essência, como a casca de uma vagem conserva a saliência dos grãos que há muito caíram. Qualquer desses erros, e independente de qual é o mais frequente dos dois, no fim das contas, leva à confusão de conceitos. A confusão desses conceitos, por fim, representa a nossa indiferença, o interesse ou o amor insuficientes pela essência do conceito, pois o amor é a forma elevada do interesse.

E cedo ou tarde somos abrigados a pagar por isso. E só então, apalpando nossos hematomas, começamos a encontrar a essência exata da designação. Até então, nós confundíamos o papagaio com um profeta porque pouco ou insuficientemente refletíamos sobre aquilo em que consiste a grandeza de uma pessoa. Refletíamos pouco porque pouco nos respeitamos, a nossos colegas e a nossa própria vida.

Três dias depois, no horário de almoço, eu estava naquele mesmo café. Vakhtang Botchua entrou, usava roupas bem brancas, uma apoteose radiante de brancos e tons rosados. Ele estava acompanhado de um homem velho e uma mulher, vestida com a elegância descuidada de uma cartomante. Ao me ver, Vakhtang parou.

– E então, como foi a conferência? – perguntei.

– Os *kolkhozianos* soluçavam – respondeu Vakhtang, sorrindo – e você me deve uma garrafa de champanhe.

– Por quê? – perguntei.

– Acaso você não sabe? – surpreendeu-se Vakhtang – Eu lhe salvei de debaixo da roda da história. Avtandil Avtandílovitch queria abandonar você, mas eu disse-lhe: apenas passando por cima do meu cadáver.

– E ele? – perguntei.

– Ele compreendeu que até a roda da história fica atolada. – Vakhtang afetuosamente deu palmadas no seu abdômen forte. – Execução anulada.

Ele pôs-se diante de mim rosado, corpulento, sorridente e invulnerável, como se ele próprio estivesse assombrado com a infinitude das suas possibilidades, ao mesmo tempo em que refletia sobre o que ainda poderia me surpreender.

– E você não sabe quem são eles? – Ele moveu ligeiramente a cabeça em direção aos seus companheiros, que já haviam ocupado uma mesinha e de lá olhavam afetuosamente para Vakhtang.

– Não.

– Meu amigo, o professor (ele chamou-o pelo sobrenome), o mais conhecido mineralogista do mundo e a sua aluna favorita. Entre outras coisas, ele me deu uma coleção de minerais caucasianos.

– Por quê? – perguntei.

– Ele mesmo não sabe. – Vakhtang ficou feliz de não saber o que dizer. – Simplesmente gostou de mim. Eu o levei para diferentes locais históricos.

– Vakhta-a-ang, estamos entediados. – prolongou caprichosamente a aluna favorita.

O próprio professor olhava em nossa direção, sorrindo com doçura. Debaixo da mesinha surgiram os seus pés largos, recobertos pelas calças de linho, preguiçosamente enfiados nas sandálias. Pés assim quem costuma ter são os adolescentes distraídos, altos e esguios.

– E isso ainda não é tudo – disse Vakhtang, prolongando o sorriso e encolhendo os ombros no sentido de que a extravagância daquele mundo não tem limites. – cobriu-me com a sua biblioteca.

– Olha lá, não vá envenená-lo.

– O que você está dizendo – sorriu Vakhtang – eu envenená-lo, é um parente do meu pai...

– Eu saúdo nossa juventude admirável. – De algum lugar surgiu Solomon Márkovitch. Ele era pequeno, enrugado, durante toda a vida conservado em álcool, em todo caso, no interior, em sua tranquilidade, havia uma dor persistente.

– Estimado Vakhtang – voltou-se para ele Solomon Márkovitch – sou um homem velho, não preciso de uma dose inteira, preciso apenas de meia dose.

– E você a terá – disse Vakhtang e, pegando-o pelo braço com arrogância, dirigiu-se para a sua mesa.

– Há ainda uma notabilidade arqueológica local – Vakhtang apresentou-lhe aos seus amigos e acercou-se da cadeira – Peço que gostem dele: o sábio Solomon Márkovitch.

Solomon Márkovitch sentou-se, mantinha-se tranquilo e com dignidade.

– Ontem li um livro chamado “Bíblia” – começou ele. Sempre começava assim. Pensei que mais de uma vez, em concordância com a minha teoria da grande má sorte da sua vida, ele extrairia pequenos acertos das bebedeiras cotidianas.

Durante meses, trabalhei tranquilamente na sessão de cultura. O barulho da campanha não cessara, mas ele já não me atrapalhava. Eu já me acostumara a ele, como

se acostuma com o barulho do mar. A conferência regional pela capriurização dos *kolkhozes* da nossa república ocorreu em alto nível. Ainda que assim abrisse espaço para vozes críticas, mas elas se afogaram na maior parte do coro de vitória.

No concurso para o melhor trabalho sobre o capriuro venceu o contador do *kolkhoz*, Lykhnskii. Ele escrevera uma canção sobre o capriuro. Eis o seu texto:

Vivia um uro orgulhoso nas montanhas do Cáucaso.

Por ele morriam de amor todas as fêmeas,

Mas ele sonhava com os olhos amarelos
das pequenas e encantadoras cabras.

Mas as pessoas perversas o rejeitavam,

Tentando derramar o seu sangue,
alpino, na realidade,
o seu amor pelas montanhas.

O uro partiu pelos desfiladeiros,

Ruminando ásperos espinhos,
Encurralavam-no os senhores,
Os pequenos príncipes.

O pêlo cheirava a chamuscado,

Cheirava a churrasquinho...

Enquanto no vale, a cabrinha definhava,
Separada do noivo orgulhoso.

E só em nossos dias, pela primeira vez,

Encontrou-se um bondoso feiticeiro,

Que removeu a barreira entre as espécies
Com a sua mão mitchurinista.

E com o uro a cabrinha afetuosamente,

Sob o retinir do *tchongur*⁸⁴, entrelaçou os chifres.
Dessa carícia, evidentemente,
Nasceu o primeiro capriuro.

E nele para sempre, como se diz,
Dois traços se fundiram:
A capacidade célebre do saltador alpino
E o temperamento doméstico da cabra.

Para contrariar qualquer tirano
Hoje e para todo o sempre nós cantamos
Não somente a carne do capriuro,
Mas também seus belos cornos.

Para entender a mordacidade do sentido da última estrofe, é preciso conhecer a história anterior à sua composição. Sua base estava determinada por um fato real.

Em um *kolkhoz*, o capriuro por pouco não chifrou o filho pequeno do presidente, que (eu tenho em vista, é claro, o filho) frequentemente se irritava e até escarnecia do animal desprotegido, aproveitando-se da posição do trabalho do seu pai, como afirmava Platon Samsónovitch.

A criança assustara-se terrivelmente, mas, como ficou claro depois, o capriuro não lhe causara nenhum tipo sério de ferimento. Contudo, o presidente, sob a influência da sua esposa enfurecida, mandou o ferreiro da região serrar os chifres do animal. Sobre isso escreveu o secretário do *Selsoviet*. Platon Samsónovitch ficou furioso. Foi ao *kolkhoz* para certificar-se de tudo aquilo pessoalmente. E era tudo verdade. Ele trouxe inclusive um dos chifres do animal; o outro chifre, o presidente do *kolkhoz*, como que desconcertado, comunicou-lhe que o cachorro o roubara. Todos os trabalhadores da redação foram ver o chifre do capriuro, até o imperturbável paginador viera especialmente da tipografia para isso. Platon Samsónovitch mostrava-o voluntariamente, dirigindo a atenção para o traço bárbaro da serra do ferreiro. O chifre era pesado e marrom, como uma presa de rinoceronte antediluviano. O chefe da sessão

⁸⁴Instrumento musical dos lezguianos, povo autóctone do Cáucaso.

de informação, já presidente do comitê local, propôs dá-lo a um escultor afim de depois usá-lo nos piqueniques coletivos da redação.

– Cabem nele três litros, tranquilamente – disse ele, examinando-o por todos os lados.

Platon Samsónovitch recusou com indignação essa proposta. Por esse motivo ele escreveu um artigo intitulado “O capriuro e o tirano”, em que castigava severa e cruelmente o presidente do *kolkhoz*. Ele até propunha colocar no jornal a fotografia do animal desonrado, mas Avtandil Avtandílovitch, depois de algumas considerações, resolveu limitar-se apenas ao artigo.

– Isso pode não ser entendido assim – disse ele por causa da fotografia. Quem exatamente poderia não entender, ele nem começou a explicar.

Eis porque, quando houve o concurso, os versos de Lykhninskii, o contador, adotaram aquele nome. Platon Samsónovitch, como o membro mais influente dos jurados e o único *expert* técnico, colocou-o como herói. O redator não tinha nada contra, somente observou que era preciso modificar um pouco as duas últimas linhas de maneira que o autor glorificasse não somente a carne e os chifres, mas também a lã do capriuro.

– Ainda não se sabe o que é mais importante – disse inesperadamente.

Ele próprio corrigiu as últimas linhas. Agora os versos terminam assim:

Para contrariar qualquer tirano
Eu vou para sempre celebrar
Tanto a lã e a carne do capriuro,
Como também os chifres “magníficos”.

– Talvez, “magníficos” não seja completamente preciso? – disse eu.

– Magníficos, isto é, bonitos, inclui muito além de precisão – replicou firmemente Avtandil Avtandílovitch.

Nele despertara o poeta teimoso de longa data, defendendo o texto original. O autor ficou satisfeito. Pouco tempo depois, foi composta uma música, satisfatoriamente acertada, para esses versos. Em todo caso, mais de uma vez tocaram-na no rádio e em cena. No teatro, o coro amador de uma fábrica de tabaco executava-a sob a direção do atualmente reabilitado Pata Pataraia, conhecido nos anos trinta como intérprete de danças caucasianas.

Assim, o chifre ficou no gabinete de Platon Samsónovitch, que o depositou numa pilha de arquivos velhos como uma recordação da vigilância.

Eu passava a maior parte do meu tempo na sessão de cultura, fui mandado para a elaboração de cartas aos leitores. Geralmente, as reclamações se referiam ao trabalho ruim dos clubes da aldeia e à criatividade na composição dos poemas.

Após o fim do concurso da melhor composição sobre o capriuro, começaram a chover versos com esse tema com força redobrada. Contudo, na maioria deles estava grifado o seguinte: “Para o próximo concurso”, ainda que a redação não tivesse anunciado em lugar nenhum que haveria mais um concurso.

É interessante que muitos dos autores eram basicamente aposentados, em anexo às suas cartas mencionavam que o Estado os provia bem e eles não tinham necessidade de honorário e se algum jovem colaborador da redação corrigisse alguma coisa em seus poemas para publicação, o trabalho modesto deles não ficaria sem retribuição, mesmo qualquer tipo de trabalho e etc. Em princípio, fiquei indignado, porque exatamente um jovem colaborador? Mas depois me acostumei e não dei mais atenção.

No começo, eu gentilmente insinuava aos autores que as composições artísticas exigem algumas aptidões naturais e até competência. Mas, um dia, Avtandil Avtandílovitch me chamou e, enfatizando com um lápis vermelho as linhas francas da minha resposta, aconselhou-me a ser mais benevolente.

– Não se pode dizer que uma pessoa não tem talento. Somos obrigados a formar talentos, ainda mais quando o discurso é sobre a criação dos trabalhadores – advertiu ele.

Então, definitivamente compreendi a fraqueza de Avtandil Avtandílovitch. Aquele homem poderoso estava entorpecido, como um coelho hipnotizado por uma fórmula. E quando ele propunha alguma fórmula, era impossível dissuadi-lo. Em compensação, era possível tornar a carregá-lo com uma outra, mais recente. Quando ele começou a falar acerca da criatividade do trabalhador e da formação de talentos, me veio à cabeça uma fórmula que flertava relativamente com as massas, mas resolvi não dizer. Além disso, ela não me parecia muito apropriada.

Eis porque, cerrando os dentes, respondi às cartas dos bardos maldosamente, recomendando-lhes estudar a poesia clássica, sobretudo a de Maiakovski.

Durante aquele período, várias vezes viajei a trabalho e, enquanto preparava o material para ser impresso, eu já sabia de antemão as passagens que não agradariam ao redator e seriam censuradas sem falta.

Com as passagens que estavam sujeitas a ser suprimidas, eu fazia a única coisa que podia: esforçava-me para escrevê-las o melhor possível.

Numa palavra, tudo ia normalmente, mas ocorreu um evento que, em alguma medida, influenciou a minha vida, ainda que não tivesse relação com o tema do meu relato, isto é, o capriuro.

Numa noite, eu estava sentado com os meus amigos no parapeito ao longo da praia olhando para a rua, pela qual duas correntes iam o tempo todo de encontro uma com a outra. A multidão bem vestida estava agitada com o movimento constante.

Camisas brancas como a neve, calças pretas, sapatos de bico de fino, um maço de *kazbiek* metido no cinto parecendo as pistolas de um *cowboy*, esses eram os trajes dos almofadinhas da divisão de combate aéreo do sul.

A noite não prenunciava nada de especial. E nós também não esperávamos nada especial. Simplesmente descansávamos sentados no parapeito, olhando preguiçosamente para os passantes, falávamos sobre o que todos os homens falam em tais ocasiões: qualquer besteira.

Foi quando ela apareceu. A moça estava em companhia de duas mulheres maduras. Elas passaram pela calçada em frente a nós. Consegui observar o perfil delicado e os esplendidos cabelos dourados. Era uma moça muito atraente, só a cintura que parecia muito fina, algo antiga, como no tempo dos espartilhos.

Ela ouvia obediente e educadamente o que falava uma das mulheres. Mas eu não acreditava muito nessa obediência e achava que uma moça com lábios tão carnudos não poderia ser tão submissa.

Eu a segui com os olhos até que ela e as suas acompanhantes sumiram da minha vista. Graças a Deus, eles não perceberam nada, tinham a rua sob a mira, e a moça passou por eles. Fiquei sentado por um tempo e senti que a conversa deles não me alcançava mais. Parecia que eu mergulhara em alguma parte e ouvia-os através da água.

Aquela moça não me saía da cabeça. Eu desejava vê-la novamente. Não porque temesse que ela se apaixonasse por um daqueles almofadinhas de camisa branca e andar lânguido. Não, eu estava certo de que as suas cartucheiras idiotas estavam pela metade de cápsulas de *kazbietchin* e não apresentavam nenhum perigo para ela. A munição era pouca demais. E, além do mais, pensei: tirá-la daquela couraça compacta e áspera, como a das duas senhoras, só Deus sabe como o fariam.

Sem me demorar mais, despedi-me dos meus colegas e fui embora. Encontrá-la naquele vai e vem parecia improvável, mas ela já estava gravada na minha mente, mesmo que só um pouquinho. Uma vez que uma pessoa está gravada na mente, é possível encontrá-la com tranquilidade. Se for assim, eu pensava, isso queria dizer que eu estava curado de uma doença antiga. O major resultou num médico nem de todo mal. Eu sentia em mim o sinal mais elevado de recuperação da saúde, o desejo de adoecer de novo. Comecei a procurá-la.

Sabia que a veria, mas o que aconteceria depois, eu não tinha a menor idéia. Bastava simplesmente acreditar: que a havia visto de verdade ou era uma aparição?

E, de repente, eu a vi sentada no pequeno atracadouro para lanchas da região. Ela se inclinou sobre uma barreira e ficou olhando para a água. Usava uma blusinha infantil e uma saia larga que cobria insuficientemente a sua cintura. Para moças como essas nós dizemos: com uma tesoura pode-se cortar em duas.

Perto dela, as duas mulheres, com quem ela andava tão obediente pela rua, estavam sentadas num banquinho

É preciso dizer que sobre a nossa terra dizem muitas bobagens. Dizem que as moças são roubadas e levadas para as montanhas e etc. E o principal é que falam todos esses delírios e muitas pessoas acreditam.

Em todo caso, naquele momento as acompanhantes dela estavam tão perto que se, subitamente, um rapto pudesse acontecer, sem se levantar do banquinho, elas a segurariam nem que fosse pela saia, que voava larga e livremente ao redor das suas pernas, como uma bandeira independente, ainda que de um Estado completamente pacífico.

Pensando em como prosseguir, fui até a extremidade do atracadouro e, ao retornar, resolvi ficar parado perto dela. Decidi utilizar o único erro permitido pela sua vigilância, deixar o flanco marinho aberto.

O mar estava do meu lado. Comecei a me aproximar, e um vento suave me bateu na espinha, como uma mão amiga que empurra para um crime. Inesperadamente,

uma rajada de vento inflou-lhe a saia e me pareceu que ela, de uma hora para outra sairia voando antes que eu conseguisse me aproximar. Eu até acelerei os passos. Mas ela, sem olhar para a saia, prendeu-a na mão, como se fechasse uma janela para interromper uma corrente de ar, ou, talvez, achatar um paraquedas. Ainda que eu mesmo não saltasse de paraquedas e, sem dúvida, não estava preparado para fazê-lo, por algum motivo a imagem dele, sobretudo a de um que não se abria, me perseguia...

E como, mesmo assim, me aproximar dela? De repente, algo me ocorreu. Era necessário fingir-me de forasteiro. Geralmente, os turistas por alguma razão confiam mais nos forasteiros do que nos habitantes locais. E que ela não era da nossa região ficou logo evidente.

E, então, eu me aproximei e fiquei ao seu lado, com um ar sério e modesto, como uma pessoa que passeia. Depois resolvi dirigir o olhar para o Mar Negro, com o seu marulhar, num ponto que não seria interessante para nenhum turista. E para não haver nenhuma suspeita, eu nem olhava para o lado dela.

Embaixo, exatamente sob os nossos pés, havia uma escadinha de ferro, um bote de um barco de pesca dançava ali. O barco estava no anteporto. Ela olhava para o bote. Hoje eu poderia dizer que naquele instante ela olhava diretamente para os olhos do destino. Mas, então, eu ainda não havia entendido isso. Só observei que ela estava um pouco pensativa ao olhar para o bote. Talvez, ela tivesse resolvido escapar das suas companheiras nele. Eu a ajudaria com prazer, até mesmo na qualidade de remador.

Permaneci ao seu lado, enrijecendo aos poucos e sentindo que quanto mais eu ficasse calado, mais difícil seria começar a falar.

– Interessante, mas o que será esse barco? – finalmente balbuciei, dirigindo-me a ela, mas não diretamente, e inclinando-me quarenta e cinco graus.

A pergunta mais boba é a mais difícil de inventar. Ela encolheu um pouco os ombros.

– É estranho – eu disse, continuando a me inclinar estupidamente naquele mesmo ângulo, como se fosse ver, no bote perto do atracadouro, Deus sabe que milagre. – pois dizem que a fronteira está perto daqui – proferi nervosamente, batendo mentalmente a minha cabeça no corrimão.

– E o que pode ser? Contrabandistas? – alegrou-se ela.

– Foi o que nos disseram na pousada – comecei energeticamente, ainda sem saber sobre o que falava.

Justamente nesse momento, ouviu-se o estrepitar de botas na escadinha de ferro, duas pessoas desciam. A primeira levava um grande cesto trançado recoberto por um pano, a segunda tinha um saco nos ombros.

Parei de falar e coloquei o dedo nos lábios.

– Que interessante – cochichou ela – O que eles vão fazer?

Balancei suavemente a cabeça, dando a entender que nada de bom podia se esperar do que acontecia. Ela mordeu os lábios e inclinou-se ainda mais sobre o corrimão.

Aquele que levava o cesto saltou no bote que dançava e, passando velozmente pelo banco, sentou-se na popa colocando o cesto entre as penas. Eu não pude me dar conta, quando ele levantou o seu rosto corado na obscuridade e, sorrindo, acenou com a cabeça para mim. Esse era um dos pescadores com quem uma vez eu fora pescar. Chamavam-no de Spiro.

– Meus cumprimentos aos trabalhadores da imprensa! – gritou ele, com os dentes brilhantes.

Senti que enrubescia incontrolavelmente e acenei-lhe com a cabeça de maneira furtiva. Eu lhe dei um pretexto para abrir a boca.

– Aprecie a pescaria, e escreva pelos capriuros – gritou ele e acrescentou, olhando para mim e para a moça – Uma iniciativa interessante, a propósito...

– Como vai? – perguntei vagarosamente, entendendo que continua a disfarçando seria mais tolo.

– Você está vendo, eu levo gratificações.

Ele arrancou a toalha do cesto. Dentro dele havia garrafas de vinho.

– Superamos o plano, mas o peixinho dourado por enquanto não foi apanhado – acrescentou ele, olhando para ela com os seus olhos abertamente desavergonhados. – *Kalon karitsa* (que moça bonita)! – ele gritou de repente, virando-se para trás e caindo na gargalhada. Percebia-se que antes mesmo de comprar o vinho, ele degustara-o a fundo. – Moça, deixe que ele lhe cante uma música sobre o capriuro – de repente ele se lembrou e de novo se emocionou: – Ele canta bem as canções sobre o capriuro, todos eles cantam essa canção, brindam com ela.

Finalmente, o companheiro dele afastou-o e sentou-se aos remos. Spiro ficou ainda a falar bobagens por um tempo, fingindo que queria afogar-se aos olhos de algumas pessoas tolas que não compreendiam que eles não valiam nada.

– Os assinantes se emocionam! – ele gritou de longe e o barco dissolveu-se na obscuridade oscilante do mar.

Durante todo esse tempo, a moça se manteve bem. Ria afetuosamente e pouco a pouco eu me tranquilizei.

– O que é esse tal de capriuro? – perguntou ela assim que ficamos sozinhos.

– É um novo animal – disse eu negligentemente.

– Que estranho, então porque é que eu não ouvi falar nada dele?

– Ouvirá logo.

– E você canta uma música sobre esse novo animal?

– Eu cantarolo.

– E você já a cantou em Moscou?

– Parece que ainda não.

– Já está na nossa hora – inesperadamente ouviu-se detrás de nós.

Nós nos viramos. As duas mulheres estavam na nossa frente, olhando-me com uma hostilidade sincera.

– Nós ficamos todos os dias na praia – disse ela, terminando a frase, e pegou nas mãos das suas acompanhantes.

Com muita gentileza, eu me despedi delas e me afastei. Atravessei a rua e fui para casa por uma travessa pouco frequentada para não encontrar com os meus amigos e não perder o que ficara de bom daquele encontro com a moça. No caminho de casa, eu pensava com prazer nas suas últimas palavras. Não fiquei nem um pouco embaraçado de interpretá-las como uma alusão a um encontro.

Na redação, durante todo o dia seguinte, eu me enchi de alegria com o encontro iminente. Para apagar qualquer excesso de alegria que sobressaísse demais do bolso, resolvi durante todo o horário de trabalho me dedicar às cartas dos leitores.

Exatamente às cinco horas, fechei a porta da nossa seção, sentei no suado e abarrotado ônibus e fui para a praia.

E eis que estou na praia. O alto-falante derramava uma música tranquila que envolvia. Ela ajudava a se despir. Era como uma passagem suave da terra para o mar.

Um pouco agitado, comecei a percorrer a praia, sondando por debaixo dos toldos e guarda-sóis. As roupas de banho eram de várias cores, os bronzeados de várias nuances, uma feira de saúde de verão, a postura preguiçosa e benévola da Grécia Antiga.

E subitamente, senti que não me apressava em vê-la. As buscas por ela deram-me o direito de prestar atenção em tudo.

Pareceu-me que eu não estava muito ligado às impressões do dia anterior. O carnaval de cores da praia atenuara-as. Eu sabia que um sentimento demasiado forte me incomodava e estava feliz que naquele momento ele não me afetava.

Eu tinha um costume bobo de já na primeira oportunidade despejar na moça de que gostava uma avalanche com os meus mais altos sentimentos. Geralmente, isso as espantava ou até as ofendia. É possível que elas imaginassem que se um homem se revela tão emocionado, isso significava que elas subestimaram o próprio charme, sem reparar, por assim dizer, no filão de ouro que tinham naquele lugar, e seria necessário, primeiramente, reavaliar tal patrimônio, colocar-se cuidadosamente uma cerca e, em segundo lugar, não permitir o acesso de nenhum pioneiro.

De uma maneira ou de outra, enquanto eu arremetia contra elas essa avalanche de bobagens, imediatamente me transformava num jogador reserva. Por fim, já farto disso, depois eu acabava gostando de alguma outra garota, e ainda que eu pensasse que devesse ser mais comedido, a avalanche, de certo modo, por si mesma vinha abaixo e todas as vezes a moça pulava fora dela e, no melhor dos casos, saía com o penteado um pouco bagunçado.

Pensando nisso e satisfeito com a minha tranquilidade, dei uma volta pela praia, mas não a avistei em lugar algum. A minha disposição começava a diminuir. Andei ao longo da espuma do mar, examinando quem nadava, mas ali ela também não estava.

Senti como se tudo em volta se apagasse a olhos vistos. Despi-me vagorosamente. Uma vez mais passei pela praia, eu precisava nadar. Um fotógrafo de calças brancas e curtas, com um bronzado poderoso nas pernas de peregrino, parou perto de mim. Ele tirava fotos de uma moça que estava na água com a cabeça para fora.

– Só mais uma foto, senhora.

Uma onda, ao passar, desnudou-lhe o corpo e os braços de uma Vênus, apoiando-se firmemente na areia com as palmas das mãos abertas.

– Estou tirando a foto...

Ele guturalizava tão escrupulosamente, com o olhar de um velho petersburguês, que um grupo de turistas jovens instalado por perto começara a rir amistosamente.

O peregrino de novo direcionou a sua máquina fotográfica e o grupo preparou-se para rir. A mulher tentou mostrar felicidade, mas uma leve expressão de preocupação não deixava o seu rosto. A espuma em volta do seu corpo parecia trivial, como se fosse sabonete.

– Atenção – disse inesperadamente o fotógrafo e olhou para o grupo de jovens, mas eles riram assim mesmo. O fotógrafo, então, sorriu longamente e o sol queimava o seu sorriso. Isto significava que ele compreendia o quanto eles ainda eram jovens e tolos, e que a vida, de um modo geral, não é muito menos risível do que a profissão dele. Só é preciso ter paciência de viver, para aprender alguma coisa.

Eu me banhei, mas o mar não me refrescou. Só sentia fome e irritação. Lembrei que esquecera de almoçar, o que raramente acontecia comigo.

A praia começou a me irritar. Todos aqueles flácidos jogadores de cartas com as pernas finas e com gota; os esportistas cheios de fortes músculos de que ninguém precisa; os conquistadores mostrando tolamente uma expressão de arrogância injustificável; e as mulheres que descaradamente se exibiam aos raios de sol como se o seu encanto fosse indiscutível.

Eu me vesti rapidamente e saí. Fui até a cidade e de lá para casa, estava faminto, cansado e raivoso. Eu só queria abrir a porta e percebi que perdera a chave. Revolvi todos os bolsos, mas ela não estava em lugar nenhum. Compreendi que entrara numa maré de azar. E eu sempre tenho azar. Ou tudo vai bem ou tudo me cai das mãos. Ao que parece, a chave deslizara do meu bolso enquanto me vestia na praia. Antes de tudo, como isso só poderia ter acontecido num único lugar, eu decidi procurá-la.

Amaldiçoando todo mundo, fui até o terminal de ônibus e novamente me dirigi para a praia. No ônibus, então, havia muito menos gente. Àquela hora quase ninguém mais ia para lá.

Em uma das paradas, o motorista desceu do ônibus e retornou um minuto depois com um pacote cheio de pasteizinhos quentes que transpareciam através do saquinho engordurado. Mastigando um pastelzinho, sem pressa, ele passou por duas paradas e saiu novamente do ônibus. Em frente à parada havia um quiosque de cerveja. Ele começou a beber a cerveja e comer os pasteizinhos. Os passageiros resmungavam submissos. Próximo ao quiosque, havia um prédio de tábuas da filial do Tribunal Popular. Eu me sobressaltei com a possibilidade de que talvez ele entrasse lá para tratar de algum assunto. Acho que não lhe faltaria atrevimento para isso, sem deixar cair das mãos os pasteizinhos e a cerveja. Mas, por enquanto, ele bebia tranquilamente.

Sentei em frente à porta, enrolando automaticamente o meu bilhete nos dedos. Finalmente, quando a paciência já chegava ao limite, eu dei-lhe um piparote em direção a porta. E naquele mesmo instante, entrou pela frente o fiscal e começou a verificar os bilhetes. Eu precisava sair do ônibus e procurar o meu, mas fazer isso naquele momento seria inconveniente porque as pessoas podiam pensar que eu estava tentando me safar.

Quando o fiscal se aproximou de mim, comecei a explicar como havia perdido o bilhete, sentindo a tolice da própria explicação. Pela sua cara, dava para perceber que ele estava preocupado apenas com uma coisa: que eu não pensasse que ele acreditava em mim.

Saí do ônibus e comecei a procurar o bilhete sob as risadas incentivadoras dos passageiros mais próximos. Não conseguia encontrá-lo. Eu me dominei e tentei compreender a trajetória possível do seu vôo. Mas no lugar aonde ele deveria ter caído não havia nada. Talvez, tivesse sido levado pelo vento. O fiscal estava em pé junto à entrada e olhando com uma tristeza sábia (eu não podia suportar um olhar de tristeza sábia) deixava transparecer que eu não conseguiria encontrá-lo já que não o havia perdido.

Finalmente, os passageiros aparentemente resolvendo que eu havia feito a minha parte, juntos tomaram a minha defesa e tentaram convencê-lo de que viram como eu havia perdido o bilhete. Frente a essa opinião pública, o fiscal se viu obrigado a retroceder, saiu do ônibus após me fazer uma pequena repreensão.

Enfim, o motorista terminou de beber a sua cerveja e, quando ele bateu a portinha e vigorosamente ligou o motor, todos sentiram se elevar a gratidão que, é claro, não teria sido sentida se ele tivesse feito o trajeto como deveria.

Eu me consolei com o pensamento de que uma vez apanhado por uma maré de azar, não havia nada a fazer. E o mais importante era passar por ela com poucas perdas.

Ao sair do ônibus, fui em direção à bilheteria da praia quando descobri que eu não tinha nem dez kopeques. Tudo o que eu tinha eram sete. De manhã, eu me esquecera de pegar dinheiro em casa.

Não me agradava que para entrar na praia fosse preciso pagar, como se o mar houvesse sido construído pelo nosso município.

– Passe, você acabou de sair – disse a bilheteira, depois de observar que eu hesitava no caixa.

Eu olhei para ela, tinha um rosto bondoso e risonho de mulher madura. Era extraordinário que se lembrasse de mim.

Eu percorri a praia. Esse pequeno êxito me deu ânimo e me senti como se tivesse ganhado alguma energia. Talvez, o motor tivesse sido o êxito. E, ainda que até ali eu praticamente não esperasse encontrar a minha chave na praia (se de fato eu a perdi nela) em meio a uma centena de pessoas, naquele momento eu estava certo de que a encontraria.

E eu não só a encontrei, como a percebi de longe. Sim, pequena, quase como a chave de uma mala, ela brilhava na areia no mesmo lugar em que eu me despira. Ninguém havia percebido, nem a apanhara ou simplesmente pisoteara na areia. Eu levantei a chave e, quando a endireitei, olhei para o mar e súbito um sentimento inexplicável me inundou. Vi, no azul caloroso do mar em que os raios de sol passavam, o rosto risonho de uma moça que saía da água enquanto olhava um rapaz no barco salva-vidas, com os braços fortemente bronzeados descansando sobre os remos, a margem coberta de pessoas, tudo estava tão suave e claramente iluminado e havia tanta bondade e tranquilidade ao redor que fiquei paralisado de felicidade.

Essa não era aquela felicidade que nós tomamos consciência recordando, mas sim uma mais superior, extraordinária. Quando sentimos o momento em que ela flui no sangue, experimentamos o autêntico gosto dela, ainda que comunicar ou explicar isso seja quase impossível.

Era como se o homem tivesse chegado ao mar depois de muita dificuldade, viera de longe, de tempos imemoriais, durante toda a vida, e agora o mar está feliz com os homens e os homens com ele.

O estado estranho do milagre prolongou-se durante alguns minutos e depois pouco a pouco ele passou, a agudeza passou, mas o gosto do que ele era ficou como fica uma leve vertigem depois da primeira tragada da manhã.

Eu não sei de onde ele saiu, mas já experimentei muitas vezes tal estado, ainda que, talvez não tão frequentemente, se eu lembrar da minha vida toda. Com mais frequência ele surge na solidão, em algum lugar nas montanhas, na floresta ou no mar. Talvez, isso seja um pressentimento da vida que poderia ser ou será no futuro? Pensando nisso, sentei no ônibus e cheguei em casa e, a propósito, esquecendo de pegar o bilhete.

À noite, vagueei pela cidade esperando a moça casualmente em algum lugar. Queria muito vê-la, ainda que começasse a recluir esse encontro. Percebi, algumas vezes, que algo em mim se rompia de maneira desagradável, como um avião quando

entra num buraco de ar, mas depois se verificava que essa não era ela, que eu me equivocara.

... Saí para o atracadouro, para os lugares das lanchas e a vi. Por alguma razão não tinha me passado pela cabeça procurá-la por aqui. Ela estava quase naquele mesmo lugar. Tive vontade de fugir, mas me controlei e não o fiz.

Avancei pelo atracadouro bem iluminado, mas ela não me percebeu. Parecia que pensava em alguma coisa, mas depois me ocorreu que ela simplesmente não queria me reconhecer. Passei por ela e já estava dando meia volta quando os nossos olhares se encontraram e ela sorriu. O seu rosto se iluminou verdadeiramente com um impulso de alegria.

Esse sorriso foi como uma rajada de vento que soprou o meu cansaço e a tensão daquele dia.

Nem sempre as pessoas se alegram ao nos ver, de qualquer forma, não tanto como gostaríamos. E se acontecesse de se alegrarem, ocultariam o mais rapidamente possível essa alegria para não parecer sentimentalismo ou para não ofender aos outros cuja presença não pode alegrá-las, se bem que, às vezes não compreendemos se uma pessoa está feliz ou infeliz...

... Aproximei-me da lancha de passeio e nós, como que nos entendendo, entramos nela. Não me lembro sobre o que falamos. Ficamos apoiados no corrimão olhando para o mar, atrás da barreira do atracadouro. Mas, naquele momento, parecia que ele se desprendera da margem e movia-se rapidamente para o mar aberto. Olhei para o rosto dela que terna e peculiarmente se delineava entre o forte e rústico bronzeado.

Depois ela quis beber alguma coisa e então fomos por uma passagem estreita e escura a um bufê na popa.

A limonada estava gelada e densa como champanhe. Lembrei-me que não bebia limonada há muito tempo e pensei que jamais um champanhe seria tão saboroso quanto essa limonada.

Mais tarde, quando coincidiu de eu beber champanhe, ele me pareceu sem gosto, como uma limonada que se dissipou e eu relembrei essa noite, pensava sobre a grande e ao mesmo tempo pouco parcimoniosa sabedoria da natureza, que aspira ao equilíbrio, pois por tudo se paga um preço. Se você beber uma limonada que parece com champanhe, nesse caso, cedo ou tarde beberá um champanhe mais parecido com uma limonada.

Tal é a triste, mas, aparentemente, indispensável lógica da vida. E o fato de ela ser indispensável é mais triste do que a triste lógica da vida.

Dizem que gota de água torneia pedra. Mais ainda faz Platon Samsónovitch. A administração agrícola já concordara em destinar recursos para a aquisição da cabra tadjique, e Platon Samsónovitch, sem esperar pelo andamento oficial dos eventos, escreveu sobre isso aos camaradas do Tadjiquistão. Eles prontamente responderam que ouviram falar da nossa iniciativa interessante e que eles mesmos pretendiam adquirir alguns capriuros. Tão logo eles concordaram em trocar os animais e pôr em prática o experimento simultaneamente, Platon Samsónovitch foi até o selecionador para persuadi-lo a aceitar uma parte das cabras de pêlo longo do Tadjiquistão, mas um trovão ribombou. E isso aconteceu exatamente naquele dia, quando Platon Samsónovitch precisava retornar.

Naquele dia, apareceu um artigo num dos jornais centrais que ridicularizava a inovação infundada na agricultura. Especialmente, repreendia-nos pela propagação irrefletida do capriuro, como escrevia o autor. A propósito, nesse mesmo artigo fizeram uma alusão confusa a um experimento do célebre cientista de Moscou que pouco provavelmente poderia se chamar plenamente de cientista. Em todo caso, a genialidade dele foi posta em dúvida.

Nós tomamos conhecimento do artigo pela manhã, ainda que ninguém tivesse visto o jornal. Os jornais centrais chegavam até nós à noite ou no dia seguinte. Mas esse tipo de coisa fica-se sabendo logo.

Avtandil Avtandílovitch estava agitado como nunca estivera antes. Muitas vezes naquele mesmo dia, ele fora ao Comitê Provincial do Partido, depois telefonou para o Comitê distrital para onde fora Platon Samsónovitch. De lá, ele obteve a resposta de que Platon Samsónovitch já pegara o ônibus para a cidade e que deveria chegar lá pelas três horas. Enquanto isso, o redator determinou uma reunião entre todos os trabalhadores da redação.

Às três horas, nós nos reunimos no gabinete do redator. O ônibus parava em frente à redação, por isso os colaboradores tentaram ocupar um lugar próximo à janela. Por alguma razão, todos estavam interessados em ver como ele iria sair do ônibus.

Todos experimentavam uma agitação nervosa, quase alegre. Apenas Platon Samsónovitch sofria verdadeiramente pelo capriuro e todos pensavam que o choque maior cairia sobre ele. Por isso, o restante dos colaboradores sentia-se como uma pessoa

se sente quando espera por uma grande tempestade e permanece num abrigo sólido. O doce sentimento de conforto próprio da segurança.

Avtandil Avtandílovitch estava distante de nós, olhando para algum lugar à frente, na vastidão. Perante ele, havia um artigo datilografado e, ao que parecia, havia sido recebido por telégrafo.

Era a primeira vez que ele se esquecia de desligar o ventilador e as páginas do artigo ameaçador dançavam no ar, parecia que estremeciam e começavam a ferver de impaciência.

O satirista por duas vezes metera-se às costas do redator com o pretexto de ver o mapa da nossa república, que estava pendurado sobre a mesa dele. Embora fosse pouco provável que alguma coisa pudesse ser lida nos papéis que dançavam na superfície, principalmente atrás de Avtandil Avtandílovitch, todos entendiam, mas, mesmo assim, com caretas perguntavam ao satirista: diz aí, o que tinha lá? Ele deu a resposta com uma careta, disse que tal devastação ainda não tinha ocorrido.

Avtandil Avtandílovitch, sem olhar, com um aceno de cabeça, colocou-o no lugar.

Finalmente, o ônibus chegou, todos se amontoaram na janela para ver como ele iria sair. Por alguma razão, pareceu-nos que Samsónovitch seria o primeiro a descer do ônibus, mas inesperadamente apareceu na portinha um cão de caça e atrás dele surgiu o próprio caçador. No seu cinto corria uma grossa fileira de codornas. Ele desceu do ônibus com um ânimo pesado no andar, como se estivesse oprimido pela sorte. Eu senti a tristeza pendurada nele e até no seu cachorro.

Uma camponesa de certa idade carregando uma cesta cheia de nozes saiu do ônibus e foi atravessar a rua num local inadequado. Um guarda assobiou e ela começou a correr derramando as nozes e, ainda assim, correu na mesma direção onde pretendia atravessar.

Platon Samsónovitch foi um dos últimos a sair do ônibus. Durante um momento, ele permaneceu ao lado do transporte, segurando com uma mão o casaco atirado no ombro. Subitamente, pôs-se a caminhar em direção ao lado oposto da redação.

– Ele está indo embora – disse o primeiro que voltou a si.

– Como assim está indo embora? – Avtandil Avtandílovitch interrogou com um ar ameaçador.

– Vou trazê-lo de volta! – gritou o satirista e lançou-se em direção à porta.

– Só não lhe diga nada! – disse o redator atrás dele.

Ficamos perto da janela observando Platon Samsónovitch. Ele atravessou a rua vagorosamente, carregando o casaco no ombro. Em seguida, inesperadamente, ele entrou em quiosque e pediu água com gás.

– Ele está bebendo água – surpreendeu-se alguém e todos desataram a rir.

O satirista surgiu na rua, aproximou-se do cruzamento e, alerta, começou a olhar para todos os lados, protegendo-se do sol com as palmas das mãos. Ele não avistava Platon Samsónovitch porque uma pessoa havia entrado no quiosque e o encoberto. O satirista, olhando calmamente para todos os lados, permaneceu algum tempo parado e, em seguida, com uma rapidez de pânico atravessou a rua correndo e foi em direção ao mar. Nós o observávamos com interesse porque naquele exato momento ele deveria passar em frente ao quiosque, mas ele olhava determinado para frente e por isso não viu Platon Samsónovitch. Quando isso aconteceu, novamente todos se puseram a rir. Mas ele virou para trás e levantou os braços, pelo visto, o próprio Platon Samsónovitch o chamara.

O satirista disse alguma coisa e, acenando para a redação, afastou-se rapidamente. Percebia-se que ele sabia que o observavam da janela e tentou demonstrar que estava em contato com Platon Samsónovitch por motivo de necessidade.

... Quando os passageiros se dispersaram, o motorista inopinadamente saiu para a rua e apanhou as nozes caídas. Depois de pegar até a última, subiu no ônibus e foi embora.

Finalmente, Platon Samsónovitch abriu a porta do gabinete e entrou. Ele inclinou a cabeça cumprimentando a todos e sentou-se um pouco, tinha um aspecto sombrio e compenetrado. Pareceu-me já pelo modo como ele sentou, na beirada da cadeira, que estava claro que ele sabia de tudo. Pensando bem, eu só me dei conta disso depois.

– E então, você se entendeu com o selecionador? – perguntou Avtandil Avtandílovitch com uma voz serena.

Com os lábios cerrados fortemente, Platon Samsónovitch tinha leves convulsões.

– Avtandil Avtandílovitch – disse ele, com uma voz abafada e, sem se endireitar completamente, levantou-se da cadeira. – Eu sei de tudo...

– Interessante. Quem te contou? – perguntou aquele e olhou para o satirista.

O satirista deu uma palmada no peito e ficou imóvel como resignado com a própria sorte.

– Comunicaram no rádio pela manhã – disse Platon Samsónovitch, permanecendo em pé naquela mesma posição, sem se desencurvar completamente.

– Mais uma vez ele é o primeiro – gracejou sombriamente o redator, tentando esconder a sua decepção.

Avtandil Avtandílovitch ficou olhando para ele durante algum tempo com um olhar frio, de novo a distância entre eles aumentava e ele desistiu de procurar saber. Pareceu-me que sob esse olhar Platon Samsónovitch se encurvara ainda mais.

– Sente-se – disse Avtandil Avtandílovitch no tom que falam com visitantes ocasionais da redação.

E ele leu o artigo. Fez isso com uma voz bem colocada e retumbante. Lia entusiasmando-se aos poucos e, às vezes, olhava para Platon Samsónovitch.

No começo parecia que ele, lendo o artigo, revelava para si próprio e para nós todos os erros e exageros que nos permitimos. Mas a ênfase na sua voz crescia o tempo todo e, de repente, começou a parecer que ele pessoalmente junto com os outros camaradas descobriram esse erro. Ao final do artigo, ele se misturara tanto com o seu estilo, com a repentina passagem da cólera à ironia, que começou a parecer que precisamente ele, sem qualquer um dos demais camaradas, era o primeiro a perceber e denunciar sem vacilar os erros de todos nós.

Começou uma discussão sobre o artigo. Nesse ponto, é preciso dizer que Avtandil Avtandílovitch manteve a autocrítica, declarou que, ainda que tentassem suspender a propaganda irrefletida do capriuro, era exatamente com esse objetivo que ele publicava, não obstante, na seção “Rindo dos cétricos”, as observações críticas do zootécnico, mas fez isso com uma energia insuficiente e nesse sentido ele admitia parte da culpa.

O satirista, que o tempo todo se agitava impaciente, interveio imediatamente após o redator, e lembrou que ele, no artigo satírico sobre um caloteiro de pensão alimentícia, de forma mascarada, tentara criticar a propaganda irrefletida do capriuro, mas Platon Samsónovitch não só não deu ouvidos, como inclusive tentou colocar nele um rótulo.

– Rótulo? – fez saltar inesperadamente Platon Samsónovitch e olhou sombriamente para o satirista.

– Sim, rótulo! – repetiu aquele categoricamente e olhou para Platon Samsónovitch com o olhar de uma pessoa que rompera para sempre os grilhões da escravidão.

– Você está exagerando – disse Avtandil Avtandílovitch conciliadoramente. Ele não gostava de generalizações demasiado amplas, se essas não fossem feitas por ele próprio.

No que diz respeito à propaganda irrefletida do capriuro, Avtandil Avtandílovitch levantou a questão dos problemas familiares de Platon Samsónovitch.

– A separação da miséria econômica dos nossos *kolkhozes* gradualmente conduziu à separação da família – ele fez um balanço da sua intervenção – e isso, naturalmente, porque o homem perdeu os verdadeiros critérios e ficou orgulhoso.

Depois que a crítica de Avtandil Avtandílovitch foi apoiada pelos colaboradores, ele tomou a palavra ainda mais uma vez e disse que, contudo, era impossível não levar em consideração a circunstância de que Platon Samsónovitch era um velho e experiente jornalista e, apesar dos erros, verteu fielmente até a última gota de suor ao nosso trabalho essencial. O redator, nessa parte, foi apoiado pelos colaboradores. Inclusive alguém disse que um cavalo velho não estraga os sulcos.

Mas nesse momento, o satirista novamente não se conteve e mencionou que as rugas, em geral, dão caráter para o trabalho de Platon Samsónovitch. Ele lembrou que há muitos anos, ele tentara estabelecer um novo método de pesca, deixando passar na água, correntes de alta frequência. Como resultado, os peixes pareciam haver ficado concentrados em um único lugar, mas o que de fato ocorreu é que eles fugiram da baía e poderiam não aparecer mais se o experimento continuasse.

– O projeto não era esse, você entendeu mal – acrescentou Platon Samsónovitch, mas naquela hora todos estavam cansados e ninguém tinha vontade nenhuma de ouvir sobre um experimento técnico passado.

O diretor da seção de agricultura foi designado diretor da seção de propaganda, por ser quem tinha um faro mais aguçado para o novo. Platon Samsónovitch ficou na redação como assistente, para dar a experiência de um velho trabalhador em auxílio ao novo diretor. Notificaram-lhe uma reprimenda severa pela linha de trabalho. O redator resolveu por enquanto restringir-se a essas condições desde que ele voltasse para a família e que no próximo ano letivo ingressasse na escola noturna. Platon Samsónovitch não possuía curso superior.

– A propósito, leve o seu chifre do capriuro – disse Avtandil Avtandílovitch quando nós já nos dispersávamos.

– O chifre – repetiu Platon Samsónovitch como um eco e eu percebi como o pomo de Adão do seu pescoço fino começou a mover-se convulsivamente.

– Sim, o chifre – repetiu Avtandil Avtandílovitch – aqui não há espírito para ele.

Quando Platon Samsónovitch saiu da redação com o chifre negligentemente embrulhado, por alguma razão, senti pena dele. Imaginei como ele iria voltar para o seu apartamento de um só cômodo, com um só chifre (tudo o que restou da sua grande idéia). Eu não me sentia muito bem. Mas o que fazer, eu não podia consolá-lo, se é que isso era possível.

O artigo do jornal central foi republicado no nosso, sendo que a passagem onde se falava sobre a propaganda irrefletida do capriuro, fora colocada em negrito com uma observação entre parêntesis: “grifo nosso”. Naquele mesmo número, foi inserido um editorial sob o título “Propaganda irrefletida do capriuro”, em que se fazia uma crítica avaliativa a todo o trabalho do jornal, em particular, à seção de agricultura.

O editorial mencionava alguns conferencistas que não se deram ao trabalho de orientar essa nova iniciativa, imprudentemente aderindo à propaganda do experimento pouco estudado.

Numa palavra, tinha-se em conta Vakhtang Botchua. Não se atreveram a escrever diretamente sobre ele porque uma semana antes ele havia doado ao Museu de Etnografia Territorial uma coleção inteira de minerais do Cáucaso.

Sem dúvida, ele cuidou para que essa medida não ficasse em silêncio. Ele próprio ligou para a redação e solicitou que mandassem alguém para a cerimônia de doação. Enviaram um fotógrafo que a reproduziu. Vakhtang estava com a aparência de um pirata resignado entregando o seu tesouro ao acanhado diretor do museu.

De modo que, agora, uma semana depois, com o triunfo da generosidade, é um pouco incômodo mencioná-lo no jornal.

No número seguinte, foi publicada uma resposta relacionada à crítica do capriuro. A propósito, um dos nossos colaboradores foi ao encontro do obstinado zootécnico que apresentou um grande artigo contra a capriurização das crias de animais. Mas o obstinado zootécnico permaneceu fiel a si mesmo e negou-se categoricamente a escrever, declarando que agora ele não estava mais interessando.

Depois do surgimento daquele artigo, a redação recebeu muitos telefonemas. Por exemplo, ligaram da casa de comércio para aconselhar-se sobre o que fazer com o nome do pavilhão de bebidas “Bebedouro do capriuro”. A propósito, nós começamos a receber avisos de que em alguns *kolkhozes* começaram a abater os animais. Por esse motivo, nós demos um esclarecimento no sentido de que não era preciso desfazer-se deles bruscamente, e sim incluir os capriuros no rebanho do *kolkhoz* nas bases comuns.

Com esse objetivo, Avtandil Avtandílovitch aconselhou-se conosco para propor aos camaradas do comércio não eliminar completamente o letreiro, mas apagar imperceptivelmente as duas primeiras sílabas da palavra “capriuro”. Assim o resultado seria “Bebedouro do uro”, que soa, como me parece, mais romântico. No próprio pavilhão, o letreiro foi levado rapidamente para ser posto em ordem, mas ainda durante um mês inteiro brilhava à noite, piscando impunemente, o luminoso com o antigo nome “Bebedouro do capriuro”.

Durante o dia chegavam ao bebedouro os uros e à noite ainda persistiam os capriuros.

Alguns *intelligentini* da região intencionalmente vieram para ver à noite o letreiro luminoso: como se encontrassem alguma insinuação liberal e, ao mesmo tempo, uma maldosa persistência dogmática.

Uma vez, entrando no café, eu mesmo vi um grupo, não muito grande, parecido com os de liberais, com ar imponente, imperceptivelmente aglomerados diante do pavilhão.

– Isso não é sem motivo – pronunciou um deles, e indicou com um leve movimento de cabeça a placa.

– Cuspa na minha cara se isso tudo simplesmente acabou – acrescentou o outro.

– Meu amigo – interrompeu o que tinha uma voz sensata – tudo isso está correto, mas não é preciso abobalhar-se demais por causa disso – Olhe e passe adiante.

– O que é isso! – replicou o primeiro – Se eu quiser, eu olho. Os tempos mudaram.

– Sim, mas podem não entender assim – disse o mais sensato, olhando ao redor. Ao perceber-me, ele instantaneamente se interrompeu e acrescentou: – Veja, eu digo que a crítica ecoou oportunamente.

Todos eles, como por ordem, olharam para a minha direção e depois se dirigiram ao café, discutindo surdamente e gesticulando ruidosamente.

Um dia desses, telefonou-me pessoalmente o diretor da filarmônica e perguntou-me o que ele deveria fazer com a canção do capriuro que o coro de fabricantes de tabaco executava e também alguns solistas.

– Lembre-se – disse ele com uma voz de quem se desculpa – eu realmente tenho planos financeiros, e a canção traz grandes êxitos, ainda que não sejam enormes, como eu me lembro, mas apesar disso...

Resolvi que com uma pergunta como essa não incomodaria aconselhar-me com Avtandil Avtandílovitch.

– Espere um pouco – eu disse ao diretor da filarmônica e fui ao escritório do redator.

Avtandil Avtandílovitch me ouviu e disse que qualquer apresentação da canção do capriuro estava fora de questão.

– E o coro deles não é senão uma exibição – ele acrescentou bruscamente – Mas os solistas, eu penso, podem apresentá-la se transmitirem um sentido correto das palavras. Numa palavra – concluiu ele, apertando o botão do ventilador – o mais importante agora é não ir de um extremo ao outro. Comunique isso.

Comuniquei a essência da nossa conversa ao curador da filarmônica, depois disso ele ficou pensativo, assim me pareceu, e desligou o telefone.

Nesse dia, Platon Samsónovitch não viera trabalhar, e no dia seguinte a sua mulher apareceu e foi diretamente ao gabinete do redator. Após alguns minutos, ele chamou o presidente do comitê sindical. Depois, Avtandil Avtandílovitch contou-nos o que havia acontecido. Ocorreu que Platon Samsónovitch adoecera: ou de uma desordem nervosa com base no esgotamento, ou de um esgotamento por causa de alguma desordem nervosa. A mulher dele tão logo soube do destino do capriuro, foi até a sua casa e encontrou-o na cama. Eles, pelo visto, acabaram se reconciliando. Deixaram o novo apartamento para os filhos e ficaram morando no velho.

– Pois veja – disse Avtandil Avtandílovitch – uma boa crítica fortaleceu a família.

– Talvez seja uma boa crítica, mas o meu marido está muito doente – respondeu ela.

– E nós ajudaremos nisso – assegurou Avtandil Avtandílovitch e pediu ao presidente do comitê sindical para dar a ele imediatamente um lugar numa casa de repouso.

Por ironia do destino ou mesmo pelo próprio presidente do comitê do sindical, Platon Samsónovitch foi enviado para uma casa de repouso nas montanhas com o antigo nome de “Capriuro”. Por outro lado, esse era uma dos melhores balneários da nossa república e conseguir lugar nele não era muito fácil.

Duas semanas depois, quando cessaram as últimas descargas de contrapropaganda e a incursão dos capriuros foi completamente reprimida, os seus exemplares isolados e dispersos resignaram-se e entraram no rebanho dos *kolkhozes*, na nossa cidade, realizou-se uma conferência regional da agricultura de vanguarda. Acontece que na nossa república superou-se o plano de abastecimento de chá – principal cultura agrícola de nossa região. O *kolkhoz* de Illarion Makssimovitch foi qualificado entre os melhores.

Durante o intervalo da sessão, eu vi o próprio Illarion Makssimovitch no bufê. Ele estava sentado à mesa junto com o agrônomo e Gogola. A moça comia um doce enquanto olhava as frequentadoras do bufê. O presidente e o agrônomo bebiam cerveja.

Na véspera, houvera uma matéria no nosso jornal sobre os cultivadores de chá do *kolkhoz* de Orekhovyi Kliutch. Por isso, aproximei-me deles. Nós nos cumprimentamos e me sentei um pouco.

O agrônomo tinha a aparência de sempre. O rosto do presidente tinha uma expressão de ironia solene. Uma expressão assim só se encontrava nos camponeses quando com cortesia eles escutavam o raciocínio de pessoas das cidades sobre a economia rural. Somente quando ele se dirigia para a moça, nos seus olhos surgia alguma vivacidade.

– Quer mais um doce, Gogola?

– Não quero – ela respondia, distraída, examinando atentamente as roupas das mulheres que entravam e saíam do bufê.

– Vamos lá? Só mais um – o presidente continuava tentando convencê-la.

– Eu não quero doce, eu quero *lumanad* – por fim ela concordou.

– Uma garrafa de *lumanad* – Illarion Makssimovitch pediu para o garçom.

– Você está contente já que o capriuro foi abolido? – perguntei-lhe quando verteu a cerveja nos copos.

– Uma iniciativa muito melhor – concordou Illarion Makssimovitch – eu só tenho medo de uma coisa...

– Do que você tem medo? – perguntei e olhei para ele, que bebeu a sua cerveja e respondeu somente depois de abastecer o copo.

– Se aboliram o capriuro – ele pronunciou com um ar pensativo, como se fixasse o olhar no futuro – quer dizer que alguma coisa nova virá, mas nas condições do nosso clima...

– Eu sei – interrompi – nas condições do clima de vocês isso não será conveniente.

– Exatamente! – confirmou Illarion Makssimovitch e olhou seriamente para mim.

– Na minha opinião, ter medo é inútil – disse eu, tentando dar confiança a minha voz.

– Queira Deus! – fez soar Illarion Makssimovitch – Mas se o capriuro foi abolido, talvez alguma coisa aconteça, mas o que por enquanto eu não sei.

– E onde está o seu capriuro? – perguntei-lhe.

– No rebanho, junto com os outros animais – disse o presidente como de uma coisa distante que já não apresentava mais nenhum perigo.

Soou uma campainha e nós fomos para a sala. Despedi-me deles e permaneci junto à porta. Eu precisava assistir ao concerto e rapidamente voltar para escrever o meu artigo.

A primeira apresentação foi dos dançarinos Pata Pataráia. Como sempre, os executores eram dançarinos caucasianos hábeis, leves e conseguiram ruidosos aplausos da platéia.

Algumas vezes chamaram-lhes para o “bis”, e junto com eles aparecia o próprio Pata Pataráia, esbelto, com andar elástico de pessoa madura. Pouco a pouco, os aplausos se inflamavam e por fim ele próprio precipitou-se no palco com o seu mais célebre passo desde os anos trinta: “vão nos joelhos”.

Depois de um forte impulso, ele precipitava-se no palco e, vindo abaixo de joelhos, deslizava em diagonal em direção ao camarote governamental, estendendo os braços livremente e levantando a cabeça com orgulho. Nos últimos momentos, a sala, ficando pasma, esperava que de uma hora para outra ele caísse em cima da orquestra. Pata Pataráia, dando um salto, como que atirado por uma mola, girava como um torvelinho negro.

Os espectadores entravam em frenesi.

– O trio de *tchonguristas* executará uma canção sem palavras – anunciou o dirigente.

No palco iluminado vivamente, subiram três moças de vestidos longos e lenços brancos. Elas timidamente sentaram-se nas cadeiras e começaram a afinar os seus *tchonguri*, prestando atenção e olhando concentradas umas para as outras. Em seguida, ao sinal de uma delas, começaram a golpear as cordas derramando uma melodia que acompanharam com a voz, entoando-a ao modo das antigas canções sem palavras das montanhas.

A melodia me pareceu um pouco familiar e, de repente, adivinhei que essa era a antiga música do capriuro, só que completamente diferente, num ritmo lento. Pela sala corria um sussurro de reconhecimento. Eu me inclinei e olhei na direção de Illarion Makssimovitch. No seu rosto volumoso, permanecia uma expressão solene e zombeteira. É possível, pensava eu, que ele chegara à cidade com tal expressão e ela permaneceria com ele até a sua partida. Gogola, estendendo a cabeça bem feita, olhava para o palco, encantada. O agrônomo adormecido estava recostado pesadamente e dormitava como Kytzov no conselho de guerra.

O trio de *tchonguristas* foi ainda mais aplaudido do que o dançarino Pata Pataia. Por duas vezes fizeram-nas reapresentar a canção sem palavras porque todos sentiam nela a doçura do fruto proibido.

O quanto esse fruto era amargo, ninguém sabia tão bem como os que estavam naquela sala, e se todos estavam felizes com a sua proibição sentiriam nele um gosto doce. Pelo visto, essa é a natureza de todas as pessoas e não há nada que se possa fazer sobre isso.

A vida na redação entrava nos eixos novamente. Platon Samsónovitch voltou da casa de repouso nas montanhas completamente restabelecido. No dia seguinte ao do seu retorno, ele próprio ofereceu-se para ir comigo pescar. Essa foi uma proposta lisonjeira para mim e eu, sem dúvida, aceitei contente.

Eu já disse que Platon Samsónovitch era um dos pescadores mais experientes do nosso litoral. Se em um lugar a pesca era infrutífera ele dizia:

– Eu conheço outro lugar...

E eu remava para outro lugar. E se lá também a pesca não era boa, ele dizia:

– Eu ainda conheço um outro lugar...

E eu remava para esse outro lugar. Mas se a pesca também não desse certo lá, ele normalmente se deitava e dizia:

– Reme de volta para a margem, o peixe já foi para as profundezas...

E eu remava para a margem porque no mar a palavra de Platon Samsónovitch era lei.

Mas isso acontecia raramente. E dessa vez nós fizemos uma boa pesca, principalmente Platon Samsónovitch, porque ele fora o primeiro a começar e imediatamente lançara ao mar dez linhas atadas a uma vara flexível. As varas sobressaíam na borda do barco e ele observava na sua lateral, achando uma maneira de não embarçar os cordões. E quando ele tentava erguê-los suavemente, ouvindo atento o que se passava no fundo, parecia que ele dirigia um fantástico teatro de títeres ou um reino subaquático.

Nós empurramos o barco no rio, prendendo-o no atracadouro e fomos para a margem. Mais uma vez olhei com inveja para os peixes que ele pegara. Exceto pelos peixes comuns, o bonito do mar negro se agitava na sua rede, o galo do mar que eu não conseguira pegar nem uma vez.

– Não basta que você seja o mestre, você ainda tem sorte – disse eu.

– A propósito, nas pescarias nas montanhas eu fiz interessantes descobertas – ele respondeu e em seguida ficou calado.

Caminhamos à beira-mar, ao longo do parapeito. Ele, com a sua rede pesada, repleta de peixes úmidos e eu, com a minha modesta pesca na redinha.

– Que descobertas? – eu perguntei sem nenhum interesse particular.

– Sabe, eu procurava trutas nos locais altos do Kodor e encontrei uma gruta assombrosa.

Algo na sua voz me compelia a ficar de sobreaviso. Olhei furtivamente nos seus olhos e vi um brilho familiar e desagradável.

– Há milhares dessas grutas nas montanhas – interrompi-o bruscamente.

– Não há nada parecido – ele respondeu rápido e com ardor, e nos seus olhos fulgurava um brilho frio e desagradável – nessa gruta as estalactites e estalagmites têm uma cor singular... Eu trouxe uma mala inteira de exemplares.

– E o que tem isso? – perguntei ficando alheio, em todo caso.

– É preciso despertar o interesse dos camaradas de cargos superiores... Isso não é uma gruta, mas um palácio subterrâneo, uma história da Sherazade...

Olhei para o seu rosto rejuvenescido e compreendi naquele momento que as forças repostas nas montanhas seriam gastas nessa gruta.

– Temos milhares de grutas como essas nas montanhas – repeti feito um tolo.

– Se for levado para lá um caminho suspenso de cordas, os turistas podem ir ao palácio subterrâneo diretamente dos seus barcos, admirando-se com o delta de Kodor e com as montanhas nos arredores.

– Uns cem quilômetros para chegar até lá – disse eu, – quem vai te dar tanto dinheiro?

– Mas vai compensar! Tudo vai compensar! – ele me interrompeu alegre e, jogando a sua rede no parapeito, prosseguiu: – Os turistas virão aos milhares do mundo inteiro. Direto do barco para a caverna...

– Sem falar nos capriuros, que um pastor daria conta de dois mil deles – eu tentei gracejar

– Que capriuros? – admirou-se Platon Samsónovitch – Hoje precisamos estimular o turismo. Você sabia que a Itália sobrevive de turistas?

– Tudo bem – disse eu – vou tomar um café, faça como quiser.

– Espere – ele gritou quando eu me afastei.

Senti que ele queria me engajar, então resolvi não ceder.

– Sabe, a minha mala com as amostras ficou no depósito de bagagens – ele disse timidamente.

– Não entendo – respondi com voz indiferente.

– Bem, eu sei que se a mulher vir essas estalagmites e estalactites ela vai começar a serrá-las...

– E o que eu preciso fazer? – perguntei começando a suspeitar qual o sentido verdadeiro do seu convite para pescar.

– Nós apanhamos a mala e eu a deixo com você por um tempo...

Agora, depois do mar e da pescaria, arrastar uma mala por toda a cidade até a estação...

– Tudo bem – eu disse – mas só amanhã. As suas estalactites podem esperar até amanhã sem serem destruídas?

– O que você está dizendo! – ele exclamou – Elas resistiram mil anos, e ainda com essa coloração rara e singular. Amanhã você mesmo verá.

– Então está bem, até amanhã.

– Até – ele murmurou com ar pensativo e levantou negligentemente a rede cheia de excelentes peixes de água salgada.

Foi só eu dar alguns passos e ele me chamou novamente, olhei para trás.

– Não fale nada a respeito da gruta – disse ele e colocou um dedo nos lábios.

– Está certo – respondi e rapidamente fui em direção ao café.

A noite estava maravilhosamente silenciosa, como só acontece na nossa região no início do outono. O sol submergia lentamente na água e a baía do lado poente flamejava com um brilho dourado se apagando aos poucos no leste, onde, em princípio, ela se fazia lilás, depois acinzentada, e em seguida a água e a margem já mergulhavam numa névoa cinza.

Eu pensava em Platon Samsónovitch. No que a nossa época criou como um tipo estranho de inovador, de inventor ou de empreendedor, pouco importa o nome, são capazes de fracassar muitas vezes, mas sem se arruinar até o fim, pois são financiados pelo Estado. Por isso, o seu entusiasmo é praticamente inesgotável.

O café estava cheio com os clientes habituais, os habitantes locais que bebiam café de maneira prudente, saboreando silenciosamente as suas recordações. Na esquina, em frente às mesas próximas, alguns adolescentes desperdiçavam ruidosamente a sua juventude vazia.

Sentei-me e pendurei a redinha no espaldar da cadeira.

– Doce ou normal? Perguntou o garçom, inclinando a sua cabeça de pacificador oriental queimada pelo sol e pelo café. Durante algum tempo ele olhou atentamente para a minha pesca.

– Normal – eu disse, como sempre.

Depois de remar era agradável estar exausto e eu pensava que no mundo não havia nada mais maravilhoso do que uma xícara quente de café turco com a espuma marrom na superfície.

Com isso quero terminar a verdadeira história do capriuro, mas intencionalmente eu não direi mais nada sobre a moça com quem me encontrei no atracadouro, mostrando muita esperteza e autodomínio da minha parte. Em primeiro lugar, porque ela terminou as férias de verão e foi embora estudar, e, em segundo, essa é uma outra história que com os capriuros, eu espero, não tenha a menor relação.

Rapidamente caiu a noite meridional. Olhei para o céu, tentando reconhecer aquela constelação que uma vez me lembrara a cabeça do capriuro, mas, apesar dos

meus esforços, de maneira nenhuma pude encontrar nada semelhante àquilo. A constelação do capriuro não era visível, ainda que no céu houvesse muitas outras constelações.

Fiquei sentado à mesa e tomei o café da xícara quente e úmida. E cada vez, quando eu a levava à boca e sorvia um gole do líquido quente e espesso, eu sentia o cotovelo cuidadosamente em contato com a redinha de peixes.

Isso era semelhante a como quando o meu cachorro se sentava atrás de mim e metendo o nariz úmido e gelado no meu cotovelo, discretamente me lembrando da sua presença. O contato era agradável e eu não mudei de posição enquanto não terminei de tomar todo o café.

Considerações Finais

A idéia de pesquisar a literatura produzida durante o degelo partiu de uma necessidade de explorar esse período tão pouco estudado no Brasil. Eleger um escritor como Fazil Iskander para ser traduzido significa enveredar não somente pelos caminhos da língua russa, mas também nas particularidades de uma narrativa que contrasta a linguagem coloquial, preenchida por traços líricos, com o burocratismo e o discurso demagógico soviético.

Para compreender os meandros de um texto tão rico, fez-se necessário uma incursão pela época da produção de *A constelação do capriuro*, com as suas implicações sociais, culturais e políticas que motivaram uma resposta crítica da parte de Iskander.

A sátira do autor, além de desvelar problemas da época (a febre das campanhas de Khuchev e a ciência do absurdo de Lysenko) traz à tona uma questão que remete à própria natureza da formação do estado soviético: o multinacionalismo. Nesse contexto, a complexidade que tal natureza confere às relações sociais, culturais e, até mesmo subjetivas, deu origem a uma literatura tão diversa, da qual Iskander faz parte, e que sequer é possível categorizá-la de maneira satisfatória. Muitos escritores não-russos da URSS assumiram o problema, cada um a sua maneira, numa tentativa de solucioná-lo.

Na obra de Iskander, essas características tomam corpo, criando um universo próprio de questionamento, seja por meio do riso satírico, do lirismo, das recordações nostálgicas da pátria e da infância, ou das reflexões filosóficas sobre o homem e a sociedade.

Referências Bibliográficas

ABOLLADO, Luis. **Literatura rusa moderna**. Barcelona: Labor, 1972.

ALEXEYEVA, Ludmilla; GOLDBERG, Paul. **The Thaw generation**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1993.

ANDRADE, Homero Freitas de. **Um coração de cachorro e outras novelas**. São Paulo: Edusp, 2010

AUBERT, Francis Henrik. “Indagações acerca dos Marcadores Culturais na Tradução”. In: **Revista de Estudos Orientais**. N°5, pp 23-36, 2006.

BAKHTIN. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

_____. **Questões de literatura e estética**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2010.

BENJAMIN, Walter. “A tarefa - Renúncia do tradutor”. Tradução de Susana Kampff Lages In: **Clássicos da teoria da tradução**. Vol 1. (Org. Werner Heidermann). Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

BERGSON, Henri. **O riso**. Tradução de Guilherme de Castilho. Lisboa: Guimaraes Editores, 1993.

BERNARDINI, Aurora. “A tradução e Haroldo de Campos” In: **Revista de Estudos Orientais**. N°5, pp 59-64, 2006.

BROWN, Deming. **Soviet Russian Literature since Stalin**. New York: Cambridge University Press, 1989.

_____. **The last years of Soviet Russian literature.** New York: Cambridge University Press, 1993.

BROWN, Edward. **Russian literature since the revolution.** Cambridge: Harvard University Press, 1982.

CAVALIERE, Arlete Orlando. “Traduzir Gógol: um problema da teoria e prática da tradução criativa”. In: **Revista de Estudos Orientais**. N°5, pp 171-178, 2006.

_____. “A magia das Máscaras”. In: GÓGOL, N. **O nariz & A terrível vingança.** Tradução de Arlete O. Cavaliere. São Paulo: Edusp, 1990.

_____. **Teatro russo: percurso para um estudo da paródia e do grotesco.** São Paulo: Humanitas, 2009.

CLARK. Katerina. **Soviet Novel – History as Ritual.** London/ Chicago: the University of Chicago Press, 2000.

CORNELL, Svante. **Small nations and great powers.** London/New York: Routledge Curzon, 2001.

DUDINTSEV, Vladímir. **Nem só de pão vive o homem.** Rio de Janeiro, Andes, 1958.

EHRENBURG, Ilya. **O degelo.** Tradução de José Guilherme Mendes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.

EMERSON, Caryl. **The Cambridge introduction to Russian literature.** Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2008.

ERCHOV, Leonid. **Satira i sovremennost’.** Moscou: Sovremennik, 1978.

FRANKEL, Edith Rogovin. “Literature and Politics under Khrushchev: The Return of Tvardovskii to Novyi Mir”. In: **Russian Review**, Vol. 35, No. 2 (Apr., 1976), pp. 155-172.

GROYS, Boris. **Obra de arte Total Stalin**. Valencia: Pre-textos, 2008.

HARBER, Erica. **The Myth of the Non-Russian – Iskander and Aitmatov’s Magical Universe**. Lanham, Maryland: Lexington Books, 2003.

HIGHET, Gilbert. **The Anatomy of Satires**. Princeton: Princeton University Press, 1962.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

ISKANDER, Fazil. **Sozvezdie kozlotura**. Moscou: Vremia, 2004.

_____. **La Constelación del cabrotur**. Tradução de J Fernandez Sanchez. Madrid: la Fontana literaria, 1974.

_____. **The Goatibex Constellation**. Tradução de Helen Burlingame. Ann Arbor, MI: Ardis, 1985.

_____. **La constellazione del caprotoro**. Palermo: Sellerio Editore Palermo, 1992.

_____. **Sandro iz Tchegema**. Moscou: Sovietskii pissatel’, 1991.

_____. “Mal’tchik i voina”. In: **Proza novoi Rossii 2**. Moscou: Zagrius, 2003.

_____. **Put’ iz variag v greki**. (obras completas vol. 1). Moscou: Vremia, 2008.

_____. “Fooling with words”. In: **Index on Censorship**. N°5, 1988, pp 19-20.

IVANOVA, Natalia. **Smiekh protiv strakha, ili, Fazil Iskander**. [O riso contra o medo, ou Fazil Iskander] Moscou: Sovietskii pissatel’, 1990.

KANEVSKAYA, Marina. "The shortest path to the truth: Indirection in Fazil Iskander" In: **The Modern Language Review. Modern Humanities Research Association**, vol. 99, n°1, 2004.

KELLY, Catriona; SHEPHERD, David. **Russian cultural studies**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2004.

KAYSER, Wolfgang. **O grotesco**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LAIRD, Sally. **Voices of Russian Literature: Interviews with Ten Contemporary Writers**. Oxford University Press, 1999.

LUCKYJ, Georges S.N (editor). **Discordant voices: The non-Russian soviet literatures, 1953-1973**. Oakville: Mosaic Press, 1975.

MARSHAL, Alex. **The Caucasus under the Soviet rule**. London/New York: Routledge, 2010.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MILTON, John. **O poder da tradução**. São Paulo: Ars Poética, 1993.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

OTTONI, Paulo (Org.). **Tradução: A prática da diferença**. Campinas, Editora da Unicamp, 2005.

PISMENNY, Yury. "O conceito soviético de sátira e humor". In: **Conflito e controle na literatura soviética**. Tradução de Donalson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965.

PORTER, Robert. **Four Contemporary Russian Writers**. New York: Berg, 1989.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Tradução de Aurora F. Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

_____. **Uma revolução perdida a história do socialismo soviético**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

ROSENFELD, Anatol. “A visão grotesca”. In: **Texto/Contexto I**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ROTHBERG, Abraham. **Os herdeiros de Stalin: A dissidência e o Regime Soviético, 1953-1970**. Tradução de Edilson Alkimim Cunha. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1972.

RYAN-HAYES, Karen. **Contemporary Russian Satire**. New York: Cambridge University Press, 2006.

SALES, Denise Regina de. **A sátira e o humor nos contos de Mikhail Zóchtchenko**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Tese de Mestrado. Orientador: Noé Silva.

SCHLEIERMACHER, Friedrich “Sobre os diferentes métodos de tradução”. Tradução de Margarete Von Muhlen Poll. In: **Clássicos da teoria da tradução**. Vol 1. (Org. Werner Heidermann). Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Os escombros e o mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Tradução, ato desmedido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. “Lições universais de um tradutor russo” In: **O Estado de S.Paulo. Caderno 2/Cultura** São Paulo, 15 fev. 2004. p. 7.

_____. “Dilemas de uma tradução: o Senhor Prokhardtchin de Dostoievski” In: **Revista de Letras Assis**, n. 17, p. 279-289, 1975.

_____. **Dostoiévski: prosa e poesia**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. “Paródia e ‘Mundo do riso’”. In: **Revista Tempo Brasileiro**, nº62, 1980.

SERRANO, Cristina Ruiz. “El realismo mágico de las últimas décadas en Hispanoamérica y Rusia: ¿Hibridez o desaparición?” In: **Anales - Instituto Ibero Americano**, nº11, 2008.

SERVICE, Robert. **The Penguin history of Modern Russia**. London: Penguin Books, 2009.

SILVA, Noé. “Apontamentos de um tradutor de Tolstói”. In: **TradTerm**, nº14, 2008.

SLONIM, Marc. **Escritores y problemas de la literatura soviética 1917-1967**. Madrid: Alianza Editorial, 1974.

SOLJENITSIN, Aleksandr. *Um dia na vida de Ivan Denissovitch*. Tradução de Roberto leal Ferreira. São Paulo: Siciliano, 1995.

TODOROV, Tsvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução Maria Clara Correa. Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.

VENCLOVA, Tomas. “La literatura Soviética no Rusa”. In: **Revista de Letras Libres**. Agosto, 1987.

VINOGRADOV, Igor. “Russkaia prosa tchegemskovo mudretsa Fazilia Iskandera”. In: **Dukhovnye iskaia pusskoi literatury**. Moscou: Russkii put’, 2005.

VOLKOGONOV, Dmitri. **Os sete chefes do império soviético**. Tradução de Joubert de Oliveira Brizida. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

WAEAGEMANS, Emmanuel. **Historia de la literatura Rusa desde el tiempo de Pedro o Grande**. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 2003.

WACHTEL, Andrew; VINITSKY, Ilya. **Russian literature**. Cambridge: Polity Press, 2009.